



Tiago Rebello

ROMANCE

O mundo perfeito de um homem
é abalado por uma traição.

Até onde nos pode levar a busca
pela felicidade? Conseguiremos
sempre resistir ao desejo?

Eu e as mulheres da minha vida



ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Tiago Rebello

ROMANCE

O mundo perfeito de um homem é abalado por uma traição. Até onde nos pode levar a busca pela felicidade? Conseguiremos sempre resistir ao desejo?

Eu e as mulheres da minha vida



Ficha Técnica

Título original: Eu e as Mulheres da Minha Vida

Autor: Tiago Rebelo

Paginação: Leya

ISBN: 9789892335025

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2003, Tiago Rebelo © desta edição:

2016, Tiago Rebelo e edições Asa II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita
a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

TIAGO REBELO
EU E AS MULHERES
DA MINHA VIDA

A pergunta era bem mais complicada de responder, se lhe dêssemos uma conotação séria, mas numa almoçarada entre velhos amigos, só homens, que acontecia de tempos a tempos, bastava-me um pouco de bazófia machista. Porque é que um homem trai a sua mulher? Pela mesma razão que sobe à montanha: porque ela (a outra) está lá.

O meu nome é Zé, tão banal quanto a minha vida. Funcionário bancário, acomodado a um emprego razoavelmente bem pago, mas sem nada fazer para conseguir a promoção que já poderia ter vindo há muito, aconteceu-me passar pela vergonha de só ver a minha dignidade profissional ser defendida pelo meu filho, de nove anos. Um dia, o Quico esmurrou um colega por minha causa. O outro disse-lhe que o seu pai era melhor do que o dele e, bem, basicamente, que eu não prestava para nada. É daquelas situações que dão que pensar. Por razões óbvias, não podia enaltecer a atitude do meu filho. Vontade não me faltava, mas como também não estava disposto a admitir que, de facto, eu não era grande coisa, fiquei-me pelo sermão da ordem e expliquei-lhe que os problemas não se resolvem ao murro. Mas confesso que me senti deprimido. Ali estou eu, meio deitado no sofá, ao serão, agarrado ao comando da televisão, obeso e relaxado, ao lado da minha mulher obesa e relaxada — estão a reconhecer a cena? —, sem qualquer interesse por nada, sem força anímica para coisa alguma, deixando-me hipnotizar pela televisão. Não me orgulho de o dizer, mas é necessário reconhecer, o meu lugar no sofá tinha a forma do meu corpo. E é preciso vir o meu filho e pumba, dar um murro no colega para me abanar a consciência.

Verdade seja dita, o murro do meu filho não foi suficientemente poderoso para mudar a minha vida. Funcionou assim como uma chamada de atenção, mas mudar não. Se mudássemos de cada vez que algo nos abala, não fazíamos mais nada na vida, pois não? Exacto. E eu já me habituara tanto a não fazer nada de especial que mais vergonha, menos vergonha não ia mudar coisa nenhuma. Para mim, a felicidade era aquilo que eu tinha, uma existência fácil, resignada, um emprego seguro, uma mulher que me amava, um filho que me defendia. Era pouco ambicioso, bem sei, mas talvez a felicidade não passasse disto, ou talvez eu não acreditasse na felicidade dos livros e dos filmes, que nos fazem pensar que podemos concretizar todos os nossos desejos, desde que tenhamos força de vontade e coragem para nunca desistirmos. Os livros e os filmes ajudam-nos a ter uma perspectiva mais positiva do mundo que nos rodeia, provocam a nossa imaginação, desafiam-nos a sair dos casulos em que temos tendência para nos enfiarmos por nos parecerem mais seguros, como se os nossos problemas desaparecessem só por nos escondermos atrás de uma rotina tranquila e inofensiva. Fosse como fosse, eu não pegava num livro há anos e não ia muito ao cinema. E, nessa época, quando decidi ir, deu asneira.

Como muitas vezes acontece na nossa vida, a minha deu uma enorme cambalhota quando eu menos esperava. A esta improvável reviravolta chamei, ainda que em segredo, o Factor Bellucci. Bellucci, aliás Cátia-super-parecida-

com-a-Mónica-Bellucci, era a deusa do banco, a mulher mais bonita entre nós, mortais bancários. Cátia caminhava acima de nós, noutra patamar, com umas pernas compridas que não podiam ser reais. Eu costumava vê-la passar nos corredores do banco e não me lembro de alguma ocasião em que, tendo-me cruzado com ela, não tivesse ficado a olhar. Era simplesmente impossível seguir em frente sem dar uma espreitadela discreta por cima do ombro. Discreta achava eu, claro, pois surpreendi muitos dos meus colegas a fazerem a mesma figura de parvos. Em todo o caso, quando nos cruzávamos trocávamos um bom-dia ou boa-tarde sem história e lá íamos à nossa vida. Não havia conversa, eu não tinha conversa para ela, imaginava-me a arriscar-me a meter-me com ela e tinha a certeza de que iria arrepender-me para sempre. Ela era demasiado bonita e eu demasiado patético, ou, nessa época de fraca auto-estima, achava que sim.

Como é que Cátia se tornou minha amante é uma história não muito comprida que saberão mais lá para a frente. O que interessa agora é que foi muito mais fácil do que eu estava à espera — embora eu nem sequer estivesse à espera — e aconteceu na mesma altura em que fui promovido a director — que também não estava à espera. Algumas almas mais cínicas estarão a pensar *ah, pois...* mas enganam-se. O primeiro contacto transcendente com esta mulher incrivelmente bonita foi *antes* da minha promoção. Não nego que o sexo veio depois, mas, que diabo, o trabalho de sapa já estava feito. Moral da história: não há mulheres impossíveis, eu é que não sabia. E não sejamos hipócritas, o primeiro homem que nunca pensou em enganar a sua mulher que atire a primeira pedra. E a primeira mulher que nunca pensou em desembaraçar-se do seu marido que... *okay*, deve haver algumas, não atirem pedras.

Agora, olhando para trás, não tenho dúvidas em dizer que foi um erro. E também não tenho a menor dúvida de que foi um daqueles erros muito, mas mesmo muito difíceis de evitar. A beleza de Cátia, a excitação, o sabor a vitória, tudo isso foi inebriante nos dias subsequentes à grande queca. Andava extasiado com a enormidade da minha conquista. Quer dizer, não se tratava apenas de uma mulher vulgar, gira, engraçadinha, por quem nos entusiasmos e pode ou não acontecer irmos parar à cama dela, se não travarmos a tempo e dissermos, tenho que ir para casa senão a minha mulher mata-me. Reparem, a alcunha de Cátia no banco era Bellucci, isto não vos diz nada? Claro que os tipos mais ressabiados referiam-se a ela como a burra da Bellucci, mas todos sem excepção adorariam estar no meu lugar — se soubessem, evidentemente.

Cátia não era burra, o problema de Cátia, que me favoreceu no início e me tramou no final, era a solidão. Parece um paradoxo, mas se virmos melhor não é assim tão estranho. Cátia nascera abençoada por uma beleza acima da média, podia ter-se tornado modelo internacional, atriz de cinema, apresentadora de televisão, enfim, podia ter alcançado a fama e a fortuna, mas isso não acontecera talvez por não ter vocação para nenhuma dessas

profissões ou, simplesmente, porque nunca fora descoberta. Cátia vivia sozinha em Lisboa, longe da família e dos amigos e tinha um emprego banal. Era bonita, mas tímida e sem o menor jeito para usar a seu favor essa vantagem, para a esmifrar o melhor possível. Em última instância, a beleza só lhe trazia contrariedades, pois intimidava os homens e afastava-os e aguçava a inveja das mulheres.

A solidão de Cátia tornou-a tão dependente de mim que começou a ser asfixiante. Sabem quando adoramos uma música linda que, a partir de certa altura, de tanto a ouvirmos passamos a achá-la enjoativa? Pois, já vejo sobrolhos levantados, não foi o melhor exemplo, Cátia era uma pessoa, não era uma música nem uma lata de Coca-Cola que deitamos fora quando já não nos apetece mais. Mas que a relação com ela transformou-se num problema de grandes proporções, isso é um facto indesmentível. E que eu não a amava, também. Eu adorava o conceito, ter um caso com a mulher mais bonita do banco, e como tal não queria abrir mão dela, mesmo sem saber o que fazer com ela. Andava baralhado e a afundar-me num problema que acabou por deixar-me numa situação impossível.

Cátia não foi a única. Como se estivesse empenhado em complicar ainda mais a minha vida, comecei a sair com outra mulher. Havia um certo deslumbramento a conduzir as operações. Apesar de todas as dificuldades, do cansaço, de me distrair das responsabilidades do meu novo cargo no banco, que me solicitava disponibilidade e concentração totais, eu era um homem novo, ou melhor, eu era como um jovem exuberante a descobrir as possibilidades da vida, a desconstracção em pessoa, caminhando em cima do arame.

Poder-se-ia dizer que eu entrara na crise dos quarenta, só que tudo isto estava a acontecer-me nos meus trinta e cinco, de modo que, se era esse o caso, eu tinha-me adiantado cinco anos. Mas, a avaliar pelos sintomas, era mesmo a crise dos quarenta. O meu filho acordara-me de uma longa letargia com a força de um murro na barriga — e no nariz do colega dele — e eu assustara-me com aquilo em que estava a transformar-me. O tempo estava a correr e eu, acomodado, tinha parado algures, não sabia bem onde. Os sintomas: o meu casamento não era bom nem mau, simplesmente não me incomodava, a minha mulher já não se esforçava para me seduzir e eu gostava dela mas não me entusiasmava com ela. O emprego era isso, só um emprego, um mal necessário, um lugar onde passava os dias fazendo o menos possível para não morrer de fome. Nada de carreira cheia de stresse, nada de pedalar a duzentos por cento para marcar a diferença, para ultrapassar a malta toda e ser considerado o próximo tipo a promover. Em casa preferia adormecer no sofá em frente à televisão; no banco preferia bater as teclas do computador com dois dedos, fitando o ecrã como um sonâmbulo.

A maioria das pessoas que ganham o primeiro prémio do euromilhões fica extasiada de felicidade, se bem que depois não faça a menor ideia do que fazer com aquele dinheiro todo, para além das compras da ordem, um

carrinho, uma casinha e tal. Eu senti-me exactamente da mesma maneira. Fui promovido sem o merecer, tive sucesso com as mulheres sem fazer nada de especial para isso e, bem, geri a minha nova situação de um modo desastrado. A parte boa é que pelo menos agora já não andava a boiar na pasmaceira, já não era o cromo do sofá e o meu filho já não precisava de esmurrar os colegas porque os pais deles eram melhores do que o dele.

Mas novas questões se colocavam. Como desfazer a embrulhada em que me metera ao iniciar o caso com Cátia e, já agora, como resolver o caso com a minha segunda namorada do momento, que me obrigava a entrar em autênticas loucuras por umas horas de sexo — sexo bom, há que admiti-lo; perguntava-me se queria ficar com uma, com as duas ou com nenhuma; como salvar o meu casamento, se é que, no fundo, o queria mesmo salvar; como encontrar um equilíbrio, de maneira a conseguir ter rendimento no banco e provar que a promoção para o meu novo cargo não havia sido afinal um mero erro de *casting*. Eu precisava de me organizar e isso, conforme vim a descobrir, era o mais difícil de tudo. Que diabo, de repente eu tinha três mulheres, um filho, um gabinete novo e carro de empresa. O que é que poderia querer mais? Talvez um pouco da paz de antigamente?

Agora, passados uns anos, depois de tudo acontecer, não garanto que seja muito mais feliz, mas sou um homem diferente. Perdi coisas boas, ganhei outras igualmente boas. Passei por uma fase difícil, tomei decisões erradas e redimi-me com outras tantas correctas. Já não me abrigo no conforto do meu sofá, agarrado ao comando da televisão, anestesiado, sem me permitir pensar, nem que vagamente. Consegui libertar-me dos meus medos, das minhas inseguranças e prefiro acreditar que a felicidade se vai construindo desde que nos esforcemos por isso. Descobri que quando estamos satisfeitos com o pouco que temos e já não nos abana a vontade de conquistar nada, já não nos interessamos por nada, estamos metidos num bom sarilho. Contudo, houve alturas em que morri de saudades de pelo menos uma parte dessa minha existência fácil, prostrada e desinteressante. A vida é mesmo assim, não é? Somos tentados pelo desconhecido e mordidos pela nostalgia do passado.

«Merda», resmungou Zé, ao ver pela manhã a sua fraca figura reflectida no espelho da casa de banho, enquanto se coçava distraidamente entre as pernas, «estou velho». Tinha trinta e cinco anos. Ouviu Graça a retilar com o miúdo para que se vestisse, mas não ligou. Era apenas a música de fundo do costume. Passou o rosto por água para se barbear. Contemplou com tristeza a barriga e encolheu-a num esforço ilusório para se fazer magro, até lhe faltar o ar e ser obrigado a deixar cair as banhas novamente para o seu estado natural. Inclinou-se um pouco para a frente e passou uma mão impotente pelo cabelo. *Zé, pensou, há uma auto-estrada a avançar pela tua cabeça.* Não passava de um princípio de careca, a partir de trás, mas achou que já era uma catástrofe. Fez um esgar de desânimo e encolheu os ombros. Depois começou a espalhar lentamente o sabão pelo rosto para fazer a barba com a mesma lâmina descartável que usava havia uma semana, porque só de manhã reparava que se tinha esquecido de comprar lâminas novas na véspera.

Graça surpreendeu-o com três pancadas fortes na porta da casa de banho.

— Vais chegar atrasado! — ouviu-a dizer do outro lado da porta.

— Merda — rosou, vendo que se cortara no queixo com o sobressalto.

— Sim, querida... — suspirou.

Um fio de sangue escorreu-lhe pela cara e, sempre que isso acontecia, era um sarilho. Agora, aquela porcaria nunca mais ia parar. Quando se cortava a fazer a barba, ia para o banco com papelinhos colados à cara e tinha de ouvir piadinhas estúpidas dos colegas logo pela manhã. Mas hoje não, hoje haveria de se lembrar de tirar o papelinho antes de chegar ao escritório.

Saiu do banho irritado com as pequenas gotas de sangue que pingaram do queixo para o tapete, manchando-o de vermelho-vivo. Rasgou um bocadinho de papel higiénico e colocou-o na ferida para a estancar.

Pôs o relógio no pulso. Oito e trinta da manhã. Não queria chegar atrasado, prometeu a si próprio que não se atrasaria. E cumpriu.

Nove e trinta. Não só chegara a horas, como também antes do sacana do chefe. Zé sentou-se à secretária, ligou o computador, espalhou uns papéis por cima da mesa e recostou-se na cadeira a desfrutar daquela pequena vitória.

— Ó Figueiredo — chamou-o o colega, o Pestana, um cretino, na opinião de Zé. — Eu sei que tens cara de cu, mas escusavas de deixar bocados de papel higiénico agarrados ao queixo quando a limpas.

Merda!, pensou, *esqueci-me outra vez do papelinho.*

— Ah, ah, que engraçado — respondeu-lhe, azedo. — Cortei-me a fazer a barba.

Cara de cu, o caraças!

Pronto, tinha a manhã estragada. Mas porque é que não mandava o Pestana pôr-se na alheta quando o tipo o vinha chatear? Zé sabia bem a resposta: porque não era capaz de ofender ninguém, *porque és um tanso!!!* pensou, desconcertado.

Dez horas. Ainda não tinha feito nada, nadinha, nem sequer escrevera uma

vírgula. Já sabia que ia ficar perturbado o resto do dia por causa daquilo do Pestana. O que o incomodava não era o Pestana, era a sua própria incapacidade para responder às provocações do colega.

— Bom dia, Figueiredo.

— Bom dia, chefe.

— Aquele *dossier* da agência de Setúbal já está pronto?

— Praticamente, chefe.

— Veja lá, Figueiredo, que eu preciso disso para ontem.

— Esteja descansado, chefe.

Quando o chefe pedia alguma coisa, era sempre para ontem, mesmo quando não era. O chefe era todo palmadinhas nas costas, todo sorrisos hipócritas, mas sempre a lixar-lhe a vida. «Desculpe lá Figueiredo, mas este ano não há aumentos para ninguém, só reajustamentos. Se não fosse aquela coisa da guerra do Iraque. Mas vai ver que para o ano já estaremos melhor.» Para o ano, ah! No ano passado tinha sido a mesma conversa, mas com «aquela coisa do 11 de Setembro» tudo servia de desculpa para enrolar os sindicatos nas negociações. Se o banco passara alguma vez por uma aflição, Zé nunca tinha dado por nada. Tretas. Por isso, o chefe que esperasse pela porcaria do relatório da agência de Setúbal. *Não há dinheiro, não há palhaços, e este palhaço vai mas é almoçar*, pensou Zé. Mas olhou para o relógio e ainda nem era meio-dia. Bom, não podia sair já, mas também não tencionava fazer a ponta de um corno até à uma da tarde.

Foi almoçar sozinho, ali a dois passos do banco, numa pastelaria na Avenida da Liberdade que servia uma sopa do dia catita e uns croquetes aceitáveis. Sentou-se numa mesa solitária a cismar com o Pestana, preocupado com a possibilidade de o colega ter contado aos outros que o apanhara com um papelinho na cara e lhe chamara «cara de cu». Pensando melhor, o mais provável era o Pestana nem se ter lembrado mais disso. Zé tinha aquela tendência para achar que as pessoas estavam sempre a julgá-lo e a falar dele nas costas. *Chama-se a isso insegurança*, recriminou-se.

Olhou para a porta da pastelaria e viu a Bellucci. Ficou com a colher da sopa a meio da boca aberta, a mão a tremer e o coração exaltado. A Bellucci era a brasa da contabilidade, olhos castanhos amendoados, sobancelhas finas, cabelo castanho liso, um pouco abaixo dos ombros, nariz afilado e lábios carnudos, maminhas durinhas a apontar para o céu, e umas pernas compridas que não podiam ser reais. Chamava-se Cátia e era parecida com a Monica Bellucci, a atriz italiana que fazia de Cleópatra no último *Astérix & Obélix*. Por isso lhe tinham dado aquela alcunha no banco.

Cátia olhou em redor. Não havia mesas vagas. Ele observou-a, esperançado. Os olhos dela cruzaram-se com os de Zé. Acenou-lhe, da porta, e Zé fez-lhe sinal para que se juntasse a ele. Cátia hesitou. *Vem para aqui, vem para aqui, vem para aqui...* Ela decidiu-se e foi ao seu encontro. *Yes!*, exultou, como quem marca um ponto.

— Olá, Figueiredo — cumprimentou-o, fazendo uma boquinha queridinha

que lhe derreteu o coração. — Será que se importa de oferecer um lugarzinho a esta pobre esfomeada sem mesa?

Se me importo?, pensou, *eu até pagava para te sentares aqui.*

— É claro que não! — disse, erguendo-se ligeiramente da cadeira, talvez um pouco depressa de mais, apontando para a que estava livre. — Sente-se, Cátia.

— Ai, que bom, obrigada, é tão difícil arranjar um lugar a esta hora.

— Veio sozinha? — perguntou. E pensou: *Não, Zé, veio com o amigo invisível. Parece que és estúpido.* Foi o que lhe saiu. Paciência.

— Vim — confirmou Cátia. — Não arranjei ninguém para vir comigo.

— Não? — estranhou.

— Não — sorriu. — Porquê?

— Por nada, quero dizer, há tanta gente...

— Não somos assim tantos, no meu departamento.

— Pois — abanou a cabeça —, pois não.

— E eu fiquei a acabar uma coisa, quando dei por mim, já não estava lá ninguém.

Fez-se um silêncio. Zé teve vontade de lhe perguntar como é que uma rapariga como ela, inteligente, linda de morrer, umas pernas compridas que não podiam ser reais, acabava enfiada num gabinete de um banco? Como é que ela não era manequim, estrela de cinema ou... hospedeira? Mas isso soou-lhe a conversa de engate, num bar, talvez, à uma e meia da manhã e agora era uma e meia da tarde e estavam numa pastelaria. Além de que lhe pareceu que a conversa da treta não seria propriamente a melhor estratégia para a cativar, fosse a que hora fosse.

Veio o empregado, graças a Deus, e o assunto mudou para a sopa.

— Está ótima — recomendou Zé. — Peça à vontade.

— Pode ser — concedeu ela —, mas não muito quente.

O empregado foi-se. Novo silêncio, e Zé a começar a ficar embaraçado. Que gaita, ela devia achá-lo um idiota chapado. Tamborilou os dedos nos lábios, ao mesmo tempo que pensava desesperadamente em qualquer coisa inteligente para lhe dizer. Do que ele gostava mesmo era que o cretino do Pestana aparecesse ali agora e o visse na companhia de Cátia. Caíam-lhe os tomates ao chão, pensou.

— O que é que está a pensar, Figueiredo? — perguntou Cátia, interrompendo-lhe o devaneio.

— Hã, eu? Nada de especial.

— Ah, é que estava com um ar tão concentrado.

— Estava na Lua, não estava? — sorriu, sem graça.

— Parecia.

— Pois, não, estava a pensar que... como é que você não é casada? — Nem podia acreditar que tivesse dito aquilo. Ela abriu muito os olhos e soltou uma risadinha:

— Porquê?!

— Porque... porque, sei lá, porque uma rapariga como você não deve ter falta de pretendentes.

— Não?

— Não. — Ela não estava a facilitar-lhe a vida. Era para aprender a estar calado. — Quer dizer, você é bonita, simpática... — Sorriu, a pensar, *Que idiota, meu Deus*.

— Que simpático.

— Não, a sério, não estou com certeza a dar-lhe nenhuma novidade.

— É sempre bom ouvir essas coisas. Mas, olhe, vou dizer-lhe um segredo — inclinou-se um pouco para a frente. Zé fez o mesmo.

— Uma sopa não muito quente e uma água natural sem gás — interrompeu o empregado, colocando as coisas na mesa.

— Obrigada — agradeceu ela, endireitando-se na cadeira enquanto o homem a servia. — Como eu estava a dizer — voltou a inclinar-se para a frente, logo que o empregado se retirou —, em primeiro lugar não há muitos homens realmente interessados em casar.

— Não? — estranhou Zé.

— Não — confirmou. — Normalmente, estão mais interessados numa mulher só para o que é que é. — *Uau!*, pensou ele, a conversa está a aquecer. — Em segundo lugar — continuou Cátia —, isto de ser bonita não é tão fácil como se julga. A maior parte dos homens sente-se intimidada e nem se aproxima.

— A sério? — disse. *Eu que o diga*, pensou.

— A sério e isso é... olhe — fez um gesto com a cabeça na direcção da porta —, aqueles não são os seus colegas?

Eram mesmo. Caramba, que sorte, lindo!

— São — assentiu Zé. — Acenou-lhes e voltou a concentrar-se nela, sem lhes prestar muita atenção. Os colegas acenaram também e foram até ao balcão.

Depois Zé não ouviu mais nada do que Cátia disse. Esteve sempre com um olho no balcão. Lá estava o Pestana, a beber a bica, a espreitar por cima da chávina, a segredar qualquer coisa aos outros, os outros a olharem de esguelha para a mesa deles, a virarem-se para o Pestana, a fazerem que sim com a cabeça. Aquilo seria um sinal de aprovação? Estaria ele a detectar sinais de admiração da parte dos colegas?

— Veja lá — disse Cátia — se quer ir ter com os seus colegas...

— Não, de maneira nenhuma. Estava a dizer?

— Estava a dizer que... — Mas Zé não a ouvia. Eles a olharem. Quis mostrar-se mais informal, mais íntimo. Atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhadinha, como se estivessem os dois a gozar à brava. Assim como assim, como não tinha a menor hipótese de levar alguma coisa de uma mulher como a Bellucci, pelo menos que ela lhe servisse para deixar o Pestana na merda.

Quem é que é o cara de cu agora, há?

— De que é que se está a rir? — espantou-se Cátia. — Acha assim tanta graça ao meu problema?

— Não, não, é claro que não. — Pôs-se sério. — Problema?

Voltaram para o banco em ritmo de passeio. Cátia parecia bastante agradada com a companhia dele e Zé sentiu-se bem como não lhe acontecia há muito.

— Figueireedo! — esganiçou-se o colega, quando Zé voltou do almoço — O que era aquilo que eu vi?!

— Aquilo, o quê? — disse Zé, sentando-se à secretária.

— Aquiiilo! — Pestana abriu os braços. Não era óbvio? — Tu e a Bellucci a almoçarem.

— Ah, isso... — Encolheu os ombros. — O que é que tem?

— O que é que tem?! Estás a gozar comigo?

— Não, o que é que tem? — Colocou as mãos atrás da cabeça e rodou a cadeira, ficando de frente para o Pestana. — Sou amigo dela.

— Ai, és?

— Sou. — Pronto, não se podia dizer que fosse um amigo muito chegado, mas, tecnicamente, não era mentira nenhuma.

E mesmo que fosse, só para fazer inveja ao colega, até estava capaz de lhe dizer que a conhecia desde pequenina.

Atirou-se que nem um leão ao relatório da agência de Setúbal. Ficaria pronto ainda hoje, sem problema.

Plim! A palavra *message* começou a piscar no computador de Zé.

«Olá, colega de almoço.»

Não é possível! Zé ficou a olhar para o ecrã, hipnotizado. «Está aí alguém?»

Escreve qualquer coisa, Zé.

«Olááá!!!»

Escreveu. Uma resposta jovial, estava bem.

«É só para dizer que eu não sou casada, mas já vivi com um namorado.»

«Ah, bom... coisa recente?»

«Sim.»

«Estou a ver.»

«Pois... era bom mas acabou-se.»

«Não se preocupe. Há-de aparecer-lhe outro muito melhor.»

«Obrigada pela simpatia.»

«De nada.»

«Se todos fossem assim como você...»

Se todos fossem assim como eu? O que é que ela queria dizer com aquilo?

«Assim, como?»

«Assim, simpático, compreensivo.»

«Ah... pois.»

«Figueiredo, será que podemos almoçar outra vez, se quiser, claro. Um

dia destes, talvez...»

É claro que podemos, pensou. Espera... E se fosse alguém do departamento a gozar com ele? Ergueu-se na cadeira e espreitou por cima do computador, investigando os colegas. Não, que estupidez, como é que eles sabem do que eu falei com ela ao almoço?

É mesmo ela, claro está que é.

«Claro, amanhã?»

«Então, está combinado. Amanhã. Beijos.»

«Beijos.»

Beijos? Beijos?!?! *A Bellucci a mandar-me beijos?! Deixou-se cair para trás na cadeira, extasiado.*

Não conseguiu acabar o relatório da agência de Setúbal. Nem lhe tocou, como é que podia? Ficou o resto da tarde a olhar para o ecrã do computador e a sonhar, em contemplação informática. Fantasias. Imaginou que do próximo almoço ia nascer uma cumplicidade profunda entre eles e que ia convidar Cátia para um cafezinho depois do trabalho e ela ia dizer logo que sim, ansiosa por passar umas horas a sós com ele. Iriam encontrar-se furtivamente num café de bairro, cheio de velhos indecentes a fingirem que liam *A Bola* enquanto espreitavam por cima do jornal e se babavam a admirar as pernas dela. Viu-a a fixá-lo com uns olhinhos suplicantes e a dizer-lhe, entre o fumo dos seus cigarros, que não aguentava mais, que precisava de o ter só para ela, que queria unir-se a ele para serem como duas almas gémeas. Iriam para casa dela, fariam amor urgente e acabariam os dois nus na cozinha, com a porta do frigorífico aberta, a fazerem coisas esquisitas um ao outro, a besuntarem-se com as compotas e o mel, como no filme *Nove Semanas e Meia*. Ah, como era bom sonhar...

— Figueiredo?

— Sim, chefe?

— A dormir em serviço?

— Não, chefe, só estava a...

— O meu relatório, já está pronto?

— Praticamente, chefe, praticamente.

Zé gostava de se sentar no sofá da sala a seguir ao jantar, escorregar com as pernas estendidas até ficar quase deitado, com o comando da televisão na mão e dedo leve no gatilho. Era capaz de ficar naquilo durante horas, dono e senhor dos quarenta e tal canais, sem ver nenhum em especial, enquanto Graça se encarregava de deitar o miúdo, de arrumar a cozinha e fazer uma máquina de roupa. Depois ela vinha, sentava-se ao seu lado, e daí a pouco já estava a refilar que ele não parava quieto com o comando e que naquela casa nunca se conseguia ver nada em condições e ele acabava por se render à novela que ela gostava de seguir. A porcaria da novela passada em África ou a da empregada que andava com o filho do patrão ou lá o que era. Normalmente, Zé terminava o serão a rressonar no sofá e dali arrastava-se directamente para a cama.

Mas hoje Zé não estava nada interessado na televisão. Claro está que fez o número do costume, foi mudando de canal sistematicamente até Graça se queixar. Só para cumprir a rotina. Mas nem se deu ao trabalho de discutir. Limitou-se a ficar sentado, com um olhar vago na direcção do televisor e a pensar em Cátia.

Ainda agora lhe parecia impossível que ela o tivesse convidado para almoçar novamente. Aquilo dava que pensar. Que diabo é que uma mulher como a Bellucci podia ver num homem como Zé? Na sua óptica, nada. Mas, evidentemente, ele não era a pessoa certa para se avaliar, porque não tinha uma boa opinião de si mesmo. Achava-se um pouco, digamos, desinteressante. Totalmente desinteressante, para ser honesto. Fisicamente estava um desastre. Não seria exactamente obeso, mas que estava com uns bons nove ou dez quilos a mais, lá isso estava. E não era só ele, pensou, dando uma espreitadela a Graça, como se ter uma mulher gorda ao lado constituísse uma espécie de álibi para o seu próprio desmazelo.

Costumavam rir-se deles mesmos, gordos mas felizes, diziam, quando o assunto vinha à baila. Mas seria que, se ele estivesse casado há dez anos com uma mulher como a Bellucci, também seriam os dois gordos mas felizes? A comparação era inevitável. Zé deu outra espreitadela à mulher e devia ter olhado com tanta intensidade que ela se sentiu observada.

— O que foi?

— Nada — sorriu-lhe.

Graça sorriu também, tomando aquilo como um momento de carinho e regressou à sua novela. Zé, pelo contrário, surpreendeu-se a culpá-la mentalmente de todas as suas frustrações. Não era justo, bem sabia, mas também não era justo que ele não tivesse uma mulher como a Bellucci. A Bellucci tinha um rabo durinho, perfeito, Graça tinha um cu expansivo, daqueles que se espriavam para os lados quando se sentava, celulítico.

Zé continuava a ser relativamente magro no geral, mas com uma barriga de cerveja absolutamente desastrosa. Há quanto tempo não fazia exercício? Já nem se lembrava. Do que ele se lembrava era que, antes de casar, jogava ténis

duas vezes por semana, fazia *jogging* aos sábados de manhã e andava na linha que era uma maravilha. Depois tinha nascido o miúdo e ele deixara de ter tempo para essas coisas. O trabalho durante a semana, os fins-de-semana rotineiros com a criança. Ah, como odiava McDonald's e cinema com pipocas no Colombo. Haveria programa mais deprimente do que esse?

Apesar de tudo, Zé não se podia queixar. Vivia numa boa casa em Campolide — não era propriamente uma decoração de revista, mas pelo menos era confortável com os seus cento e cinquenta metros quadrados de área —, tinha uma carrinha *Peugeot* quase nova, e quase paga, e um ordenado bastante razoável; Graça também ganhava bem no laboratório farmacêutico onde trabalhava e o miúdo frequentava um bom colégio privado, que lhes custava os olhos da cara. Mas de que é que isso tudo lhe servia se, no fundo, andava às voltas num sufoco. A vida era isto? A vida era *só* isto?

Certo, nunca se tinha interrogado sobre estas questões, nem começara com problemas existenciais que, aliás, só deveriam surgir lá para os quarenta. Zé ainda agora ia a caminho dos trinta e seis. Mas até hoje não houvera nada que o despertasse da longa letargia em que, pelos vistos, se havia mantido durante tanto tempo. E agora havia o Factor Bellucci, que era como uma espécie de alarme, um aviso do género atenção-Zé-que-vais-a-deslizar-lentamente-até-ao-fundo-do-poço.

— O que é que estás a fazer, Zé? — admirou-se Graça. Estava a vasculhar o guarda-fatos à meia-noite e meia, empoleirado num banquinho da cozinha, a retirar todas as malas de viagem como se fossem amanhã de férias para as Caraíbas, coisa que nunca tinham feito na vida, porque passavam as férias, invariavelmente, num apartamento alugado por tuta e meia na Quarteira, no Algarve. Mas lembrava a alguém ir de férias para a Quarteira só porque era mais barato e assim poupavam dinheiro para outras coisas, e até nem fazia mal porque, de qualquer maneira, iam para a praia dos Tomates, que era *top*, e frequentavam a marina de Vilamoura e encontravam-se com os amigos no Clube T todas as noites? Lembrava? A eles lembrava.

— Não volto a ir de férias para a Quarteira, nunca mais na vida, e estou-me nas tintas se gasto mais dinheiro para ir para um sítio melhor — declarou.

— Zé?

— Sim.

— Estamos em Outubro.

— E depois?

— Porque é que estás a tirar as malas todas para fora e a falar de férias?

— Porque é uma decisão que eu tomei.

— Sim, mas tencionas ir de férias agora?

— Graça... — Virou-se no banco e olhou-a de cima com uma condescendência pesada. — Achas que sim?

Graça abriu os braços, sem perceber nada.

— Então?

— Então, o quê?

— O que é que estás a fazer, homem?! — irritou-se.

— Estou à procura da minha raqueta de ténis.

— Ah, vais jogar ténis?

— Não sei, se calhar. — Continuou a ser evasivo até que Graça encolheu os ombros e foi-se enfiar na casa de banho. Um dos problemas da vida de casado, cogitou Zé, era que um homem não podia dar um espirro sem ter de explicar tudo. E se ele se pusesse a explicar a Graça que decidira retomar as aulas de ténis por se sentir gordo, desmazelado e infeliz, ela perguntar-lhe-ia a que propósito é que vinha essa infelicidade súbita. Sim, não costumavam eles dizer que eram gordos mas felizes? Então, o que é que sucedera para ele mudar repentinamente de opinião? E aí seria um problema, pois não podia dizer-lhe simplesmente que se tratava do Factor Bellucci, pois não? Definitivamente, não.

Entrou no edifício do banco às nove e quinze da manhã, um quarto de hora mais cedo do que o costume, portanto, e vinha a assobiar. Dois prenúncios de mudança. Zé nunca chegava quinze minutos antes da hora, quando muito chegava quinze minutos depois da hora. E nunca, mas nunca, vinha a assobiar de satisfação. Zé considerava que trabalhar era uma chatice monumental, uma provação pela qual as pessoas tinham de passar na Terra para ganhar o Céu. Para Zé, a justificação para uma pessoa se levantar da cama às oito da manhã e ir-se enfiar num escritório à frente de um computador a tratar de assuntos tremendamente aborrecidos era só uma: sobrevivência. As suas ambições, ou melhor, as suas fantasias não variavam muito entre ser um milionário ocioso ou — já que tinha mesmo de trabalhar — ter uma profissão tipo actor de cinema e viajar por esse mundo fora, perseguido por mulheres tipo a Bellucci e por jornalistas ansiosos por lhe arrancar duas ou três palavrinhas sobre coisinhas de nada.

Mas eram só fantasias, bem distantes da realidade. A sua realidade tinha mais que ver com a carneirada geral, de modo que chegar ao trabalho de mau humor já se tornara uma questão de princípio, um ponto de honra que ele cumpria com uma péssima e genuína disposição.

Hoje, porém, entrou no edifício do banco todo satisfeito. A raqueta de ténis estava guardada na mala da carrinha e a vida não tinha de ser uma seca miserável. Abriu o computador e preparou-se para o relatório da agência de Setúbal. Mas como se lembrou de que ainda não tinha comido nada, deixou o casaco pendurado nas costas da cadeira — para o caso de o chefe aparecer — e concedeu-se o privilégio de dar um salto à rua para tomar um bom pequeno-almoço.

Entrou no elevador a pensar em Cátia. Carregou no botão para descer. O elevador fez uma paragem imprevista no segundo andar, onde entrou uma senhora dos seus cinquenta anos, de postura rígida e expressão severa.

— Bom dia — disse a mulher, seca, como se fosse uma terrível contrariedade ter de viajar de elevador com um estranho.

— Bom dia — respondeu Zé, distraído, sem reparar na má disposição dela.

A porta fechou-se. O elevador retomou a descida. Zé enfiou as mãos nos bolsos enquanto recapitulava a troca de mensagens de computador com a colega, no dia anterior. «Hoje é o grande dia», disse, sem se aperceber de que pensava em voz alta no almoço que tinha combinado com a Cátia. A senhora virou-se para ele espantada e lançou-lhe faíscas com os olhos. «Bellucci, Bellucci», continuou Zé a falar, com os olhos cerrados e utilizando um tom libidinoso que reflectia o seu estado de espírito naquele momento.

«Bellucci, minha Bellucci», murmurou, extasiado com a visão da maravilhosa Cátia, com as suas pernas compridas que não podiam ser reais.

— Desculpe? — interpelou-o a senhora, demasiado irritada para continuar a ignorar o atrevimento.

— Hã? — Olhou, perplexo, para a senhora ao seu lado, como se acordasse de um sonho.

— O senhor está a falar comigo?

— Eu? — admirou-se. — Não.

— Ah, pois parecia — disse ela, brusca. — Devia estar a falar sozinho.

— Pois — murmurou Zé, embaraçado. — Estava mesmo.

A porta do elevador abriu-se no piso térreo e, nesse instante, a visão tornou-se real.

— Bellu... Cátia! — exclamou, apanhado de surpresa.

— Bellu?! — repetiu Cátia, marcando cada sílaba, num certo tom de troça.

— Cátia, então? Bom dia!

A senhora olhou para Cátia, olhou para Zé, abanou a cabeça em silêncio, pediu licença, passou pelo meio deles e seguiu o seu caminho.

Zé viu-se momentaneamente mudo, sem saber o que dizer. Deu um passo em frente, saindo do elevador, e puxou-a gentilmente pelo braço.

— Cátia, Cátia... — disse finalmente, a ganhar tempo para pensar em qualquer coisa inteligente.

— Figueiredo, Figueiredo — imitou-o Cátia, algo desconcertada com a atitude dele.

— Não, é que... — vacilou. — Não, oiça...

— Oiço — assentiu ela, fingindo-se séria mas sem conseguir evitar uma cara de gozo.

— Não, é que eu queria dizer-lhe para não me tratar por Figueiredo. Os meus amigos tratam-me por Zé e mais nada. Pronto, aí estava uma coisa decente para lhe dizer.

— Ah, era isso? — exclamou, satisfeita. — Está bem, Zé, também gosto mais assim.

A porta do elevador fechou-se atrás dele.

— Fez-me perder o elevador — reclamou Cátia.

— Pois foi, desculpe — disse, atrapalhado. Carregou no botão para chamar o outro.

— Não faz mal. Estava a brincar.

— Ah, sim. — Estúpido! — Vem já aí o outro.

Soou a campainha do elevador a chegar. Abriu-se a porta e ela entrou.

— Sempre almoçamos hoje? — perguntou Zé, a espreitar para dentro, com as mãos nos bolsos.

— Claro — confirmou Cátia antes de a porta se fechar. — Já lhe mando uma mensagem.

Zé fechou os olhos por breves segundos, respirou fundo e censurou-se em voz alta, desiludido consigo próprio:

— Que estúpido, meu Deus, que estúpido.

— Espero que não esteja a falar de mim.

Zé abriu os olhos e embasbacou.

— Ah, olá, chefe. Não, não ligue, estava a divagar.

— Sobe?

— Subo, claro.

E lá se foi o pequeno-almoço.

O relatório da agência de Setúbal começou a avançar quando Zé reparou que o Pestana se aproximava. Levou a mão à cara, instintivamente, à procura de algum papel esquecido. Estava tudo bem.

— Então, Figueiredo?

— Então, o quê?

— Eh pá! Calma.

Zé olhou para ele, admirado com a sua própria agressividade, mas sentiu-se bem por tratar mal o colega. Muita coisa ia mudar naquele departamento. Estava farto de ser um gajo porreiro.

— Desculpa lá, ó Pestana — disse, seco —, mas hoje não estou com pachorra para brincadeiras.

— Tudo bem — disse o outro, na defensiva —, só queria dar-te os bons-dias, mas vou-me já embora.

— Okay, bom dia também para ti.

Era espantoso o que um almoço com a mulher mais bonita do banco podia fazer pela consideração que se tinha por um homem.

Até ontem, Pestana só se aproximava de Zé para lhe dizer que tinha cara de cu. Hoje atravessava a sala para lhe dar os bons-dias.

Uma mudança extraordinária, sem dúvida.

— Sou de Viseu — revelou-lhe Cátia, durante o almoço. — Estou em Lisboa há um ano. Vim para cá trabalhar, arranjei namorado e comecei a viver com ele, mas, há um mês, descobri que ele andava metido com outra. Dá para acreditar?

— Não — disse, e estava a ser sincero. *Se eu tivesse uma namorada como tu, não andaria a comer outra, de certeza absoluta.* — Mas isso era se fosse comigo — murmurou, sem se aperceber de que falava alto.

— Se fosse consigo, o quê?

— Hã? Não, estava a pensar que, se fosse comigo, mandava-o passear. Mandava-a, mandava-a passear.

— Foi o que eu fiz.

— E fez muito bem.

— Sabe, Zé?

— Sim?

— Eu estou muito sozinha, aqui em Lisboa — confessou Cátia, fazendo um ar tristonho que lhe derreteu o coração. Baixou a cabeça, com os olhos concentrados na chávena de café. Tinha o cotovelo esquerdo apoiado na mesa e agarrava a chávena com a mão direita.

— Está?

— Estou. Não tenho amigos. Os meus amigos eram os do meu namorado e, agora que o deixei, também os perdi.

O almoço teria corrido melhor se Zé não tivesse sido interrompido por um telefonema urgente de Graça, a dizer-lhe que Quico havia dado um murro a um colega de turma que o mandou para a enfermaria. Quico tinha nove anos mas corpo de quinze. Era um touro de força e, por vezes, Zé sentia-se assustado com o filho. Era quase do seu tamanho. Brincadeiras físicas com o *pequeno* estavam fora de questão.

— Receio que tenhamos de acabar esta conversa noutra altura — disse Zé, depois de desligar o telemóvel. — O meu filho espetou um murro num colega.

— Foi?!

— Foi — encolheu os ombros, como quem diz: «Crianças...» — Tenho de ir ao colégio resolver isto.

Quico aguardava-o, de castigo, na secretaria. Parecia mais aborrecido por estar ali do que preocupado com o nariz do colega ou os humores do pai. Zé sentou-se ao lado do filho.

— Olá, Quico.

— Olá, pai.

— Então? Parece que batestes num colega...

— Foi — disse Quico, com os olhos postos no chão.

— Pode saber-se porquê?

— Foi ele que começou.

— Ah, estou a ver.

— ...

— E?

— E, o quê?

— O que é que ele te disse para tu lhe dares um murro?

— Então — encolheu os ombros —, ele disse que tu não prestavas para nada.

— Eu?

— Sim, ele perguntou-me onde é que tu trabalhavas e eu disse-lhe que era num banco, e ele perguntou-me há quanto tempo, e eu disse-lhe que não sabia mas que era há muito, porque já lá trabalhavas antes de eu nascer, não era?

— Era.

— E depois ele perguntou-me se tu eras director e eu disse-lhe que não. E então ele disse que o pai dele era muito melhor do que tu, porque também trabalhava num banco e era director.

— Ele disse isso?

— Disse. — *Parvalhão do puto*, pensou Zé. — E depois eu perguntei-lhe o que é que isso interessava e ele disse que interessava muito e começou a gozar comigo e a dizer que tu não prestavas para nada, e eu dei-lhe um murro e ele ficou a deitar sangue do nariz e foi queixar-se à professora, porque é um mariquinhas.

— Fizeste bem em não permitir que ele dissesse mal de mim, mas não era preciso bater-lhe, não achas?

— Acho, mas se eu não lhe batesse, ele continuava a dizer essas coisas.

— Pois, bem... — Coçou a cabeça a pensar no que haveria de dizer ao filho. *Para a próxima, esborracha-lhe a cabeça contra o cimento do pátio*, seria o mais apropriado, mas não só não seria muito pedagógico de se dizer, como levaria a que passasse a ser convocado ao colégio com mais frequência do que lhe parecia aceitável. — Tens de explicar ao teu amigo que...

— Ele não é meu amigo.

— Sim, Quico, mas da próxima vez explicas ao teu colega que as pessoas não são importantes só por terem cargos que lhes permitem mandar nos outros.

— Não?

— Não. — *Claro está que isso ajuda*, pensou, mas enfim, essa explicação teria de ficar para outra oportunidade. — Eu não sou chefe de ninguém e estou muito bem assim. Não é uma coisa importante para mim. O importante é sentirmo-nos bem com o nosso trabalho, percebes? — Não era exactamente verdade, mas servia perfeitamente.

— Percebo — disse Quico.

— E não é ao murro que se resolvem os problemas. — Se bem que desta vez até que não tinha sido nada mal resolvido.

Sentiu-se orgulhoso do filho. Mas regressou ao trabalho a pensar que, realmente, já estava no banco há dez anos e não havia meio de chegar a director. E o pior era não ter perspectivas de melhorar. Um dia Quico haveria de perceber que o colega tinha toda a razão, o pai dele nunca seria ninguém importante. Se ao menos fosse capaz de escrever um livro, de compor uma música ou de inventar uma merda qualquer que o tornasse famoso...

Entregou ao chefe o relatório da agência de Setúbal no fim do dia. Encheu-se de brios e não largou o computador antes de concluir o trabalho. Nada de pausas para o café nem de intervalos para o lanchinho. E ainda conseguiu sacar um trabalho de maior responsabilidade que, normalmente, iria parar à secretária do Pestana. Deu-lhe um certo gozo ultrapassar o Pestana. Um dia destes haveria de pensar numa intrigazinha para o entalar perante o chefe.

QUATRO

A aula de ténis não correu bem. Zé fez uma luxação no braço e teve de recorrer a uma clínica de fisioterapia. Mas isso acabou por ser vantajoso, na medida em que lhe deu a oportunidade de convidar Cátia para sair. Assim que se sentiu curado, inventou mais umas sessões de fisioterapia e ganhou algum tempo livre.

— Queres ir ao cinema? — perguntou-lhe durante um dos seus já habituais almoços na pastelaria. Tinham começado a tratar-se por tu, por sugestão dela, o que o deixou maravilhado e lhe deu coragem para dar o passo seguinte para o doce abismo de que se ia aproximando cada vez mais.

— Hoje?

— Porque não?

— A seguir ao trabalho?

— Hum, hum...

— E não tens de ir para casa?

— Deixa, que eu preocupo-me com isso.

— Está bem.

Foram ver o *Homem Aranha*, no Colombo, com pipocas e tudo. Curiosamente, desta vez não foi um programa nada aborrecido. Cátia adorou, Zé haveria de ser obrigado a repetir a dose no fim-de-semana seguinte, por não arranjar um pretexto convincente para dizer a Graça que não queria levar Quico a ver aquele filme. Quico era fanático do Homem Aranha e ela prometera-lhe que iriam ao cinema no sábado à tarde.

— Sentes-te melhor? — perguntou Zé. Estavam sentados num café perto do cinema. Pediram tostas mistas e imperiais. Zé segurou-lhe a mão por cima da mesa e afagou-a com o polegar.

— Porque é que perguntas isso? — retorquiu Cátia, observando-o com curiosidade.

— Porque no outro dia me disseste que estavas muito sozinha.

— Ah, isso... — Cátia apertou a mão dele com carinho, encorajando-o. — Foi por isso que me convidaste para sair?

— Não... — Zé sentiu a voz embargada de emoção, e teve de aclarar a garganta. — Não, convidei-te porque gosto de estar contigo.

— Ah — sorriu. — Não foi por caridade?

— Não, é claro que não.

— És um querido.

Sou um querido? Zé também sorriu. Vieram as tostas mistas e as imperiais e ele teve de lhe soltar a mão, com relutância.

Pediram cafés e Zé acendeu um cigarro.

— Não sabia que fumavas.

— Pois — apertou os lábios e franziu a testa, num esgar de fatalidade —, é uma estupidez. Ando a ver se desisto. — Há mais de um mês que não pegava num cigarro, mas a tensão começava a acumular-se e, bom, não havia como um cigarro para descomprimir quando um homem se metia em

situações explosivas.

— Dás-me um? — pediu Cátia.

— Claro.

Depois aconteceu uma coisa estranha. Cátia viu-o levar a mão ao bolso, tirar o maço de tabaco e olhar para o lado quando lhe ia oferecer o cigarro. Cátia estendeu a mão, mas ele retirou a dele antes que ela tirasse o cigarro. Cátia levantou os olhos e viu que Zé continuava a olhar para o lado. Percebeu que ele estava lívido e viu-o baixar a cabeça, esconder a cara com as mãos, rodar a cadeira, inclinar-se para a frente e cair de joelhos no chão.

— Zé — exclamou, preocupada —, estás a sentir-te mal?

Zé olhou para cima, atrapalhado, e fez um sorriso desajeitado.

— Não — disse —, estou ótimo.

Cátia olhou para a esquerda e para a direita, embaraçada.

— Zé, o que é que estás a fazer?

— Não, é que se ela me vê, estou tramado.

— Ela, quem?

— Hã?

Em vez de lhe responder, Zé rodeou a cadeira de Cátia, preocupado em espreitar através da montra, para o exterior do café.

— Zé?

— Sim?

— Ela, quem?

— Era... — levantou-se do chão a apontar para a montra —, era uma pessoa que eu não queria que me visse.

Cátia virou-se para a montra e não viu ninguém em especial.

Só pessoas a passar.

— Quem? — perguntou.

Zé sentou-se pesadamente na sua cadeira. Cátia fitou-o, séria.

— Assustaste-me, sabes?

— Desculpa — disse, desconsolado.

Cátia viu que ele suava e pensou *quem é que podia ser para o pôr neste...* e, de repente, percebeu tudo. Levou a mão à boca, como se tivesse apanhado um susto.

— Era uma amiga da tua mulher, não era?

— Como é que adivinhaste? — respondeu Zé, embaraçado.

— Zé... — repreendeu-o como se fosse uma criança apanhada a fazer uma asneira. — Zé, Zé, Zé... — Abanou a cabeça. — A tua mulher não sabe que estás aqui?

— Claro — resmungou —, telefonei-lhe a dizer que chegava mais tarde porque ia ao cinema com a rapariga mais gira do banco.

— Gostei dessa parte — disse ela, a sorrir.

— Qual delas?

— A da rapariga mais gira do banco.

— Ah — suspirou —, julguei que estavas a dizer que gostaste de me ver

aos teus pés.

Cátia tapou a boca, num escândalo alegre.

— Oh, Zé, desculpa.

— Não faz mal — disse, sarcástico. — Ri-te de mim à vontade. Eu mereço passar por estas vergonhas. Não, a sério, não tens culpa nenhuma.

Agora Cátia estava genuinamente divertida e não conseguia parar de rir.

— Desculpa — pediu, mas os seus ombros sacudiam-se com as gargalhadinhas compulsivas.

Acabaram os dois a rir-se do disparate da situação e, de alguma forma, aquilo serviu para os aproximar ainda mais.

— É melhor irmos embora — disse Cátia — ou ainda te atiras para o chão outra vez.

— Pois, vou a rastejar até tua casa.

Tudo isto por causa de Isabel, que era colega de Graça, colega e amiga. E nem sequer era uma amiga qualquer. Isabel e Graça passavam os dias juntas no trabalho e almoçavam sempre as duas para porem a conversa em dia. A seguir à própria Graça, Isabel seria, provavelmente, a última pessoa que Zé poderia encontrar naquela noite. E fora precisamente ela que Zé vira passar em frente ao café, de braço dado com o marido. *Só espero que ela não me tenha visto*, pensou, preocupado.

Cátia vivia ali a dois passos da Basílica da Estrela. Zé gostaria de conhecer o apartamento dela, mas não teve essa sorte. Em compensação, Cátia despediu-se dele com um beijo quente nos lábios e isso foi uma experiência maravilhosa, poderosa, mais rejuvenescedora do que um ano inteiro de aulas de ténis.

— Até amanhã — despediu-se ela, com uma voz rouca que quase o levou a implorar-lhe para que o deixasse subir.

— Não queres que te acompanhe lá acima? — perguntou-lhe, com um sorriso tolo.

— Não vale a pena, eu não me perco.

— Mas podes ser assaltada, ou assim.

— Até amanhã, Zé. — Fechou a porta do carro e foi-se embora.

De modo que a noite terminou suspensa naquele beijo tão especial.

Zé pôs o motor do carro a trabalhar e inverteu a marcha, lentamente, a caminho de casa. Não morava longe. Pensou em Graça, não por arrependimento, mas por lhe ocorrer que Cátia fizera-o sentir algo que Graça já não fazia, há muito tempo. Pensou que costumava haver uma excitação avassaladora entre eles, que antigamente o amor não era uma actividade rotineira, e compreendeu que Graça tinha perdido o seu poder mágico.

— *Kryptonite* — murmurou, desconsolado, no silêncio do carro.

Deitou-se ao lado de Graça a recordar com emoção todos os momentos com Cátia. Já não se lembrava de como o simples afagar de uma mão podia provocar tanto frenesim. Virou-se para o lado. Graça dormia profundamente de boca aberta e um ressonar ligeiro. *Coitadinha*, pensou, *se tu imaginasses...*

— Se descobrisses que o teu marido te andava a enganar, o que é que fazias? — perguntou Isabel.

Graça olhou para ela, séria.

— Estás a assustar-me — disse.

Estavam sentadas num pequeno restaurante de bairro, um restaurante de tias com uns pratos a puxar para o chique mas de preços acessíveis. O espaço era todo revestido de madeira ripada e a cor predominante era um branco-sujo que o tornava bastante alegre e agradável. Tinha uma decoração muito gira e duas quarentonas, um pouco pesadas, exibindo as palavras «Coma com a gente» bordadas nos seus aventais brancos. Eram as donas e as cozinheiras, serviam à mesa e atendiam ao balcão. Tinham cabelos estupendos, louros, armados com permanentes e outros tratamentos sofisticados de cabeleireiro. Eram simpáticas, educadas e quando falavam com os clientes, percebia-se que eram montes de bem.

Graça pousou o garfo no seu prato de bacalhau espiritual.

— É só uma pergunta — disse Isabel, antes de enfiar na boca meio peixinho da horta.

— Ah! — respirou fundo. — Por momentos, pensei que estivesse em apuros.

— Que disparate, não!

— Hum... — disse Graça, entre garfadas. — Porque é que perguntas isso?

— Nada — encolheu os ombros. — Ontem fui ao cinema.

— E?...

— E pareceu-me ver o teu marido.

Graça pousou novamente os talheres.

— Estás a assustar-me outra vez.

— Calma, Graça.

— Calma? Isabel, o que é que estás a querer dizer-me?

— Nada! Não é nada disso que estás a pensar. Só que vi um tipo parecido com o teu marido, e ele estava com uma miúda toda boazona, e eu pus-me a pensar...

— A pensar o quê?

— A pensar que... — hesitou — olha, se visses o meu marido com uma boazona, contavas-me?

— Isabel! — censurou-a.

— Não, a sério, contavas-me?

— É claro que contava — disse Graça, embora, para ser sincera, não tivesse nada a certeza de que o fizesse. Contar uma coisa dessas a uma amiga poderia provocar danos irreparáveis no seu casamento ou, pelo menos, abalá-lo.

— Alguma vez pensaste nisso? — perguntou Isabel.

— Em ser trocada por uma boazona?

— Hum, hum...

— Não.

Graça não pensava nisso e — tinha de o admitir — não era pela melhor razão. Não é que fosse ingénua ao ponto de achar que Zé não fosse capaz de a enganar, mas estava tão habituada à imagem dele esparralhado no sofá com o comando da televisão na mão e aquela sua barriga de cerveja, que lhe era difícil imaginar o marido a andar por aí a engatar boazonas. De certa forma, os quilinhos que ele tinha a mais davam-lhe alguma segurança. Não seria um pensamento lá muito lisonjeiro, mas...

— Porquê?

— Porque, sei lá — riu-se —, porque sei que ele gosta de mim e, de qualquer maneira, está demasiado instalado na vida para essas coisas.

— Ah, Graça!

— A sério! Não achas que os homens se acomodam de tal maneira aos casamentos, que se tornam demasiado preguiçosos para arranjar uma outra mulher e terem de recomeçar tudo de novo?

— Nova mulher, novo casamento, nova casa, novos filhos?

— Sim.

— Nããã...

— Eu também não, esta vida está cheia de exemplos disso mesmo, não é?

— É.

— Mas é melhor pensarmos o contrário, não é?

— É. Mas convém não andarmos de olhos fechados, certo?

— Certo.

Seria possível que Isabel pensasse o mesmo que ela sobre os danos que uma dica errada poderia provocar num casamento e não quisesse dizer-lhe à queima-roupa que tinha visto Zé com outra? Seria possível que Isabel estivesse diplomaticamente a dizer-lhe: «Graça, abre os olhos porque o teu marido anda a mijar fora do penico»? Graça levou esta preocupação para o laboratório e, mais tarde, para casa. Ser enganada pelo marido era daquelas possibilidades que ela, evidentemente, não punha de parte, mas esse género de pensamento era assim como a ideia de descobrir que tinha um cancro. Sabia, graças à sua formação científica, que o cancro *não* era algo que só acontecia aos outros, mas estava consciente de que seria mais vulnerável à doença se fumasse três maços por dia. O casamento era algo que podia acabar se o casal tomasse as opções erradas, se se limitasse a encontrar-se na mesma casa e vivesse cada um para o seu lado, de costas voltadas, sem partilharem a sério as suas vidas, afastando-se ambos lentamente até não terem nada para dizer um ao outro. As opções erradas conduziam inevitavelmente à catástrofe.

Graça orgulhava-se de não ter um único problema grave de relacionamento com Zé para contar. Havia passado incólumes pela chamada crise dos sete anos — o que quer que isso fosse —, a rir-se dos casais que defendiam a necessidade de uma boa discussão para apimentar o casamento, e a ver como outros iam ficando pelo caminho com divórcios mais ou menos litigiosos. Eles não, eles não discutiam e Graça achava que estavam muito

bem assim.

Mas a conversa com Isabel deixou-a a cismar. Teria avaliado mal a situação ao dar por adquirido que o seu casamento era indestrutível? Teria sido desleixada e cega, ao ponto de não se aperceber de que ia a caminho de uma grande catástrofe.

— Zé?

— Hum?

— Ontem foste ao cinema com uma amiga? — *Bolas!* Graça orgulhava-se de ser uma mulher racional, esclarecida, do género que não ia à igreja emprenhar pelas orelhas aquelas tanguas todas que os padres enfiavam às pessoas sobre milagres, anjos e poderes divinos que nos condenavam no céu se não andássemos todos na linha cá na terra. Encarava os problemas de uma forma sistemática, acreditava na causa-efeito, na dúvida metódica e na necessidade da prova. Ser racional andava de mãos dadas com o bom senso, implicava abordar as questões difíceis gradualmente, enfim, queria dizer que não se punha o carro à frente dos bois. E chegava a casa, servia o jantar à família, deitava o filho, sentava-se no sofá ao lado do marido e atirava-lhe com aquela, sem mais nem menos, enquanto estavam com os olhos postos na televisão? *Boa, Graça, isto é que é maturidade!*, autocensurou-se.

— Sim, querida — resmungou Zé, sem tirar os olhos da televisão —, fui com duas.

Zé ficou sem pinga de sangue, viu a vida toda a andar para trás, ponderou uma boa explicação para o inexplicável, mas nem se atreveu a olhar para Graça, certo de que ela veria imediatamente a mentira nos seus olhos comprometidos. Carregou no comando da televisão, como se estivesse mais interessado em ver outro canal do que na pergunta *absurda* dela. Mas também se mexeu no lugar e coçou nervosamente a cabeça e, se ela estivesse com mais atenção, teria percebido que ele tinha umas gotinhas de suor nas fontes, sinais de incomodidade. Nestas alturas, o corpo tinha tendência para trair a mente. Mas Graça não notou.

— Foi o que eu pensei. — E não disse mais nada. Poderia ter dito que «não, é que a Isabel viu-te ontem no cinema com uma boazona e eu gostava de saber se andas a enganar-me ao fim de dez anos de casamento», mas não teve nem coragem nem sangue-frio para tanto.

Zé respirou fundo e pensou que não tinha sido uma má saída, apesar de tudo, mas, agora que ganhara tempo e se sentia mais seguro, raciocinou que não poderia deixar a coisa ficar por ali. Afinal de contas, um homem não ouvia uma pergunta daquelas da sua própria mulher, sentado no *seu* sofá, sem se indignar um bocadinho ou sem, ao menos, querer saber a que propósito vinha aquele disparate, não era?

— Olha lá — disse, voltando-se para ela —, que disparate é esse?

— Nada, foi a Isabel que me disse uma coisa e eu fiquei a pensar — hesitou, por já não saber muito bem como se explicar e tendo a perfeita noção de que estava a fazer figura de parva.

Putá da Isabel!, pensou Zé.

— O que é que a Isabel te disse? — perguntou. Na realidade, foi mais uma fuga para a frente. Zé viu-se obrigado a perguntar, sentindo que, agora que começara, não podia voltar atrás com a conversa.

— A Isabel disse-me que tinha ido ao cinema e que tinha visto alguém parecido contigo.

— Ah, ela viu alguém parecido comigo.

— Pois — fez uma cara sem graça —, é uma estupidez, não é?

— É, não é?

— Tu com uma amiga, de mão dada «no escurinho do cinema» — ensaiou a música da Rita Lee, numa tentativa patética de fazer humor. — Ridículo, não é?

— O que é que é ridículo? A ideia de eu andar a enganar-te ou de eu conseguir arranjar outra?

— Hã?... não, tudo, a ideia de ires ao cinema com outra mulher, sei lá, não foste, pois não? — A voz saiu-lhe fraca, quase suplicante. Zé lançou-lhe um daqueles seus olhares perscrutadores, como que a dizer: «Queres mesmo continuar com essa estupidez?» e Graça revirou os olhos, admitindo que estava a ser parva e disse, rendida: — Esquece.

E entretanto, sem Graça saber, Zé tinha passado por momentos de pânico, de ansiedade, de compaixão por ela, por momentos de culpa e arrependimento e, o maior de todos os sentimentos, de indignação. Não, agora que pensava melhor, nem sequer se sentira indignado — antes fosse só isso —, sentira-se humilhado! É que, apesar da negação pouco convencida — e pouco convincente —, no fundo, Graça achava ridículo que ele pudesse ter uma amiguinha «por fora» por não lhe dar esse crédito. A ideia de ele ter a capacidade de conquistar outra mulher parecia-lhe simplesmente descabida. Bem, uns dias atrás, ele próprio também não acreditava que fosse capaz de seduzir uma mulher como Cátia, mas agora que a coisa estava, digamos, encaminhada, sentiu-se irritado e triste por ver que Graça o tinha em tão pouca conta.

Antes de se casarem — nos tempos em que ela frequentava a faculdade de Ciências, onde Zé a conheceu numa daquelas incursões a que ele e os amigos chamavam de «visitas de estudo» — Graça admirava-o como se ele fosse o deus Apolo. Estava apaixonada e as pessoas apaixonadas são atreitas à estupidificação. Zé era um jovem atlético, de ombros largos, que usava camisolas de rãguebi e dizia umas piadas incrivelmente divertidas. Amavam-se e bastavam-se. Zé sabia que Graça o achava o máximo, sem defeitos, ou pelo menos sem defeitos graves, mas as pessoas na situação deles tinham tendência para exaltar as qualidades e não ligar tanto aos defeitos. E, neste aspecto, eles não haviam sido nenhuma exceção. Ora, a questão é que, algures entre a paixão desenfreada que os levava ao altar e a descoberta da beleza de Cátia que o levava às nuvens, Graça deixara de o ver como um deus atlético, charmoso e divertido.

Antigamente, Graça teria afiado as garras à mínima suspeita; hoje, perguntava-lhe, casualmente, no sofá da sala, se ele não teria ido ao cinema com uma desconhecida. E o mais triste era ela acabar a rir-se da pior hipótese, tão só porque olhava para ele e via um estereótipo do Homer Simpson esparralhado no sofá da sala. Simpático mas inofensivo.

ZÉ NÃO QUERIA SER INOFENSIVO!!!!

Portanto, para Zé, tornara-se súbita e alarantemente claro que precisava de fazer algo para inverter com urgência este lamentável estado de coisas. As prioridades — assim enumeradas, mas não necessariamente por esta ordem — seriam: inscrever-se num ginásio — já que a opção do ténis havia falhado — para deitar abaixo a barriga de cerveja e recuperar um pouco do orgulho atlético de outrora; levar Graça, senão a vê-lo com os olhos de antigamente, pelo menos a não se rir da possibilidade de ele a enganar com uma mulher mais nova e terrivelmente *sexy*; investir em força nas enormes possibilidades de um romance com a bela Bellucci, e ponto final.

Zé acreditava firmemente que a vida de um homem se devia dividir em sectores estanques. Quando não, era o caos. Havia o sector familiar, aquele que, com mais ou menos ajustes, devia permanecer intocável, a salvo de interferências nefastas do tipo *a-puta-da-Isabel-vê-lo-com-a-Bellucci-a-comer-pipocas-no-cinema-e-ir-a-correr-bufar-à-Graça*; havia o sector recreativo, este bastante mais liberal, na medida em que era aí que cabiam os copos com os amigos, os engates de uma noite sem significado nenhum ou as idas ao cinema com a Bellucci; e havia o sector profissional — a propósito, este também estava a precisar de um empurrão. De forma que todos podiam correr independentemente uns dos outros, mas, se um deles deixava de ser estanque e começava a meter água, então estava o caldo entornado.

A única alteração na sua vida era que, até agora, ele acreditara nesta teoria e, a partir de agora, propunha-se colocá-la em prática.

Zé foi chamado à administração e promovido a director, assim, sem mais nem menos. O director anterior perdera o lugar por ter sido apanhado com a boca na botija. Fora despedido na sequência de um processo que já lhe causara a desgraça pública e, muito provavelmente, lhe custaria uma boa temporada na prisão. Fizera um desfalque ao banco com um método simples, que consistia em conceder empréstimos — crédito ao consumo — a clientes fictícios, avalizados sumariamente por ele, com a cobertura de um cúmplice interno. As dívidas desses *clichés* fictícios foram ter ao crédito malparado por não haver ninguém para as pagar, enquanto o dinheiro ia parar ao bolso deles.

Disseram a Zé que depositavam uma grande confiança na sua competência e que não tinham a menor dúvida de que iria desempenhar bem o seu cargo. Se era verdade que ele já tinha anos de casa suficientes para ocupar um lugar de maior responsabilidade, não era menos verdade que já era tempo de deixar de ser ignorado pela hierarquia. Sobre a sua dedicação ao trabalho, apesar de tudo, não havia nada a dizer. Embora não fosse pessoa de muitos brilharetes, Zé cumpria e não falhava.

A promoção veio mesmo a calhar. Com isto, Zé não seria um homem novo, mas, com o advento do Factor Bellucci, a ida ao cinema com Cátia e o choque causado pela descoberta do estado pré-catatónico em que se encontrava o seu casamento, podia considerar que havia uma revolução em curso na sua cabeça. Para começar, não haveria mais pantufas a seguir ao jantar, o que, embora fosse muito agradável, era de uma *totózisse* insuportável. E isto era só um aparte na medida em que a sua promoção vinha abalar os princípios de toda uma filosofia baseada em três mandamentos, que sempre lhe norteara a vida. A saber: trabalhar era aborrecido, um homem só trabalhava para sobreviver e, mesmo quando era ambicioso e trabalhava mais do que os outros, não retirava nenhum prazer do trabalho. Ora, os acontecimentos recentes tinham-lhe demonstrado que isto não era necessariamente assim. Havia os seus momentos bons. Era fabuloso trocar mensagens de computador com Cátia e levá-la a sair, era gratificante ser-se promovido e ficar ao mesmo nível do antigo chefe — que, a propósito, deixaria de receber tratamento de chefe e passaria a ser, no mínimo, ignorado — e, ainda, haveria o Pestana a lamber-lhe as botas?, o carro de serviço e o aumento de ordenado. Tudo isto fazia parte do trabalho, ou do emprego, ou lá como se quisesse chamar a esse sacrifício de acordar cedo para ir passar o dia inteiro no banco. De qualquer forma, Zé começava a ver a carreira profissional de outra maneira e tencionava investir mais nessa parte da sua vida. Já que tinha de trabalhar, então que tirasse o maior partido disso.

Ah, e iria comunicar a Quico que, da próxima vez que um colega o acusasse de ter um pai inútil que não mandava em ninguém, já lhe poderia atirar à cara com a promoção do seu paizinho, o carrinho de serviço do seu paizinho, o ordenadão do seu paizinho e a... bem, era melhor ficar por aqui.

Quando uma mulher linda, de pernas compridas que não podem ser reais, nos convida para o seu patusco apartamento piroso e nos abre as ditas, o que é que pensamos? Que está perdidamente apaixonada por nós ou suspeitamos de que ganhou um renovado interesse por nós desde que lhe dissemos que fomos promovidos e que agora temos um novo estatuto no banco? Provavelmente, pensamos o mesmo que Zé: *Que se lixe. Desde que ela me queira na sua cama por muitas mais vezes, o que é que me interessa o motivo? Também não vou casar com ela, portanto...*

O apartamento de Cátia parecia um quadro de Roy Lichtenstein, cheio de almofadinhas de cores alegres, pinturas a imitar banda desenhada, uma mesa com cadeiras metálicas e latas de *Coca-Cola* de plástico como *bibelots*. Era um T0 de gosto duvidoso, para não dizer inenarrável. Havia um cadeirão de dois lugares em palhinha e grossas almofadas amarelas e laranja, onde Cátia se deitou de costas, com um pezinho no chão e outro em cima do cadeirão, abrindo sugestivamente as pernas debaixo de uma saia de pregas que lhe dava pelos joelhos. Parecia uma colegial a rebentar de sensualidade. Usava camisa branca de algodão e, quando se deitou e o puxou suavemente pela gravata para cima dela, Zé descobriu-lhe um *soutien* acetinado com renda onde quis encaixar a mão antes mesmo de a beijar nos lábios. A boca dela abriu-se para receber a língua dele e as suas pernas envolveram-no com facilidade por serem compridas e finas. O cadeirão de palhinha vacilou perigosamente às primeiras investidas de Zé. O seu casaco amachucado jazia no tapete com outros destroços de guerra, como as cuecas dela e a gravata dele, mas Zé ainda estava preso pelas calças abaixo dos joelhos e teve de rolar pelo chão quando as pernas do cadeirão cederam, atirando-os ao tapete num divertido naufrágio em terra seca. Deitado de costas, a lutar com as calças, estrebuchando como uma barata moribunda, Zé encolheu os joelhos para se desembaraçar dos sapatos e do resto da roupa. Depois foram os dois numa risota pegada, gatinhando até à cama para acabarem numa festa de lençóis o que haviam começado no elevador, à chegada, onde Cátia lhe abriu o fecho das calças, enfiou uma mão atrevida e foi à pesca com uma surpreendente habilidade de pescadora experiente.

Duas horas mais tarde, Zé ia ao volante do seu novo *Mercedes* de serviço e não cabia em si de contente. Ia a caminho de casa a guiar o carro do seu antecessor, absolutamente contagiado por um misto de excitação, alegria, orgulho e vitória, que o levou a soltar em voz alta aquilo que lhe ia na alma: «Já está! Esta já cá canta! Ah! Ah!», gritou Zé. «Iiiiiiaahhhh!!!!» Deu gargalhadinhas estridentes e exaltou-se como um guerreiro a saborear a vitória. Tinha sido um dia glorioso, disso não havia dúvida. Um dia como poucos. Tinham-lhe dado um gabinete novo, um carro novo, um ordenado melhor e «ainda por cima, fui para a cama com a Bellucci!!! A mulher mais bonita do banco!» Podia haver melhor do que isto? «Nããã...»

Era bom que se dissesse que Zé não estava arrependido nem um

bocadinho de se ter envolvido com Cátia. Ela estava obviamente inserida no sector recreativo e estanque da vida dele e as duas horas que passara com ela não tinham qualquer significado. Quer dizer, algum significado tinham, mas nada de decisivo, na medida em que não se tratava propriamente de uma paixão avassaladora que pudesse virar-lhe a vida do avesso.

Embora Zé ainda não tivesse tido tempo nem vontade para se dar ao trabalho de pensar naquilo em que se estava a meter, parecia-lhe claro que nada daquilo era sério. Ir para a cama com a Bellucci era um acontecimento que ficaria bem no currículo de qualquer homem, algo que alimentava o ego até à medula. Mas daí a querê-la como amante ou algo assim complicado... Isso estava fora de questão.

Ao chegar a casa às onze da noite e constatar que havia uma pequena celebração à espera dele, ao ver Graça sentada no sofá a assistir à novela com um jantar caprichado já frio e metido no forno, e ao reparar numa mesa bem posta com velas e tudo, e uma garrafa de champanhe enfiada num balde com o gelo derretido, Zé não pôde deixar de ficar abalado por um pequenino sentimento de culpa, agravado pelo facto de Graça se revelar compreensiva e não o censurar por chegar tarde.

— Foi um dia complicado — desculpou-se.

— Imagino — disse ela.

Não imaginas, não, pensou ele.

— Tive de deitar o Quico, porque já era tarde.

— Fizeste bem.

Foi um jantar em tons de amor, a sós, à luz das velas, musiquinha e tudo. Zé contou-lhe todos os pormenores sobre a promoção e o aumento, e alongaram-se a fantasiar sobre uma vida melhor. Mais tarde, Zé demorou-se uns minutos no quarto de Quico para dar um beijo ao filho adormecido e foi-se deitar. Nessa noite, Graça quis fazer amor, mas, quando voltou da casa de banho, Zé tinha caído irremediavelmente no sono.

No dia seguinte Zé acordou inexplicavelmente deprimido, com mau humor e irritadiço. Despertara com a cabeça a latejar e a boca seca. Talvez fosse porque bebera e fumara demasiado na noite anterior e por se ter deitado mais tarde do que o costume e ter dormido pouco. Talvez fosse por descobrir, ao encontrar-se consigo no espelho da casa de banho, que afinal, por mais promoções que lhe oferecessem, não voltaria a ser a sombra do que havia sido na juventude. Mas, provavelmente, a razão do seu deplorável estado de espírito era o resultado da soma de todos estes factores.

E se não fosse nada disto? E se fosse algo muito mais grave, que ele não estava preparado para admitir? Vejamos: quanto tempo gastara ele a sonhar com a Bellucci? Quantas vezes dissera para si, em voz alta, «não vejo a hora de ir para a cama com ela»? Demasiadas. Sejamos francos, Zé tinha uma vizinha dentro dele que lhe gritava a todo momento: «EU QUERO COMER A BELLUCCI!!!!!!!» Pois bem, agora que já o tinha feito, não era verdade que sentia um certo vazio dentro de si, como se não houvesse mais nada para conquistar? Porque, afinal de contas era disso que se tratava, ou não? De conquistar. Um homem andava dias a fio obcecado por uma mulher, antecipando aquele momento em que ela finalmente cedia aos seus avanços, magicando estratégias de encantar, fantasiando encontros explosivos nos locais mais obscuros — casas de banho públicas, debaixo (ou em cima) da secretária quando o escritório estivesse vazio e por aí fora — e, depois de algo assim acontecer, o que é que restava? Mais do mesmo? Era como aquela chatice de, depois de fazer amor com uma mulher, um tipo ter de continuar na cama, abraçadinho a ela e a fingir que namorava e que gostava muito dela, só para não aturar os amuos da mulher o resto do dia.

Chegou ao banco às nove. Arrumou o carro na garagem subterrânea — mais uma experiência nova —, onde se encontrou com o ex-chefe. Subiram juntos no elevador.

— Bom dia, Figueiredo.

— Bom dia, Pereira.

— Parabéns pela promoção.

— Obrigado, Pereira. — Deu-lhe gozo trocar o habitual «chefe», por um «Pereira» bem mais informal. O homem já não o podia prejudicar, pelo menos directamente.

Abriu o computador e descobriu uma mensagem:

Gostei muito de ontem à noite.

Apagou a mensagem e não respondeu. Passou a manhã a estudar as suas novas funções, assistido por uma ultra-eficiente secretária, de nome Lisete. Ela vestia um elegante conjunto saia-casaco, o que lhe pareceu refrescante — hoje em dia, era raro ver uma mulher a trabalhar de saia, parecia que usar calças era uma atitude deliberada, como se fizesse parte de um uniforme feminista — e que, a propósito, não estava nada mal. Lisete usava uns modernos óculos de massa azuis para ver ao perto e um anel no dedo. Nada de

aliança.

Em todo o caso, Zé pensou que não seria lá muito boa ideia tentar a sua sorte com a secretária logo no primeiro dia e, portanto, limitou-se a ser simpático com ela dentro de uma certa formalidade chefe/subalterna.

Cátia ligou-lhe pouco antes da uma.

— Esqueceste-te de mim? — disse, brincando com uma vizinha amuada.

— Nããã — gracejou. — É que passei a manhã inteira superocupado a pôr as coisas em ordem. Tenho aqui trabalho para alguns três meses, pelo menos.

— Quer dizer que não te vou ver nos próximos três meses, pelo menos?

— Não, é claro que não, Cátiazinha, é que hoje é o meu primeiro dia e nem sonhas a quantidade de assuntos pendentes que eu tenho para aqui.

— Queres almoçar comigo? Considera-me um assunto pendente.

— Não vai dar, Cátia.

— Tens de almoçar, ou não?

— Vou mandar vir uma sandes. Estou mesmo afogado em trabalho.

— Então — disse ela, ressentida —, depois, se não morreres afogado, liga-me.

Não ligou.

No sábado Zé teve de grammar o *Homem Aranha* pela segunda vez. Teve de comer pipocas e *divertir-se* à brava sem pestanejar. Quico adorou o filme, Graça nem tanto.

O domingo foi melhor. Almoço em casa de Tó e Lili, que eram os amigos mais chegados de Zé e de Graça, do género padrinhos de casamento, fins-de-semana juntos, etc. Viviam nos arredores. Tó dizia que tinha emigrado para a Parede em busca da moradia dos seus sonhos, com muito espaço e jardim. Criara uma empresa própria de mediação de seguros, também na Parede, e Lili fazia traduções em casa. E recusavam-se a ir a Lisboa mais do que uma ou duas vezes por mês. Tinham um filho, Antoninho, que, embora fosse da idade de Quico, era significativamente mais baixo. Ao contrário dos pais, os miúdos não eram propriamente os melhores amigos. Ambos filhos únicos, caprichosos e pouco dados a partilhar os seus computadores e *PlayStations*, nunca se encontravam de livre vontade. Limitavam-se a tolerar-se quando os pais os juntavam. Antoninho era um puto arrogante e provocador, de franjinha sobre os olhos, que ele afastava regularmente com um sopro nervoso, de língua afiada, temerário, mas que servia muito bem como saco de pancada de Quico assim que os pais de ambos se distraíam.

Graça entrou com Lili, enquanto os homens ficaram à porta de casa a discutir as virtudes do *Mercedes* novo de Zé. Quico deixou-se estar por ali a pastar, sem vontade nenhuma de ir procurar Antoninho que, por sua vez, nem se deu ao trabalho de o ir receber.

Almoçaram no jardim, febras com batatas fritas e salada.

— Que tal a tua nova secretária? — perguntou Tó, provocador.

— Não está mal, não está mal — disse Zé, com um sorriso malandro.

— Não está mal?! — protestou Graça, simulando uma expressão indignada.

— A trabalhar, querida, a trabalhar.

— Temos de combinar um almoço só de homens — sugeriu Tó — para pormos a conversa em dia.

— Também acho — concordou Zé. — Conversas de homens.

— Conversas sobre gajas — disse Graça —, é o que é.

— Pois, pois — advertiu-os Lili —, vejam lá se nós também combinamos um almoço para falar de gajos.

— Era só o que faltava — indignou-se Zé.

No final do almoço, as mulheres foram para a cozinha tagarelar ao som dos pratos e talheres que iam arrumando na máquina de lavar, e os homens ficaram agarrados aos balões de uísque com uma pedra de gelo.

— Sim senhor — observou Tó, com uma careta de aprovação — cargo novo, carro novo...

— Gaja nova — acrescentou Zé, fazendo um sorriso malandro. Afinal de contas, de que lhe valia uma conquista tão gloriosa se não pudesse contar a ninguém? Era irresistível, dizer ao seu melhor amigo que tinha ido para a

cama com a mulher mais bonita do banco. Mesmo não sendo Tó o género de homem capaz de enganar a mulher, mesmo não aprovando esse tipo de conduta, saberia guardar segredo — nem sequer diria nada a Lili, que, se soubesse, perderia o respeito pelo amigo e talvez até o denunciasse, pois, naturalmente, não entendia aquelas coisas de homens — e, no fundo, Tó poderia achar a aventura de Zé uma loucura, mas uma aventura que só a ele dizia respeito.

— Uma gaja nova?! — sussurrou espantado, olhando em redor para verificar se as mulheres continuavam na cozinha.

— É uma miúda lá do banco.

— Coisa séria?

— Não, és parvo?!

— E que tal? É boa?

— É ótima. — Zé queria marcar pontos. Uma miúda nova era como um *Mercedes* novo ou uma promoção. Fazia parte do sucesso. Ele estava na crista da onda pela primeira vez em muitos anos e queria aproveitar ao máximo a sensação. De modo que descreveu-a a Tó, com todos os pormenores físicos.

— É um sonho — rematou, abanando a cabeça de olhos fechados e um grande sorriso.

Entretanto, Quico agarrara Antoninho pelo pescoço, e estava a esganá-lo, com satisfação mórbida, na outra ponta do jardim.

— Quico! — gritou Zé. — Larga o Antoninho!

— Mas ele está a chatear-me, pai — protestou Quico.

— Não me interessa — ralhou Zé. — Larga-o, já.

Quico soltou o pescoço de Antoninho, que começava a ficar azul.

— Não voltas a fazer isso!

— Deixa-os lá — disse Tó, levado pela displicência do uísque. — O miúdo tem de aprender a defender-se sozinho.

— Não deixo nada, que ele mata-o. — E de facto, Antoninho inspirou uma enorme golfada de ar e só não começou a chorar de aflição por ser orgulhoso de mais para dar parte de fraco.

Entrar no ginásio pela primeira vez revelou-se uma experiência algo intimidante. Apresentar-se a um monitor com o aspecto de um Sylvester Stallone pachorrento, deixou Zé de rastos antes mesmo de fazer qualquer exercício. Era óbvio que teria de passar anos a correr no tapete, a pedalar na bicicleta e a fazer exercícios nas máquinas de musculação até ganhar um corpo decente. E, evidentemente, nunca conseguiria ser mais do que uma pálida sombra daquele tipo. O monitor sorria-lhe com uma simpatia profissional e, enquanto lhe explicava como se ajustavam as máquinas, Zé pensou que ele era uma espécie de anúncio ao vivo do que se vendia ali: «Venha fazer exercício connosco e ficará como eu.» Mas claro, os anúncios eram sempre a versão optimista que nos levava ao engano. Para se sentir melhor, Zé imaginou que o monitor teria, no mínimo, menos dez anos do que ele e, muito provavelmente, já havia nascido com músculos de Popeye.

Escolheu a bicicleta para começar. Foi pedalar ao lado de uma rapariga belíssima de calções curtinhos e justos e de camisola suada. E não, não foi uma escolha ao acaso. Dirigiu-lhe um sorriso e ela fez o mesmo por cortesia e mais nada. Zé pensou que, se por hipótese, quisesse levar alguma coisa da rapariga do lado, teria de pedalar muito mais. Ou estaria ele à espera de que um simples sorriso inocente fosse suficiente para que ela lhe saltasse para o colo? Isso é que era bom.

O grande equívoco nas relações com as mulheres (no seu caso, pelo menos) tinha tudo que ver com momentos como este. Ele aproximava-se, esboçava um sorriso, ela correspondia-lhe e depois não passavam disto. Tinha a sensação de que poderia ficar ali o resto do dia a pedalar e mesmo assim não conseguiria arranjar qualquer coisa inteligente para lhe dizer. Eventualmente (muito eventualmente), ela estaria a lançar-lhe mensagens telepáticas para dizer: «vá lá, vem falar comigo, por favor», que ele não conseguia captar.

Passar-se-ia o mesmo com os outros homens? Por certo que sim, preferia pensar que sim. Poderia haver um ou outro que chegasse e disparasse logo de rajada: «Olá, então isto é difícil? A bicicleta, quero dizer. E você, como é que se chama? Eu chamo-me fulano de tal. Vem cá muitas vezes? Eu estou a começar, quero ver se deito abaixo uns quilos. Passo a vida a trabalhar, sabe como é, mas agora vai ser uma horita de ginásio todos os dias. E você, o que é que faz? Trabalha?» E depois a conversa seguiria o seu rumo natural. Mas Zé não, Zé não fazia ideia do que haveria de dizer. Fazia ideia do que é que *outro* tipo qualquer diria, mas ele ficava paralisado porque achava sempre que iria fazer figura de parvo. E não havia nada mais intimidante do que o medo de fazer figura de parvo. Mais valia ficar calado.

Hoje não levaria nada dali, porque ela não iria fazer o trabalho dele. Era a ele que competia meter conversa, insinuar-se, arriscar uma aproximação e, eventualmente, engolir em seco se ela não estivesse interessada. Caso contrário... ora, que se lixasse. Seria capaz de elaborar uma longa lista de oportunidades perdidas por causa do medo de fazer figura de parvo, esta era

só mais uma.

Felizmente ainda havia a Bellucci para contrariar esta maldição, se bem que o caso da Bellucci não fosse exactamente um exemplo de grande audácia. Afinal de contas, ele não fizera nada, limitara-se a ficar sentado enquanto ela fazia tudo. Fora como se ela tivesse escrito na testa: «Pronta a comer.» Era assim que Zé via as coisas, tal como elas se haviam passado.

Se estava ali sentado numa estúpida bicicleta a pedalar quilómetros sem sair do mesmo lugar era porque não se sentia muito seguro de si. Quem é que se interessaria por um tipo casado, com uma barriga de cerveja? Ninguém. Era verdade que a Bellucci contrariava esta ideia, mas, em primeiro lugar, ele próprio não conseguia entender o que é que ela tinha visto nele e, em segundo lugar, Zé jamais teria dado um passo para a seduzir se ela não tivesse tomado a iniciativa de o fazer avançar.

Hoje em dia, Zé não se tinha em grande consideração, de tal modo que ainda lhe custava a acreditar que uma mulher tão especial como Cátia se tivesse interessado por ele.

A rapariga do lado deixou de pedalar e foi-se embora. *Que desperdício*, pensou, desolado, *voltaste a desiludir-me, Zé*. Os seus olhos começaram logo a procurar outro alvo hipotético, mas sem grande convicção.

Se Graça soubesse que ele passava a vida em estado de alerta, esquadrinhando os ambientes com os olhos à procura de mulheres bonitas, no mínimo ficaria escandalizada. Talvez pensasse que havia algo de errado com ela, coitadinha, ou que o casamento deles não corria bem ou, em última instância, que estava casada com um tarado. Mas Zé não pensava nada disso. Zé gostava de Graça, não achava que houvesse algum problema em especial com o casamento deles — a não ser, enfim, aquele que o levava ao ginásio — e, definitivamente, não achava que fosse um tarado, apenas que era um homem e que os homens eram mesmo assim. Na maior parte das vezes inofensivos. Os homens eram caçadores por natureza, fazia parte da sua programação biológica desistir de atravessar uma estrada para ir atrás de um rabo no lado de cá da rua e segui-lo durante uns metros até desaparecer. Os homens sentiam dificuldade em concentrar-se nos olhos de uma mulher se ela se apresentasse com um decote generoso e, especialmente, se tivesse deixado o *soutien* em casa. Os homens quase tinham acidentes de automóvel por se distraírem com um par de pernas no passeio ou com uma linda loura no carro ao lado. Essas coisas aconteciam mesmo, não eram fantasias dos filmes, Zé sabia-o por experiência própria e encarava esta realidade com toda a naturalidade. Não se torturava por ser assim, só gostava era de saber «porque é que não as podemos ter todas, porquê?!»

Cruzou-se com a rapariga da bicicleta à saída do balneário, seguiram juntos até à rua e Zé voltou a sorrir-lhe enquanto segurava a porta para que ela passasse. Houve um momento mágico, uma pausa maior do que seria necessário, em que ela parou deliberadamente para olhar para ele e agradecer-lhe com um sorriso insinuante. «Obrigada», disse, e só depois passou pela

porta e continuou a andar. Foi claramente uma deixa, um incentivo, mas Zé não arranjou melhor que uma resposta educada. «Nada», disse. *Nada? Nada?!!! Disseste nada, Zé? Mas será possível que não consigas dizer qualquer coisinha melhor do que «nada»?!!!*

Fechou os olhos, por momentos, e depois ficou parado à porta enquanto a rapariga se afastava. Ela usava *sweatshirt* e calças de ganga e caminhava com uma agilidade encantadora por causa dos sapatos de ténis. O cabelo, apanhado num simples rabo-de-cavalo, movia-se como um pêndulo louro à medida que andava. Deu-lhe uns vinte e cinco, vinte e seis anos.

Agora estava realmente destroçado, de rastos, com o orgulho a arrastar-se pela lama. Duas vezes no mesmo dia! Aquela miúda saltara-lhe praticamente para o colo e ele dissera-lhe «nada».

Podia ter sido imaginação de Zé, podia nem sequer ter passado pela cabeça dela algo mais do que agradecer-lhe por segurar a porta, mas isso ele não sabia e, até prova em contrário, iria pensar que uma rapariga boa como tudo e com uma camisola suada colada às mamas se mostrara *disponível* e ele não soubera lidar com a situação. Ponto final.

Ligou a Cátia do carro. Havia prometido a si mesmo que não voltaria a envolver-se com Cátia. Uma coisa era uma queca de uma noite sem importância nenhuma, outra completamente diferente era várias quecas por semana e mais um jantar aqui e uma noite de copos ali e depois, quando desse por isso, já estaria a inventar fins-de-semana de trabalho para ir para fora com a amante. Uma amante implicava compromissos, responsabilidades, lembrar-se da data de anos dela, ter uma segunda escova de dentes numa segunda casa de banho, mentir a toda a hora para arranjar encontros furtivos, enfim, uma vida dupla. Zé não queria nada disso. E sobretudo não queria pôr o seu casamento em perigo. Mas, tal como um viciado, encontrou facilmente um pretexto para justificar a si próprio porque é que *precisava* de a ver naquela noite.

— Porque é que me ligaste hoje? — perguntou Cátia assim que lhe abriu a porta.

— Porque tive saudades tuas — disse Zé. *Porque sou incapaz de dizer mais do que «nada», a uma miúda que perde um segundo da sua vida para me olhar nos olhos e dizer «obrigada» como se estivesse a dizer «gostava de te conhecer»*, pensou.

— Zé — disse —, já pensaste um bocadinho nisto... quer dizer, em nós dois?

Mau, mau, mau, agora já não era uma simples queca de uma noite, já era «nós dois». *Eu bem te disse*, Zé.

— Como assim? — fez-se de parvo.

— Zé, noutro dia estivemos juntos e foi bom, mas no dia seguinte nem quiseste falar comigo ou almoçar...

— Estava cheio de trabalho, Cátia. Eu disse-te.

— Nem tiveste tempo para responder a uma mensagem de computador?!

— Eu ia responder, só que tu ligaste entretanto.

— Tudo bem, Zé, nós não somos casados e tu não tens de me dar satisfações. Eu só quero perceber as tuas intenções, mais nada, só isso.

— Eu — disse, como um miúdo comprometido — quis ver-te.

Cátia ficou à espera de que ele dissesse mais qualquer coisa, mas Zé encolheu os ombros. Ela viu o seu embaraço e sentiu-se desarmada.

— Anda cá — disse. E puxou-o para os seus braços.

Zé pensou, um bocado irritado, que odiava quando elas começavam com aquelas cenas maternas, mas ela cheirava bem e estavam abraçados e ele começou a beijar-lhe o pescoço e a orelha e as suas línguas encontraram-se enquanto a mão dele descia para o rabo dela e lhe puxava a saia para cima e, claro, a irritação passou-lhe num instante.

Caíram na cama e Zé mergulhou de nariz no decote dela. Cátia desembaraçou-se rapidamente da roupa com a certeza de que, se não o fizesse, ele arranjaría uma forma de lhe entrar para dentro da camisa. Zé quase se esganou a puxar a gravata sem desfazer o nó e tentou tirar as calças antes dos

sapatos, ficando preso pelos tornozelos. Atirou as calças, a camisa e tudo o resto para o chão. Não se perdeu em beijos ou em explorações demoradas porque quis estar dentro dela para poder pensar na rapariga do ginásio, como se aquilo fosse uma pequena vingança.

Só quando chegou a casa é que se interrogou sobre o assunto. Poderia ter recorrido a Graça para restaurar o seu orgulho de macho. A sua falta de iniciativa com a rapariga do ginásio havia sido imperdoável, não o podia negar, e o pior era saber que provavelmente iria encontrá-la muitas mais vezes e teria um comportamento tão lamentavelmente cobarde como o de hoje.

— Dia difícil? — perguntou Graça.

— Se foi — reconheceu, deixando-se cair pesadamente no sofá e a pensar que poderia ter vindo mais cedo para casa, se não tivesse corrido para a cama de Cátia para recuperar um pouco da autoconfiança perdida. O mais irónico da situação era ele ter-se inscrito no ginásio com o objectivo de se sentir melhor consigo próprio e mais confiante. Não passara no primeiro teste, claro está que não. Mas porque escolhera Cátia e não Graça?

Havia várias respostas possíveis para esta pergunta. A primeira era que Zé não queria envolver Graça num assunto tão mesquinho. Fazer amor com a mulher para se lavar do fiasco de uma abordagem abortada a uma desconhecida? Francamente! A segunda era que Zé não se podia dar ao luxo de misturar os seus dois mundos. Graça era a *sua* mulher, Cátia era... Cátia ainda não tinha uma designação definitiva. E a rapariga do ginásio, pelos vistos, não era coisa nenhuma. Mas o que *era* uma certeza é que, na cabeça de Zé, Graça pertencia ao sector familiar e as outras duas ao sector recreativo. E como os sectores tinham de permanecer obrigatoriamente estanques, Zé não podia começar a misturar tudo, nem que fosse só em pensamento.

— O Quico?

— Está a dormir.

— Ah, já?

— Já viste as horas?

Zé olhou para o relógio. Onze e um quarto.

— Pois, claro — disse, sem se alongar em explicações. A sobrecarga de trabalho, as horas extraordinárias e essas coisas, estavam implicitamente na origem do seu atraso.

— Queres comer alguma coisa?

— Até comia.

— Então, eu já te arranjo.

— Obrigado, querida.

— O que é que fizeste à tua gravata?

— Hã?... — Zé olhou para o peito. *Merda, a gravata!* — Esqueci-me dela no ginásio.

— Esqueceste-te dela?

— Sim — disse. — Deixei-a no balneário.

- Bom dia, doutor.
- Bom dia, Lisete.
- Café?
- Se faz favor.
- Tem uma encomenda em cima da sua mesa.
- Uma encomenda?
- Sim — confirmou a secretária. — Vieram entregá-la há pouco.

Era um embrulho comprido, com um laço. Um presente. Zé consultou o papel da empresa de estafetas. Não mencionava o remetente. Abriu a caixa e descobriu a *sua* gravata cuidadosamente embrulhada em papel celofane. Havia um bilhete:

«Espero que não te tenha feito falta. Liga-me. C.»

Zé ficou impressionado. Quem é que conseguia desencantar uma empresa de estafetas antes das nove da manhã para fazer uma entrega? E quem é que se dava ao trabalho de o fazer quando podia simplesmente entregar-lhe a gravata mais tarde no banco? Cátia sabia fazer as coisas, não havia dúvida. Não era a *burra de saias* que — como Zé muito bem sabia — alguns invejosos no banco diziam que era. Isso assustou-o um pouco. Teria preferido que o fosse? Honestamente? Talvez. Uma mulher bonita mas pouco inteligente seria mais, digamos, *descartável*. Não é que Zé olhasse para as mulheres como coisas descartáveis, ou que pensasse que uma rapariga menos inteligente tivesse menos sentimentos e merecesse menos respeito. Mas, mais tarde ou mais cedo — e quanto mais cedo melhor — ele teria de acabar com aquela relação e, a verdade é que lhe custaria muito menos se se tratasse de uma estúpida de que ele não gostasse particularmente.

— Como é que conseguiste? — perguntou-lhe ao telefone.

— Como é que consegui o quê?

— Arranjar um estafeta tão cedo.

— Eu tenho os meus contactos, sabes?

— Ah, tens?

— Tenho.

— Foi bonito.

— Obrigada.

— Obrigado, eu.

— Podemos ver-nos hoje?

— Não vai dar. Tenho um almoço combinado.

— És um homem muito ocupado.

— Não sou nada. Vou almoçar com uns amigos. É uma coisa que já estava combinada.

— Só homens?

— Só homens.

— E mais tarde?

— Mais tarde, tenho de ir para casa. Não posso chegar todos os dias às

onze e meia da noite, sabes?

— Sei — disse ela, mas Zé notou-lhe uma certa desilusão na voz.

— Cátia?

— Sim?

— Eu sou casado...

— Eu sei.

— Não, o que eu quero dizer é que não devias pensar em mim como uma coisa duradoura, percebes?

— Então, como é que devo pensar em ti? Como um divertimento? Uma queca para espairecer de vez em quando?

Exactamente, é isso mesmo, pensou ele.

— Não é isso... — disse. — Só estou a dizer que eu não te posso dar aquilo que tu queres.

— E como é que tu sabes aquilo que eu quero, se nunca me perguntaste?

Touché. Zé respirou fundo.

— Tens razão, Cátia, eu não sei, eu nunca te perguntei mas...

— Espera um momento...

A conversa foi interrompida enquanto Cátia falava com alguém.

— Zé?

— Sim.

— Tenho de desligar e, de qualquer maneira, isto não é conversa para termos ao telefone, não achas?

— Acho.

— Então, depois falamos com mais calma, está bem?

— Está bem.

— Beijinhos.

— Beijinhos.

Ufff, salvo pelo gongo. Cátia estava a tornar-se um assunto sério. Cátia não era *uma burra de saias* e não iria facilitar-lhe a vida. Cátia iria espremê-lo até não poder mais, iria obrigá-lo a dar-lhe satisfações, a assumir responsabilidades. Não é que ele receasse que ela se tornasse uma Glenn Close a persegui-lo com facas e a cozer coelhos no fogão lá de casa, mas que seria capaz de o fazer sofrer um bocadinho, lá isso...

Zé sentia-se dividido. Uma parte dele dizia-lhe para acabar com aquilo depressa e voltar à sua antiga rotina caseira, sem preocupações e, até certo ponto, bastante cómoda; a outra parte negava-se a fazê-lo, porque com Cátia ele introduzira a aventura na sua vida e ela fazia-o sentir-se especial. Cátia era bonita e a maioria dos homens comprava revistas que traziam fotografias de mulheres como Cátia para fantasiarem sobre elas. Cátia era um *Ferrari* das mulheres. E um *Ferrari* não se deitava fora. Além disso, Zé ainda se sentia um pouco confuso por Cátia gostar dele. Não se achava suficientemente interessante para atrair uma mulher do seu calibre, via-a mais na companhia de um tipo atlético, empresário de sucesso com um *Ferrari* à porta, convites para festas VIP e fotografias nas revistas dos famosos. Zé não tinha nada

disso, mas tinha Cátia e isso parecia-lhe um pouco anacrónico. Bem podia dizer a si mesmo que o amor era cego e não ligava a fortunas, posição social e essas tretas todas, mas a realidade era um bocadinho diferente, não era? E Cátia nunca lhe havia dito que o amava, pois não?

Teve pena de não poder aparecer no almoço acompanhado de Cátia. Teria sido bestial ver o pessoal a babar-se para cima dos pratos. Mas, pelo menos, levou o *Mercedes*.

O restaurante ficava na zona comercial de um condomínio semifechado, num quarteirão entalado entre o jardim das Amoreiras e a Rua Artilharia Um, desenhado pelas mãos qualificadas de um arquitecto competente. Era um restaurante razoavelmente caro, sofisticado, mas não daqueles onde não se podia aparecer sem reservar mesa com antecedência. Havia empregados fardados a rigor e com bons modos e uma carta de vinhos aceitável.

Estavam seis à mesa, todos amigos de sempre, históricos da juventude. Elogiaram-lhe o *Mercedes* e isso foi bom. Houve uma época, quando ainda estavam solteiros, em que eram inseparáveis. Tinham crescido juntos e não avaliavam as suas amizades pelo dinheiro, pelos carros ou pelo sucesso profissional de cada um. Se Zé chegasse de autocarro, seria acolhido exactamente da mesma forma que se viesse de carro com motorista. Zé sabia que eram tipos porreiros que não ligavam a isso. Mas, ainda assim, era melhor chegar de *Mercedes*.

Começaram por falar dos empregos e de assuntos bestialmente técnicos e complexos, como os novos produtos financeiros e as taxas de juro dos bancos onde trabalhavam, assuntos que os faziam sentir-se uns tipos modernos, cultos e brilhantes. Mas com o evoluir do almoço, do vinho e da conversa voltaram ao mesmo de sempre: mulheres, carros, futebol e anedotas porcas, evidentemente.

Três deles trabalhavam em bancos, um era dono de um *stand* de automóveis — e por isso apresentava-se de *Porsche* —, Tó dedicava-se à sua mediadora de seguros e só um deles continuava a tirar fotocópias numa loja sem importância, a viver num T0 inconcebível na Ericeira, a fumar charros e a fazer *surf* como se ainda tivesse quinze anos. Chamava-se Miguel, tratavam-no por Miguelinho, e contrastava com a maioria dos amigos por usar calças de ganga velhas e *t-shirt* amarrotada, em vez de fatos cinzentos e gravatas de seda; e por se manter solteiro e utilizar um vocabulário semelhante ao dos filhos dos amigos e ainda por não ter dinheiro para pagar a conta.

O problema de Miguelinho era não ter evoluído com a idade. Com o tempo tornara-se aborrecido ouvir-lhe as mesmas piadas que outrora tinham feito dele o mais divertido do grupo, e saber que, por mais conselhos que se lhe desse, Miguelinho nunca seria ninguém. Mas, apesar de tudo, era tolerado pelo grupo, em nome da velha amizade, e no fim do almoço a conta dividir-se-ia por cinco, deixando o Miguelinho naturalmente de fora.

Zé contou-lhes da sua promoção, tendo o cuidado — para grande pena sua — de não falar do seu caso com Cátia.

— Bem, meu — disse Miguelinho —, aposto que já andas a comer alguma chavala lá do banco, com o *Mercedes* e o gabinete novo e essas merdas todas.

Características mais fortes de Miguelinho: consideravelmente irresponsável, demasiado falador e inconveniente.

— Sim, Miguelinho — suspirou —, a administração colocou-me uma *chavala* à disposição e posso fazer o que quiser com ela.

Zé trocou um olhar rápido com Tó e este pôs os olhos no prato. Era o único que sabia de Cátia.

Podia pensar-se que, como não tinha onde cair morto, Miguelinho fosse um tipo humilde, metido consigo próprio, discreto. Mas não, na verdade, ele era exactamente o contrário disso tudo. Gostava de uma boa discussão e, embora normalmente se visse sozinho contra todos, não vacilava na defesa dos seus pontos de vista que aliás, em geral, eram bastante desconcertantes e conseguiam tirar qualquer um do sério.

— Não percebo porque é que vocês andam sempre com essas merdas das gajas boas, gajas boas, gajas boas. Fogo! Até mete nojo. As gajas boas são tão boas como as más.

— Pois, Miguelinho, tá bem — disse um deles —, mas a gente prefere as boas.

— Ouve, meu, levas uma gaja cagativa para a cama, às escuras, e não te sabe ao mesmo que uma gaja boa?

— Não, porque tu sabes que *não é* uma gaja boa.

— Não me lixes. Uma gaja é uma gaja. É como o vinho. Se provares de olhos fechados dois vinhos à mesma temperatura, não és capaz de dizer qual é que é o branco e qual é que é o tinto.

— Ai isso é que sou!

— Ai isso é que não és! Mas tens a mania de que o vinho tinto é que é vinho e que o branco é para os betos que não percebem nada de vinho. Com as gajas é a mesma cena, muita garganta, muita esquisitice, mas depois comes a primeira que te aparecer.

E depois disto gerou-se uma nova discussão, com todos a reclamarem com Miguelinho por causa da história dos vinhos, e mandaram vir uma garrafa de tinto e outra de branco e todos quiseram fazer a experiência que não deu em nada porque, como havia cinquenta por cento de hipóteses, metade acertou no vinho certo e a outra metade falhou.

A conversa continuou neste tom, sem que Miguelinho se deixasse intimidar pelos *Porsches* e pelos *Mercedes* e pelos fatos *Armani* e as gravatas de seda. Miguelinho tinha uma tendência *hippie*. No Verão enchia garrafas com areias de várias cores que, colocadas às camadas, formavam desenhos curiosos, e vendia-as na praia. Ambicionava abrir uma loja de garrafas com areias coloridas e pranchas de *surf* em segunda mão, mas ainda não convencera ninguém a investir no negócio.

— Pessoal — disse no fim do almoço —, não tenho cheta para pagar a

conta.

— A gente sabe, Miguelinho, não te preocupes com isso.

Zé foi para o banco a pensar no que Miguelinho dissera. Num ponto ele tinha razão, os homens falavam muito, diziam-se difíceis, «que eu não vou com qualquer uma, que com a idade ficamos mais exigentes» e essas tretas todas, mas no fundo os homens eram fáceis. Ali estava ele, casado há dez anos, amava Graça, mas isso não o impedira de ir para a cama com Cátia só por Cátia ser um *Ferrari* das mulheres. Os homens eram fáceis porque não viam tanto o sexo como uma consequência única e exclusiva do amor; viam-no como condição inalienável do amor, mas não o contrário. Zé sabia, por experiência própria, que podia envolver-se sexualmente com uma mulher sem sentir um pinga de amor por ela.

Ele não se via casado com Cátia, não se imaginava a viver com ela no seu apartamento saído de um quadro de Roy Lichtenstein e, para ser sincero, nem sequer se interessara muito em conhecê-la bem. Sabia que Cátia era uma rapariga criada em Viseu, que viera para Lisboa e se tornara uma mulher sofisticada à pressa. Imaginava-a a crescer no seio de uma família da classe média baixa e conservadora, de origens bem diferentes das suas, com gostos e interesses distintos. Percebia, pelo seu apartamento com uma decoração copiada de revistas, pela ausência de raízes e pela falta de amigos em Lisboa, que Cátia era uma pessoa à deriva na grande cidade. Cátia agarrava-se ao trabalho e a Zé porque, a menos que apanhasse o autocarro para Viseu, não havia mais nada nem ninguém que justificasse a vida que escolhera. O problema era que, se era segurança que ela procurava, Zé não lha podia dar, ou não queria.

À tarde recebeu uma mensagem de Miguelinho no telemóvel. Dizia assim: «Reunião de emergência, 18:00 horas, frente à bilheteira dos cinemas das Amoreiras.» Se fosse de outra pessoa, teria ficado preocupado, vinda de quem vinha só lhe arrancou um sorriso. Miguelinho não era propriamente maluco. Quem o conhecesse há pouco tempo pensaria que sim, mas não, ele simplesmente não crescera. Em muitos aspectos, mantinha-se o mesmo miúdo de sempre. Por isso todos o tratavam pelo diminutivo, que era a maneira afectuosa de reconhecerem essa sua característica.

Foi encontrá-lo a contemplar extasiado a montra de uma loja de roupa.

— Olá, Miguelinho.

— Olá — cumprimentou-o, sem tirar os olhos da montra.

— Então, qual é a emergência?

— Que gaja boa... — pasmou, referindo-se ao manequim de plástico na montra.

— Miguelinho, é uma boneca.

— Olha-me para aquelas mamas.

— Não estão mal — disse Zé, a revirar os olhos.

— São pequeninas, em rampa, como eu gosto. Não gostas?

— Gosto — admitiu, fazendo inconscientemente que sim com a cabeça, a pensar em Cátia.

— Zé — disse, voltando-se para ele e mudando de súbito de assunto —, lembrás-te daquele negócio de que te falei, da loja?

— Das garrafas com areia colorida?

— E pranchas de *surf* em segunda mão.

— Sim, lembro-me.

— Então, encontrei o local ideal, na Ericeira, uma loja pequena, na parte velha, muito fixe. Está barata e é altamente.

— E?

— E tu foste aumentado, estás cheio de massa, é um bom negócio para investires. Não te vai dar chatice nenhuma porque eu tomo conta de tudo. Só tens de receber os lucros ao fim do mês, topas?

— Miguelinho — disse, em tom de advertência.

— O que foi? Anda lá, vai ser curtido.

— Em primeiro lugar, não estou cheio de massa porque ainda nem sequer recebi nenhum ordenado depois do aumento.

— Zé, deixa-te de *pipinices*. Não recebeste mas vais receber.

— Em segundo lugar... — parou, curioso. — O que é que é isso?

— O quê?

— *Pipinices*. — Às vezes, Miguelinho inventava palavras.

— Oh pá, não sejas picuinhas, não te prendas aos pormenores, pensa no todo, tás a ver a cena?

— Em segundo lugar — continuou —, eu já te disse uma vez que não estava interessado em ter nenhuma loja de garrafas com areia colorida.

— E pranchas de *surf* em segunda mão.

— E pranchas de *surf* em segunda mão.

— Estás a perder uma boa oportunidade.

— Paciência.

— Okay — disse, voltando-se outra vez para a montra. — É mesmo boa, a gaja.

Miguelinho conseguia ser desconcertante, de tão porreirão. Zé ficou a olhar para ele, desarmado. Outro qualquer insistiria até esgotar todos os argumentos, Miguelinho limitou-se a encolher os ombros, como se não estivesse nada de importante em jogo.

Zé enfiou as mãos nos bolsos e olhou em redor. E de repente, lá estava ela.

— Miguelinho, olha — passou-lhe um braço sobre os ombros e fê-lo olhar na direcção certa. — *Aquilo* é que é uma gaja boa.

— Lá isso é verdade. É à maneira. Conhece-la?

— Não, mas gostava. Anda lá no meu ginásio. É aqui perto.

A rapariga era pequenina, mas muito bem proporcionada. Levava o cabelo louro apanhado num rabo-de-cavalo, como da última vez que a vira. E uma mochila às costas. Devia ir para o ginásio, pensou Zé.

— Estás apanhado — disse Miguelinho, divertido com a expressão reverencial dele.

— Estou apaixonado. Ela é um espectáculo.

Um dia típico de Zé: Chegar ao banco às nove — e já estava a pensar seriamente em começar a trabalhar às oito —, seguir atulhado em problemas até às dez da noite — sem almoço nem pausas, só uma sandes e um refrigerante no gabinete —, dar um pulo a casa de Cátia às segundas, quartas e sextas, ir ao ginásio às terças e quintas — quando ia —, chegar a casa depois das onze, abrir o frigorífico, voltar a fechá-lo sem vontade de comer, cair na cama e adormecer como uma pedra.

Começava a ficar francamente assustado com o volume do trabalho e a complexidade dos problemas em cima das suas costas. Agora compreendia que a promoção tinha sido um presente envenenado. Antes era só mais um funcionário sem importância alguma e que não fazia nada de interessante, mas pelo menos conseguia ter uma vida para além do banco. De momento, o banco *era* a sua vida. Vivía num permanente estado de nervos, preocupado, ou melhor, à beira do pânico, pressionado por todos os lados, sem saber para onde se virar. A responsabilidade aumentara duzentos por cento e o *Mercedes* não pagava isso. O aumento, enfim, não era mau, mas também não fora tão bom como julgara.

Cátia já não lhe dava tanto gozo como inicialmente. As visitas a casa dela tinham começado a fazer parte de uma rotina semanal. Zé não andava de bom humor e, a maior parte das vezes, ia picar o ponto quase por obrigação. Cátia tornara-se mais exigente, já não se contentava com uma paródia de sexo rápido, preparava-lhe jantarinhos, que ele engolia sem convicção, e queria conversar com ele calmamente, sentada à mesa a falar dos problemas do trabalho, das suas ansiedades, das suas ambições e de mais uma data de assuntos que Zé nem costumava ouvir com muita atenção, pressionado com as horas, preocupado em ir para casa.

A relação com Cátia começava a parecer-se demasiado com uma vida de casados, para ele uma segunda vida de casado, uma vida dupla. Ou seja, tudo o que Zé sempre garantira a si mesmo que não aconteceria. Cátia comprara-lhe uma escova de dentes!

Ela parecia perfeitamente feliz com a situação. Afinal, nunca chegaram a ter a tal conversa sobre ele ser casado e não poder dar-lhe aquilo que ela pretendia de um homem. Era angustiante. E o pior é que Zé não se sentia com coragem para acabar com tudo. Envolvera-se demasiado. Obrigava-se todos os dias a prometer a si próprio que não passava desse dia, mas chegava a casa de Cátia mais morto que vivo e ela enchia-o de mimos e ele perdia a embalagem no mesmo instante — antecipando, com uma nuvem negra sobre a sua cabeça, uma conversa pesada, uma cena de choro e essas tretas todas, demasiado emocionais depois de uma jornada de trabalho arrasadora — e adia o assunto para o dia seguinte.

Em casa as coisas não iam melhor. Graça nunca fora uma mulher ciumenta e possessiva, do género inseguro e sufocante, mas agora revelava alguma desconfiança. E com razão, diga-se. Afinal de contas, onde é que Zé

estava com a cabeça quando pensou que o banco servia de desculpa para as suas ausências? Quer dizer, uma vez por outra era admissível, mas agora ele praticamente só ia dormir a casa, e chegava bastante tarde. Tirando às terças e quintas, que eram os dias em que não passava na casa de Cátia.

— Zé?

— Sim?

Estavam deitados, lado a lado na cama, com as luzes apagadas e a olhar para o tecto antes de adormecerem.

— Porque é que chegas sempre tarde às segundas, quartas e sextas e às terças e quintas não?

Boa pergunta. Porquê? Que raio de explicação haveria para isso? Zé sentiu-se apanhado de surpresa e teve uma branca momentânea, como aqueles concorrentes dos concursos de televisão que têm a resposta certa para as perguntas mais estranhas do mundo, mas, quando chega a hora H, acendem-se os holofotes do estúdio e o apresentador do programa puxa do cartãozinho e lhes pergunta a coisa mais simples do mundo, ficam tão nervosos que nem são capazes de dizer se as vacas dão água ou leite.

— Zé?

— Sim, querida?

— Não ouviste a minha pergunta?

— Ouvi.

— Então?

— Sei lá, há uns dias em que tenho mais trabalho do que nos outros.

— Ah, e às terças e quintas tens menos trabalho?

— Tenho... às terças e quintas não há reunião e despacho-me mais depressa.

— Que reunião?

— De direcção.

Desta vez safara-se, mas tinha de ter mais cuidado. Nessa noite Zé adormeceu a pensar em estratégias evasivas, planeando manobras de diversão. Os chefes de Estado e os tipos importantes em geral, quando se sentiam ameaçados, nunca faziam os mesmos percursos de carro para evitar os atentados. Pois bem, ele teria de fazer o mesmo para não matar o seu casamento. Teria de evitar as rotinas demasiado óbvias para não ser emboscado com perguntas comprometedoras. Graça não era parva e, um dia destes, poderia apanhá-lo em falso.

Uma semana depois Zé recebeu nova mensagem de Miguelinho: «Reunião de emergência hoje, Irish Pub, 22:00 horas.» Merda para o Miguelinho mais as suas reuniões de emergência. Era sexta-feira, Zé sentia-se de rastos e só queria ir para casa directamente assim que acabasse de trabalhar. Ainda pensara em ir ao ginásio. Já não punha lá os pés há uma data de dias. Mas nem isso faria. De qualquer forma, descobrira uma maneira mais eficaz de perder peso: o trabalho e Cátia. Quando dera por isso, já havia perdido sete quilos e andava a nadar na roupa. Sem fazer desporto nenhum. Deixara de se alimentar em condições, consumia-se em preocupações, corria para casa de Cátia — e tinha de admitir que o sexo com ela era uma autêntica sessão de ginástica —, voltava a correr para casa, dormia pouco, apanhava uma crise de nervos com o trânsito matinal enquanto ia levar Quico ao colégio e tomava o caminho para o banco, onde começava nova maratona. Para cúmulo, já fumava um maço de cigarros por dia e aguentava-se em pé à custa de baldes de café, com adoçante, claro. Sim senhor, aquilo é que era qualidade de vida.

Escreveu uma mensagem a Miguelinho a dizer que não poderia encontrar-se com ele e recebeu outra de volta: «É muito importante, não faltes.» *Ai não, que não falto*, pensou. *Bem podes esperar sentado*.

O pub ficava no Cais do Sodré. Estava cheio de gente barulhenta e de fumo. Sentia-se no ar aquela desconstracção típica das sextas-feiras. Zé entrou e dirigiu-se ao bar. Aparentemente, Miguelinho ainda não chegara. Encostou-se ao balcão, consultou o relógio e sentiu-se tentado em dar meia volta e sair. Mas olhou para o lado e viu uma loura a sorrir-lhe. Bolas, não podia ser.

— Olá! Está boa? — Ouviu-se a dizer.

— Olá, tudo bem?

— Por aqui?

— Por aqui — confirmou ela. Hoje não trazia o cabelo apanhado e pareceu-lhe ainda mais bonita.

— Como o mundo é pequeno — disse Zé com sinceridade. *Agora, encontro esta em todo o lado*, pensou.

— Costuma vir aqui muitas vezes? — perguntou ela.

— Nem por isso — disse. — Vim cá ter com um amigo. Está sozinha?

— Não. Estou com um amigo.

— Ah, muito bem. — *Que pena*, pensou.

Miguelinho apareceu por trás e passou um braço por cima dos ombros de cada um deles.

— Estou a ver que já se conhecem — disse.

Eles olharam para Miguelinho, espantados. «Como o mundo é pequeno», disseram os dois, divertidos.

Ela chamava-se Sara, trabalhava como produtora de televisão e revelou-se uma pessoa interessada, culta e inteligente, que sabia conversar sem se perder em banalidades. Foram sentar-se a uma mesa e Zé dedicou-lhe toda a sua

atenção. Falaram de tudo o que se lembraram e nem repararam que Miguelinho os observava sem participar, enquanto cofiava a sua barba pouco farta, à Che Guevara. E não fizeram nenhum esforço para o demover de se ir embora quando ele perguntou a Zé se não se importava de levar Sara a casa.

— É claro que não, eu levo-a.

— Depois falamos — disse Miguelinho.

— Eu ligo-te amanhã — respondeu Zé, quase sem desviar os olhos de Sara.

E quando repararam, já eram duas da manhã, o bar estava a fechar e Zé não dera pelo tempo passar porque estava demasiado distraído a pensar que ela fazia umas covinhas encantadoras nos cantos da boca quando se ria e que, tinha piada, só agora reparava que era sardenta e isso até lhe ficava bem. Só lhe apetecia enchê-la de beijos, dar-lhe beijinhos naquela boquinha amorosa assim, à má fila, como nos filmes. Mas não se atreveu a tanto. As mulheres portuguesas não eram como as dos filmes, em geral, e não costumavam achar muita graça a tipos que as tentavam beijocar apenas quatro horas depois de as terem conhecido. Zé ponderou essa hipótese ao mesmo tempo que ela dizia uma coisa qualquer que ele já não estava a ouvir por estar concentrado na sua boca e a pensar se teria a sorte de a beijar ainda nessa noite.

— Zé?

— Hã?

— É casado, ou não?

— Sou — disse, sem conseguir evitar uma expressão de pesar.

— É assim tão mau?

— Não, não, porquê?

— Fez cá uma cara...

— Não, às vezes é complicado, mas no geral não é mau.

— E tem filhos?

— Tenho um — disse. E sentiu-se a andar para trás a cada resposta que dava, cada vez mais longe de a conseguir beijar.

— Um rapaz?

— Sim. E você?

— Eu não sou casada — riu-se.

— Mas tem namorado?

— Também não.

Ao menos isso, pensou Zé.

Levou-a a casa, na Avenida da República. Ficaram a falar no carro mais tempo do que seria de esperar — o que era bom sinal —, com a desculpa de fumarem um último cigarro, e combinaram encontrar-se no dia seguinte no ginásio.

Zé ligou a Miguelinho do carro depois de a deixar — e não, não teve direito a beijá-la.

— Estavas a dormir?

— Não, meu, estava a fazer paciências, o que é que achas?

- Ouve lá, como é que tu conhecias a Sara?
- Não conhecia, mas fui ao ginásio e passei a conhecê-la.
- Mas porquê, pá?
- Não a querias conhecer?
- Queria, mas...
- Então, agora já a conheces. Já posso continuar a dormir?
- Podes, Miguelinho, podes.

Miguelinho tinha destas coisas. Se Zé lhe dissesse que gostava de conhecer o Presidente da República, ele arranjava maneira de lho apresentar. Andava pela vida a pairar como se não fosse nada com ele e, de repente, surpreendia as pessoas quando menos se esperava. Quem é que se daria ao trabalho de travar conhecimento com uma desconhecida para a ir entregar de bandeja a um amigo? Só mesmo Miguelinho.

O problema de Zé agora era que não conseguia pensar em mais nada senão em Sara. Encontraram-se no ginásio na segunda-feira e, à saída, ele ofereceu-se para lhe dar boleia. Ela não o convidou para sua casa porque vivia com os pais.

— Vamos ter de ir para um hotel — disse ele a brincar.

— Está bem — respondeu ela a brincar.

— Tem alguma preferência?

— Não — disse. — Escolha você.

E foram mesmo, para um daqueles hotéis limpos, aceitáveis, respeitáveis até, mas impessoais. Ficava na auto-estrada Lisboa-Cascais. Pediram um quarto e ficaram cerca de duas horas. Sara surpreendeu-o com uma crueza desconcertante. Despiu-se antes dele e atirou-se para cima da cama.

— Vai-me ao cu — disse.

— Vou-te aonde?!

— Ao cu.

— *Okay*.

A relação com Sara foi uma experiência inteiramente nova. Sara abominava o romantismo, dispensava preliminares — o que era bom, porque assim Zé conseguia aguentar-se mais tempo —, cultivava a igualdade entre os sexos e era particularmente susceptível a atitudes machistas e a paternalismos bacocos. Ao contrário do que Zé estava habituado, Sara não desempenhava propriamente um papel passivo na cama, gostava de tomar a iniciativa, de lhe dizer o que lhe dava prazer e era até muito dominadora. Sara dava ordens e reprendia-o se ele não fazia as coisas exactamente como ela mandava: «Enfia-o todo, isso, assim, não, não, não pares, mais depressa, mais depressa, porra! Fode-me! Foooode-me... Uiiii, ahhhh, uiiii, ahhhh!»

E isto feriu o amor-próprio de Zé? Não, nem por isso. Na realidade, até o excitava bastante. Sara não era nenhuma pervertida do género de só ter prazer com algemas e chicotes, o que ela queria era cavalgar em vez de ser só cavalgada, de lamber em vez de ser só lambida e por aí fora. E Zé não se importava nada de a ter por cima, em investidas selvagens, enquanto lhe dizia obscenidades gratificantes.

Além disso, Sara era capaz de correr riscos com a maior descontração. Se estavam no carro estacionados depois do ginásio e sentiam vontade de se devorar ali mesmo, no parque de estacionamento, ela não hesitava nem um segundo. Fizeram-no uma vez, aliás, logo no dia seguinte a terem estado no hotel. Deixaram o ginásio apressados e foram para o carro. Os vidros embaciados protegeram-nos de olhares indiscretos e das câmaras de vigilância exteriores, enquanto faziam amor na confusão dos fatos de treino e na excitação dos corpos suados do exercício que ficara a meio por não poderem esperar mais.

Era engraçado como se podia olhar para uma pessoa, conversar com ela horas seguidas, ir com ela para a cama e, só depois de algum tempo, depois de

ultrapassada a excitação inicial, se começou a aperceber de uma série de pormenores que haviam passado completamente despercebidos. No fundo, só se via o que se queria ver, até se começar, lentamente, de uma forma progressiva, a ter a imagem completa da pessoa. Zé achara que Sara era uma rapariga desinibida, moderna, bonita de uma maneira muito feminina. Na realidade, Sara era desinibida, moderna, mas não tão bonita assim nem, de forma alguma, muito feminina. A sua atitude independente emprestava-lhe uma certa masculinidade, no sentido de não agir como a maioria das mulheres, de não ficar à espera de que o homem tomasse a iniciativa, de não ficar sentada em casa ao lado do telefone até que lhe telefonassem para a convidar para sair, ou de não aceitar que lhe pagassem as contas e de se estar a borrifar para conversas românticas, ramos de flores e outras tretas do género. Era como ela via as coisas.

Enquanto Graça dava como adquirido que Zé regressaria sempre a casa ao fim do dia e Cátia aguardava pacientemente um telefonema dele, Sara pegava no telemóvel onde quer que estivesse e interrompia-lhe uma reunião para lhe dizer que largasse tudo o que estava a fazer para ir ao seu encontro numa paragem do metro, numa esplanada ou num quarto de hotel.

É claro que havia muitas mulheres perfeitamente capazes de fazer o mesmo, mas Sara tinha esta particularidade de estar sempre um passo à frente de Zé, de ser ela a tomar as decisões, enquanto ele se limitava a seguir a corrente.

— É estranho — comentou Zé uma vez — ainda viveres com os teus pais.

— Porquê?

— Por seres tão independente.

— Por acaso, até já pensei muitas vezes em ir viver sozinha, mas como passo a vida de um lado para o outro, de hotel em hotel, por causa do trabalho, acabo por estar pouco tempo em casa.

De facto, o seu trabalho como produtora levava-a a viajar frequentemente tanto em Portugal como para o estrangeiro. Duas semanas depois de se conhecerem, Sara ligou a Zé do Porto e disse-lhe para ir ter com ela. E ele estava tão obcecado por ela que pegou no carro e fez isso mesmo. Passou uma hora com Sara num quarto de hotel e regressou a casa a tempo de jantar com Graça.

Zé andava febril, totalmente absorvido pelas suas relações conturbadas. Sentia dificuldade em concentrar-se no trabalho e, numa altura em que mais precisava de se dedicar ao novo cargo no banco, acontecia precisamente o contrário. Passava muitas horas no gabinete, demasiadas, mas era como se não estivesse lá. Andava aluado, demorava o dobro do tempo necessário para despachar os assuntos, deixava passar os prazos, estava a tornar-se desleixado. Começava a atrair as atenções dos seus superiores e de forma alguma pelas melhores razões.

Graça deixara de ter um lugar prioritário nos seus pensamentos. Havia dias inteiros em que nem se lembrava dela, a não ser quando chegava a casa. Longe iam os tempos em que Zé lhe telefonava de manhã e de tarde, em que se falavam só pelo prazer de se ouvirem, mesmo quando não tinham nada de concreto para dizerem um ao outro. Mas Zé ainda pensava em Graça como a *sua* mulher e era assim que tudo deveria permanecer. No seu íntimo, ele queria convencer-se de que nada mudara, recusava-se a admitir qualquer alteração de sentimentos relativamente a Graça. Não, ela era a escolhida, a mãe do seu filho, a mulher da sua vida e *divórcio* era daquelas palavras que não lhe passavam pela cabeça. Era verdade que a vida se tornara mais complicada, mas nada mais do que isso. *Graça não é para aqui chamada*, dizia a si próprio, para se tranquilizar, se por acaso a recordação dela se intrometia no meio de uma reflexão que incluía Cátia ou Sara, ou Cátia e Sara.

Cátia mantinha-se inabalável no quadro de honra das suas conquistas, o que tornava muito difícil a Zé desistir de a ver e de continuar a visitá-la no seu apartamentozinho colorido. Contudo, aquela sensação de novidade inicial já se dissipara por completo e ele gostaria de se convencer de que já era altura de cada um seguir o seu caminho pacificamente, sem ressentimentos. Só que, por alguma razão que tinha que ver com a beleza fascinante de Cátia e com todas as implicações psicológicas que esse facto trazia, Zé era como um viciado a querer desistir da droga, mas incapaz de dar o passo decisivo. Ainda pensava que ela era boa de mais para ser verdade e ainda se sentia deslumbrado na sua presença. Cátia era o seu *Ferrari* das mulheres e ele não se sentia capaz de abrir mão dela. Se Cátia fosse um *Ferrari* a sério e Zé se fartasse dele, podia vendê-lo e não pensar mais no assunto nem ficar com sentimentos de culpa em relação a isso, mas Cátia era uma pessoa de carne e osso e, apesar de Zé fazer um enorme esforço para não levar a sério a relação que existia entre eles, a verdade é que não podia desfazer-se dela como se fosse apenas um objecto bonito.

No fundo, Zé não era um sacana insensível que se estava nas tintas para os sentimentos de Cátia. Se era arrogante e a comparava a um *Ferrari*, se se queria convencer de que ela não tinha a menor importância para ele, era precisamente por ter medo de se apaixonar por Cátia.

Podia ter um caso inocente com uma mulher, podia ir a casa dela e desfazer o seu cadeirão de palhinha numa cena de sexo frenética e rebolar

com ela pelo chão e essas coisas todas, e até podia repetir tudo isso várias vezes por semana e várias semanas por mês, mas não se podia apaixonar por ela, porque isso seria ir contra todas as regras. O bom senso dizia-lhe que devia manter uma distância segura no domínio dos sentimentos para não cair na armadilha do amor. O amor com A grande, o amor verdadeiro estava reservado para Graça e tinha de ser protegido a qualquer preço, nem que para tal tivesse de se convencer de que andava a comer um *Ferrari*, por mais ridículo que fosse o conceito.

Diversificar parecera-lhe a palavra-chave para evitar sentimentos profundos — e não lhe viessem dizer que andava a inventar desculpas em cima de desculpas para enganar Graça despudoradamente, porque ele não estava para aí virado. — Diversificar foi a palavra que melhor lhe soou quando começou a sair com Sara. Afinal de contas, não poderia apaixonar-se por três mulheres ao mesmo tempo, pois não?

Então, o que é que tinha agora? Tinha Graça, como sempre; Cátia, a mulher mais bonita que Zé alguma vez conhecera; Sara, a mais nova das três, vinte e seis anos, um corpo perfeito, e a menos convencional das três. Sara não pensava em casar e ter filhos, não esperava nada de Zé nem queria compromissos, não tinha uma profissão muito comum, e gostava de sexo como nenhuma outra mulher com quem Zé já tivesse estado. Gostava do sexo sem tabus nem regras, gostava de virar tudo do avesso, e de fazer coisas que só se viam nos filmes, como fazer amor de pé na cabina de provas de uma loja de roupa.

Era este conjunto que tornava Sara fascinante, embora Zé achasse que ela não era o género de mulher que ele escolhesse para casar e dar-lhe filhos. Quando se tratava de escolher alguém para casar, um homem queria sempre uma mulher convencional. Podia não ser muito bonita nem muito imaginativa na cama, mas tinha de ser, definitivamente, convencional. Tinha de evitar que a casa se afundasse como um *Titanic*, de tratar das compras, de decidir sobre as refeições, de saber a que dias se fazia a muda da roupa das camas e das toalhas das casas de banho, de tomar conta dos filhos, das escolas e dos médicos, de ser, em suma, a âncora que garantisse a estabilidade do casamento. Zé, como todos os seus amigos — salvo talvez Miguelinho, mas esse nem sequer pensava em casar —, fantasiava com mulheres que se estavam nas tintas para a casa, que não sabiam cozinhar, que não queriam filhos a prejudicar-lhes a carreira e que faziam amor com quem lhes apetecesse, quando lhes apetecesse e onde lhes apetecesse. Uma mulher assim, livre das pressões sociais, imune às regras da educação tradicional, sem preconceitos conservadores, era o sonho de qualquer homem. Mas não para casar, evidentemente.

Zé jamais conseguiria dormir descansado se estivesse casado com alguém que andasse pelo país em filmagens e que não fizesse a mínima ideia se o frigorífico estava cheio ou vazio. Era uma questão de segurança, ou insegurança, neste caso.

Estavam deitados na cama, enrolados um no outro, acabadinhos de fazer amor, quando Zé se lembrou de fazer a pergunta.

— Porque é que tu nunca gritas nem dizes asneiras quando fazemos amor?

— Desculpa?! — A pergunta, ao fim de dez anos de casados, pareceu-lhe, no mínimo, bizarra.

— Estava a pensar — disse —, nunca tens vontade de fazer essas coisas ou não fazes por achares que eu não ia gostar?

— Estavas a pensar? — espantou-se Graça.

— Hum, hum...

— Porque é que eu não grito e não digo «fode-me com o teu caralho grande»? — disse Graça, e só de a ouvir dizer aquilo já lhe soou mal. Ela soltou uma gargalhada.

— De que é que te estás a rir?

— E a que propósito é que vem essa pergunta? — quis saber ela, ainda a rir. — Andaste enrolado com alguma galdéria que gritava e dizia palavrões?

— Não sejas parva.

— Então, gostavas que eu fosse assim?

— Não, era só curiosidade.

— Não, a sério, gostavas de experimentar?

— Não, Graça, estás muito bem assim. Até porque não seria uma coisa natural.

— Não?

— Não. Se gostasses dessas coisas, eu já sabia, ou não?

— Há bocado não tinhas tanta certeza disso, pois não?

— Tens razão, foi uma estupidez.

— Da próxima vez, vou gritar até acordar os vizinhos todos — disse ela, a gozar com ele.

— Ah, ah, ah, que engraçada.

E esta foi uma intromissão grave entre sectores da vida de Zé que, segundo o seu próprio conceito, deviam permanecer estanques. Zé tinha caído no erro de pretender transpor para a sua cama matrimonial aquilo que experimentara numa situação clandestina, por assim dizer. Tinha cedido à tentação de sugerir a Graça que fosse como Sara na cama. Fora uma atitude irreflectida e sem sentido, porque elas eram totalmente diferentes e Zé não podia começar agora a modelar Graça à imagem de Sara. E inconsciente, na medida em que poderia levar a que Graça ficasse a cismar se ele não teria realmente sido levado a perguntar-lhe aquilo por ter tido uma experiência semelhante.

Zé ainda andava a sentir dificuldade em adaptar-se ao seu novo estilo de vida, pois não estava habituado a gerir três relações em simultâneo. O que, aliás, não era nada fácil. Cátia não sabia da existência de Sara, Sara não sabia da existência de Cátia e Graça não sabia da existência de nenhuma das outras duas, e, portanto, todas acreditavam que ele só se interessava por cada uma,

exclusivamente, mas, na realidade, a agenda de Zé era bastante mais preenchida do que elas julgavam.

Cátia esperava que ele a visitasse regularmente e que, de vez em quando, a levasse a sair para jantar ou ao cinema, caso contrário assediava-o com mensagens de computador, telefonemas amuados e emboscadas embaraçosas nos corredores do banco. Sara esperava que ele estivesse disponível para fazer alguma coisa realmente louca a qualquer hora do dia, como percorrer seiscentos quilómetros numa tarde só porque ela lhe telefonava a dizer que estava a morrer por sexo e que, se ele não fosse, chamava o primeiro homem que encontrasse para se satisfazer.

Curiosamente, Graça ainda era a menos exigente e a mais compreensiva das três. Estava convencida de que Zé se matava a trabalhar e queria apoiá-lo a cem por cento. Dispunha-se a fazer os sacrifícios que fossem necessários para que ele conseguisse provar que estava à altura do novo cargo no banco. Mesmo que, para isso, ela se visse obrigada a abdicar da companhia do marido na maior parte do tempo. Mas Graça preocupava-se por ver que Zé começara a emagrecer e por ele lhe parecer demasiado cansado. Zé chegava tarde a casa, recusava-se a comer, ia directo para o quarto, desfazia-se da roupa de qualquer maneira, atirava-se para a cama e adormecia instantaneamente. O que ela não sabia, era que Zé tinha passado a hora de almoço com Sara e a hora de jantar com Cátia.

Hoje em dia, se algum amigo lhe viesse com fantasias e lhe dissesse como seria bom ter muitas mulheres ao mesmo tempo, Zé responderia, com toda a sabedoria do mundo: «Experimenta e vais ver se não morres ao fim de poucas semanas.»

O pior de tudo era que depois de as ter, não conseguia livrar-se delas. Agora já sabia como se sentia um viciado em drogas. Não era feliz, mas também não abdicava delas.

Os fins-de-semana estavam reservados para a família. Era quando Zé conseguia mesmo descansar. E, ao contrário de antigamente, já nem se importava de os passar sem fazer rigorosamente nada. Graça saía para fazer compras, Quico tinha sempre uma festa de anos de algum colega da escola e Zé ficava com a casa toda só para si. Arrastava-se pelo sofá a dormirar frente à televisão. Eventualmente, iam os três jantar fora no sábado.

Ainda não há muito tempo, se passava um fim-de-semana assim, ficava numa angústia terrível. Nos primeiros anos de casados houvera sempre programas, fins-de-semana fora com amigos, pequenas viagens ao Alentejo ou ao Algarve ou, se ficavam em Lisboa, convidavam os amigos ou familiares e tinham a casa sempre cheia de gente. A irmã de Graça aparecia muito com o marido e davam-se bem. Mas o marido concorrera a um lugar na Comissão Europeia, em Bruxelas, e, desde há cinco anos que só os viam quando eles vinham a Lisboa pelo Natal. A irmã de Graça estava de novo grávida, pela quarta vez, e, ao que parecia, não se ficaria por aqui. E era quatro anos mais nova. Trinta anos, três filhos e meio, doméstica, a viver em Bruxelas com um

brilhante funcionário da União Europeia. Tanto quanto Zé ia sabendo, aproveitavam bem a vida em Bruxelas, viajavam muito pela Europa. Iam a França, Alemanha, Holanda e por aí fora. Zé não conhecia quase nada. Só Paris e Londres, vagamente, uma semana em cada cidade, em hotéis de segunda classe. Graça costumava dizer que podiam visitar a irmã em Bruxelas — ela já o fizera uma vez, aliás, mas sozinha e ele concordava, mas acabavam sempre por adiar a viagem, sabia-se lá porquê. Preguiça, era o que era.

Os amigos de Graça tinham desaparecido do mapa, praticamente todos; perdera o contacto com eles. Os amigos de Zé resistiam. Um almoço por mês e pronto. Tó e Lili eram os únicos fiéis, com quem estavam mais vezes. Já não davam um jantar há séculos e só viam o Alentejo da auto-estrada quando iam ao Algarve no Verão.

Durante a semana, Zé estava ocupado a trabalhar, os dias corriam depressa e não lhe deixavam tempo para se preocupar com estas coisas. Mas ao fim-de-semana caía em si e enchia-se de remorsos por não fazer mais pela vida, por se deixar andar sem contrariar a letargia do sofá e dos cinemas com pipocas.

Assustava-o um pouco ver os meses passarem, semana após semana, e ficar-lhe apenas aquela sensação do tempo perdido. Isto deixava-o muito deprimido.

Mas tudo mudara desde que Zé começara a desafiar a sorte. Agora sentia-se bem vivo. Vivia no arame mas sabia que ainda tinha adrenalina e arriscava. Além disso, tinha um estatuto profissional invejável, gabinete próprio e secretária de carne e osso. Tinha uma família de que gostava e andava com duas mulheres que lhe preenchiam o ego, cada uma à sua maneira. Era uma infantilidade, pois era, mas...

Por vezes Zé sentia-se perdido, com a sensação de que nunca crescera. Olhava para Quico e pensava, *se tu soubesses, meu filho, deitavas as mãos à cabeça e gritavas: «Meu Deus, estou entregue a um adolescente!»*, porque era exactamente assim que Zé se sentia.

Há uma série de conselhos básicos para os maridos infiéis. São pequenas precauções baseadas no bom senso, que não custam nada a tomar e que, se forem seguidas, garantem um casamento mais saudável e prolongado. Uma delas consiste em não deixar nunca, mas nunca, o telemóvel à mão da mulher legítima. Deve guardar-se o aparelho em lugares seguros, como o escritório ou o carro, mas não se deve levá-lo para casa ou, se se levar, convém desligá-lo e certificar-se de que ela não conhece o código de acesso. Pode ter-se dois telemóveis — esta é a solução mais sofisticada e comporta alguns incómodos, como saber dois números de cor e canalizar chamadas diferentes para cada aparelho, segundo as conveniências, mas é bastante eficaz — e, nesse caso, só se dá a conhecer à mulher o telemóvel *inocente*.

Se não quiser seguir nenhuma destas indicações, o marido infiel pode optar por ser extremamente susceptível ao facto de alguém, seja lá quem for, usar o seu telemóvel, seja em que circunstância for. — *Será que não pode haver pelo menos uma coisa nesta casa que seja só minha?* É uma pergunta legítima, bizarra talvez, se vier a propósito de um simples telemóvel, mas legítima. E deve ser feita em voz bem audível, e até provocar uma discussão, e repetir-se as vezes que forem necessárias até a mulher perceber que deve respeitar a vontade do marido neste aspecto particular, por mais ridícula que lhe pareça.

Em caso de desespero, o marido infiel deve tomar a derradeira medida de urgência recomendada por todos os manuais: deitar fora o telemóvel e dizer que o perdeu. Vem nos livros.

Era uma sexta-feira. Zé estava a tomar um duche rápido e preparavam-se para ir jantar fora com Tó e Lili. O telemóvel de Zé tocou no quarto e Graça atendeu. Do outro lado ninguém falou mas ela percebeu que a outra pessoa interrompeu a ligação. Graça atirou o aparelho para cima da cama e continuou a vestir-se. Não ligou muito ao incidente porque naquele momento estava indecisa com a camisola que deveria vestir e já provara três e ainda não se sentia satisfeita com o resultado que via ao espelho, de corpo inteiro, que havia no canto do quarto. Cinco minutos depois, o telemóvel voltou a tocar. Os duches rápidos de Zé nunca demoravam menos de vinte minutos. Graça atendeu e, novamente, do outro lado desligaram. Mas agora ela já escolhera a camisola e, como sempre, preparava-se para ficar à espera de Zé. De modo que deu mais atenção àquele comportamento inusitado de alguém que ligava e não falava.

Foi uma atitude inocente, uma ingenuidade, levada somente pela curiosidade. Graça consultou o registo de chamadas não atendidas do telemóvel de Zé e constatou que havia sete do mesmo número, com o nome de Cátia. Se bem que ela não conhecesse ninguém com esse nome, admitiu que poderia haver uma explicação plausível para uma Cátia desconhecida ligar com insistência para Zé e desligar precipitadamente quando não ouvia a sua voz. Poderia ser um assunto urgente de trabalho, uma funcionária tímida

ou qualquer coisa assim rebuscada mas, enfim, possível. Em seguida, menos ingenuamente, Graça consultou o registo de chamadas efectuadas e, das últimas dez que o aparelho permitia ver, quatro eram para a tal Cátia e — alarme! — seis referiam-se a uma Sara, de quem, mais uma vez, Graça nunca ouvira falar.

Voltando a Cátia, a primeira preocupação da lista, Graça não resistiu ao impulso e ligou o número dela.

— Está?

— Sim, Cátia?

Hesitação.

— Sou...

— Aqui fala a mulher de Zé Figueiredo. Você estava a tentar falar com o meu marido?

— Sim... estava.

— Ah, bom, é que ele agora está a tomar banho e não pode atender. Quer deixar algum recado?

Nova hesitação.

— Não ehh... deixe lá, não é nada de importante.

Resposta errada, minha linda, pensou Graça.

— Alguma importância deve ter — disse — para você telefonar tantas vezes seguidas...

— Não, é que, era só um assunto de trabalho, mas pode esperar para mais tarde. Eu depois falo com o doutor Figueiredo, não se incomode.

«Doutor Figueiredo», estás a melhorar. Um toque de cerimónia e distanciamento soa melhor. Mas quem faz cerimónia não liga fora das horas de expediente por causa de assuntos sem importância, POIS NÃO?!!!, apeteceu-lhe gritar.

— Veja lá — ironizou, simulando um tom atencioso — se não quer mesmo deixar recado.

— Não, diga só que eu liguei e, olhe, deixe lá, não o incomode mais. Isto pode ficar para segunda-feira.

— Muito bem. Então, nesse caso, boa noite.

— Boa noite, obrigada, com licença — disse Cátia, um pouco atabalhoadamente, e desligou.

Graça sentiu-se a ferver e nem pensou duas vezes antes de ligar o número seguinte.

— Tá?

— Sim, Sara?

— Sou...

— Aqui fala a mulher de Zé Figueiredo.

— Sim?...

— E estava aqui a pensar com os meus botões, por que razão é que o meu marido fala seis vezes durante o dia para si e, como não a conheço...

Neste ponto, Graça estava consciente de que se arriscava a fazer figura de

parva. A conversa era embaraçosa e estava a acontecer porque ela não reflectira antes de fazer o telefonema. Pelo tom da voz, Sara não lhe pareceu minimamente comprometida, de modo que podia ser mesmo uma relação de trabalho.

— O seu marido sabe que me está a telefonar?

— Não... o meu marido está a tomar banho.

— Ah, pois... e como é que você se chama?

— Graça.

— Oiça, Graça, o seu marido é que me telefonou. Porque é que você não lhe pergunta a razão?

— E vou fazer isso mesmo. Você trabalha com ele?

— Não directamente — disse. — Agora, se não quer saber mais nada, eu estava aqui com um assunto importante entre mãos e...

— Tudo bem, desculpe incomodá-la, boa noite.

— Adeus, boa noite — disse, claramente aborrecida com o desprazo de Graça.

De modo que, quando Zé saiu da casa de banho, Graça já reunira matéria suficiente para, pelo menos, deduzir a acusação.

Prova A: Cátia liga duas vezes e desliga sem dizer nada quando percebe que não é o «doutor» Figueiredo que atende o telefone.

Prova B: Cátia confessa que telefonou por causa de um assunto sem importância, embora faça cerimónia com o «doutor» Figueiredo.

Prova C: Cátia tem um registo impressionante de chamadas não atendidas no telemóvel de Zé.

Prova D: Zé tem um registo impressionante de chamadas efectuadas para Sara.

Prova E: Apesar disso, Sara não trabalha no banco.

Prova F: Sara recusa-se a explicar porque é que Zé lhe telefona mais vezes do que é normal, tendo em conta que não têm uma relação de trabalho directa. E diz-lhe, com alguma arrogância, que pergunte ao marido a razão de tantos telefonemas.

— Quem são a Cátia e a Sara? — dispara Graça à queima-roupa, assim que Zé entra no quarto.

— Como?! — exclama Zé, atordoado, de pé, junto à porta, com uma toalha enrolada à cintura e a pingar água para a alcatifa.

— Quem são a Cátia e a Sara? — Graça repete a pergunta, mas dando-lhe uma entoação mais cantada, reforçando assim a sua determinação em receber uma explicação satisfatória.

— Cátia é uma chata lá do banco que não me larga com coisas de trabalho e Sara é outra rapariga do banco — diz Zé, compreendendo o que está a passar pela cabeça de Graça ao ver o telemóvel na mão dela.

— E é normal a Cátia ligar-te para o telemóvel e não falar quando vê que não és tu e depois desligar?

— É — diz Zé, sem hesitar.

— É?

— É. Ela não bate muito bem da bola. Tem vergonha de tudo.

— Tem? Olha, não parece.

— Porquê?

— Porque te liga a toda a hora por causa de assuntos sem importância.

— E como é que tu sabes que não são importantes?

— Porque ela me disse.

— Então, não acabaste de dizer que ela desligou sem dizer nada?

— Sim, mas eu liguei-lhe.

— Ligaste-lhe?! — Zé está virado para o roupeiro, donde tirou uns *boxers* que está a vestir. Volta-se espantado, desequilibra-se e quase cai com a perna meio enfiada nos *boxers*.

— Liguei. Ela já estava a irritar-me.

— Tu não estás boa!

— E a Sara? — pergunta Graça, ignorando o último comentário.

— E a Sara, o quê? Não me digas que também lhe ligaste.

— Também.

— Não ligaste nada!

— Liguei, liguei.

— E o que é que lhe disseste?

— Perguntei-lhe porque é que o meu marido lhe telefonava a toda a hora.

— Graça!

— Graça, nada!

— Tu passaste-te!

— Ah, pois passei, não tenhas dúvidas de que me passei.

— E posso saber porque raio é que fizeste isso?

— Olha, porque não acho normal que tu recebas telefonemas de uma mulher a toda a hora e que liguês para outra mulher a toda a hora.

— Bonito. Era só o que me faltava, a minha mulher, ciumenta, a fazer telefonemas para casa das minhas colegas.

— Tuas colegas?

— Sim, minhas colegas!

— Sabes o que é que a tal da Sara me disse?

— Não, diz lá o que é que ela te disse.

— Disse-me que *não* era tua colega.

— Ah... disse? — primeiro percalço sério. — Pois, e não é.

— E também disse — Graça faz um sorriso cínico, mostrando que não está a achar piada nenhuma — que *não* trabalha contigo. — É mentira, ela não disse exactamente isso. É uma armadilha para ver se ele cai.

— Disse?! — diz Zé, desconfiado. Não caiu.

— Directamente, não trabalha directamente contigo.

— Pois — abre os braços, como quem pergunta «qual é o espanto?» — e não trabalha directamente comigo — diz, acentuando cada sílaba, para reforçar a ideia e para que ela entenda como está francamente aborrecido com

as suas *parvoíces*.

— Então, em que é que ficamos? — pergunta Graça. — Ela é ou não é tua colega?

— Ela não é minha colega.

— Mas tu acabaste de dizer que era! — exclama, levantando a mão como quem aponta para o passado muito recente.

— Não, Graça — diz Zé, enfatuado — eu disse que era só o que me faltava, que a minha mulher andasse a fazer telefonemas às minhas colegas. Eu utilizei o plural como forma geral. Estava a referir-me à Cátia.

— Ah, bom. Então, o que é que a Sara faz?

— A Sara trabalha numa produtora qualquer e está com uns problemas com um pedido de empréstimo para a compra de uma casa, que *eu* estou a resolver. E já chega de interrogatório por hoje, não achas?

O jantar correu mal. Pior do que mal, foi um desastre. Tinham escolhido um restaurante japonês da moda, junto ao rio, e esperava-se que se divertissem a observar o cozinheiro a preparar a comida com todos os rituais e a beberem *saké*, ou lá como é que se chamava a bebida, e a tentarem comer coisas cruas como só os japoneses conseguem. Mas Graça sentia-se infeliz e confusa, e Zé estava à beira do pânico, embora preferisse simular que se sentia irritado, por uma questão de estratégia.

Ambos tentaram fingir que não havia problema nenhum para não estragarem a noite aos amigos, mas a certa altura Graça não aguentou mais, levantou-se precipitadamente da mesa e foi enfiar-se na casa de banho.

— Zé — perguntou Lili —, o que é que se passa?

— Nada, tivemos uma discussão — respondeu, encolhendo involuntariamente os ombros, o que o fez parecer culpado. E era, de facto, mas a sua ideia era fazer-se de vítima.

— Eu vou lá ver se ela precisa de alguma coisa. — disse Lili, levantando-se.

Na casa de banho:

— Então, miúda? Estás bem?

— Não — disse Graça, a chorar frente ao espelho. — Estou péssima.

— Graça, anda cá. — Fê-la virar-se para ela e ajudou-a a recompor-se. — Tens os olhos todos esborratados, rapariga.

— Pois tenho — disse Graça depois de se ver ao espelho. Começou a rir-se e a fungar ao mesmo tempo. Lili riu-se com ela e passou-lhe uma toalha de papel.

— Então — insistiu —, conta lá...

Entretanto na mesa:

— Não me digas que aconteceu o que eu estou a pensar que aconteceu.

Zé abanou a cabeça, devagar, afirmativamente.

— Eh pá, que grande merda!

— Quer dizer, não aconteceu exactamente o que tu estás a pensar, mas andou lá perto.

— Bonito serviço. — Tó cerrou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

— Bonito serviço, bem podes dizê-lo.

— Mas a Graça já sabe da gaja lá do banco?

— Não! Ouve lá, ela não sabe porra nenhuma!

— Ai, não?

— Não. Ela sabe que a gaja do banco existe, mas não sabe que eu a ando a comer.

Na casa de banho:

— Eu acho que o Zé anda metido com uma gaja qualquer lá do banco. — Utilizou a palavra *gaja* como se cuspsse o desprezo que sentia.

— Não!!! — Lili levou a mão à boca, chocada.

— Sim, Lili, e estás a animar-me imenso.

— Ai, Graça, desculpa, mas é que fiquei tão... tão... olha, nem sei o que dizer. Mas, tens a certeza?

— A certeza não tenho, senão não estava aqui esta noite, seguramente.

— Mas por que é que achas isso?

Entretanto na mesa:

— Duas, Zé?! Ela apanhou-te com duas?!!!

— Ela não me apanhou.

— Está bem, não te apanhou, mas também não ficou lá muito convencida com as tuas desculpas.

— Pois, parece que não.

— Ela está lixada, Zé.

— Pois, parece que sim.

— E agora, o que é que vais fazer?

— O que é que eu posso fazer? Vou continuar a negar, claro.

Na casa de banho:

— Não é possível! Duas?!!!

— Duas — confirmou Graça, fazendo gravemente que sim com a cabeça.

— Uma a telefonar-lhe e ele a telefonar à outra. Aliás, ele telefonou às duas.

— E agora, o que é que vais fazer?

— Sei lá. Ainda estou em choque, mas provavelmente não faço nada. Não tenho prova nenhuma de que ele me está a mentir, é só um *feeling*.

— E que *feeling*. Logo duas, caramba.

— Obrigadinha.

— *Sorry* — fez um sorriso amarelo.

Graça e Lili regressaram à mesa. Zé e Tó perguntaram se estava tudo bem e elas responderam que sim, embora as suas expressões carregadas dissessem que não. Graça sentia-se desorientada e Lili nem se deu ao trabalho de disfarçar que estava furiosa com Zé. Pediram cafés e a conta; beberam o café à volta de uma conversa escassa, de circunstância.

Nestas alturas, os sexos pareciam unir-se numa espécie de solidariedade que os colocava em confronto. Homens contra mulheres. De tal forma que a caminho de casa Tó acabaria por ouvir das boas de Lili por se atrever a ensaiar a defesa do amigo.

— Vocês são todos iguais — explodiu Lili. — Pensam que podem pôr os cornos às mulheres à vontade porque isso não tem significado nenhum, não é? Já conheço muito bem essa conversa.

— Eu só disse que a Graça pode ter exagerado. Pode não ter acontecido nada. Ela não o apanhou propriamente na cama com ninguém, pois não?

— Oh, Tó, poupa-me. Estamos a fazermo-nos de ingénuos a esta hora, não?

— Não é fazermo-nos de ingénuos, eu só disse que...

— Tu só disseste que ele é um santinho que fala com duas mulheres a toda a hora porque está muito preocupado com o trabalho. Pois, tá bem.

— E não pode ser?

— Se calhar, tu também precisas de telefonar às tuas clientes de hora a hora.

— Não sejas parva.

— Porquê, não te preocupas com elas?

— Lili, estamos a falar dum problema do Zé e da Graça. E é melhor ficarmos por aqui.

— Também acho.

Nessa noite dormiram cada um para o seu lado da cama.

Zé e Graça nem tentaram falar. Foram em silêncio para casa, um silêncio pesado, envolvido em pensamentos dolorosos.

Na segunda-feira, Zé encontrou-se com Tó para tomarem uma bica num café perto do escritório de Tó. Estava uma manhã bonita, fria mas cheia de sol. Sentaram-se na esplanada. Havia sete mesas, metálicas, prateadas, nada daquelas porcarias de plástico oferecidas pelas empresas de refrigerantes. O senhor Abílio, que Tó visitava diariamente, orgulhava-se do seu café, pequeno mas com uma esplanada como deve ser.

— À tua conta — disse Tó, enquanto abanava vigorosamente o pacotinho de açúcar e olhava para Zé com uns olhos duros, de censura —, tive de aturar a Lili no outro dia.

— Foi? — exclamou Zé, embaraçado. — O que é que aconteceu?

— Oh, o que é que aconteceu, pôs-se a mandar vir comigo por achar que te estava a defender.

— A defender-me? Mas tu não disseste nada!

— Não, foi depois do jantar, quando íamos para casa.

— Ah — fez uma careta, a imaginar a cena —, foi complicado?

— Um bocadito. — Encolheu os ombros. — Mas também já estamos habituados a ter as nossas discussões.

— As mulheres são lixadas... — observou Zé, recostando-se na cadeira e a abanar a cabeça, como se o que acabara de dizer constituísse uma fatalidade.

Caíram em silêncio, a observar a rua pouco movimentada e a pensar naquilo.

— Olha Zé — disse Tó, quebrando aquele momento de contemplação —, vou contar-te uma coisa que mais ninguém sabe.

— Hum...

— E peço-te para não dizeres nada a ninguém, pelo menos para já. Prefiro manter as coisas em segredo enquanto não falar com a minha família e com a família da Lili, para não receberem a notícia por terceiros.

— A Lili está grávida? — exclamou Zé, com um grande sorriso.

— Não. Eu e a Lili vamos separar-nos.

— Vocês o quê?!

— Vamos separar-nos. Já conversámos muito sobre o assunto e tomámos a decisão. Não é nada definitivo, mas eu vou sair de casa por uns tempos e depois logo se vê.

— Porra, Tó. Que chatice. Eu achava que vocês se davam lindamente. Aliás, eu achava que eram o casal que eu conheço que se dava melhor.

— E dávamos, mas agora já não nos damos assim tão bem.

— Mas chatearam-se?

— Não. É uma decisão de mútuo acordo. Conversámos sobre isso e chegámos à conclusão de que era melhor assim. Não estamos zangados.

— Estou banzado — confessou Zé, sem saber o que dizer.

— É a vida — disse Tó. Mais uma fatalidade.

— É, é a vida — repetiu Zé, resignado.

— E como é que vão as coisas com a Graça?

— Com a Graça? — Zé acendeu um cigarro, inspirou profundamente e deitou fora o fumo como se fosse um balão a esvaziar-se. — Já foram melhor, já foram melhor...

— Não falo com o meu marido há três dias — declarou Graça.

Estava sentada com Isabel numa esplanada com cadeiras de plástico. Era hora de almoço e, como habitualmente, as duas amigas foram comer uma sopa e uma sandes ali perto do trabalho, em Carnaxide, zona industrial nos arredores de Lisboa.

— Eh pá, cheira-me a tempestade — comentou Isabel, lembrando-se imediatamente da beldade que vira na companhia do marido de Graça, algum tempo antes, no cinema. Isabel não podia dizer que conhecia Zé ou, pelo menos, que fosse amiga dele. Ao contrário de Graça, com quem trabalhava, almoçava e, às vezes, saía para um programinha de compras, Isabel só estivera com Zé esporadicamente. E já lá iam uns anitos, cinco, para ser mais exacta, que elas trabalhavam juntas.

— E que tempestade, minha amiga — disse Graça, em tom de desabafo.

— O que é que se passa?

— Eu acho que o Zé anda a enganar-me.

— Achas, ou tens a certeza?

— Acho. Mas quero fazer-te uma pergunta e quero que me respondas com toda a sinceridade, sem me esconderes nada, mesmo que penses que é para me protegeres.

— Se eu puder ajudar...

— Eu acho que podes.

— Então, chuta.

— Lembras-te de me teres dito que tinhas visto um tipo parecido com o Zé no cinema com uma mulher?

— Lembro.

— Era ele, não era?

— Graça...

— Isabel — insistiu, com a voz tensa. — Era ele?

— Era.

— Eu sabia! Eu sabia!

— Graça, tem calma, eu acho que...

— Porque é que não me disseste?

— Eu tentei avisar-te.

— Não, porque é que não me disseste que era ele?

— Eu não o vi a fazer nada de mal. Achei que não tinha o direito de o comprometer dessa maneira.

— Isabel, tu és minha amiga, não és amiga dele.

— Eu sei e também pensei nisso. Se eu soubesse que o teu marido te enganava, dizia-te. Mas eu não sabia e não quis meter-te coisas na cabeça que podiam não ser verdade.

— No cinema com uma gaja boazona, Isabel?

— Pois, tens razão. Mas ele podia ter ido ao cinema com ela e não... e ter ido só ao cinema, não podia?

— Achas?... — ripostou Graça, com ar de pouca paciência.

Agora que pensava nisso — e que o dizia em voz alta — também lhe parecia de uma ingenuidade gritante.

— Não — confessou. — Mas, na altura achei.

— E sabes quem era ela?

— Oh, Graça! — protestou. — Como é que queres que saiba quem era ela? Não faço ideia.

— Está bem, pronto. Era loura, morena, baixa, alta, bonita, feia? — recitou.

— Era morena, alta e bonita.

— Bolas, Isabel, podias ser mais suave.

Isabel era roliça, a atirar para o baixo, usava óculos fora de moda, definitivamente desinteressante do ponto de vista físico, perspicaz, sensata, mas, se uma amiga insistia para que fosse sincera, não era suave.

— Pediste-me para te dizer a verdade.

— Está bem, pronto. Era morena, alta e bonita.

— Foi o que eu disse.

— Eu sei, estou só a mentalizar-me. Mulher nova, casa nova, filhos novos — disse Graça, pensativa, a lembrar-se de outra conversa que tinham tido.

— Não achas que estás a exagerar?

— Será que estou?

— Ele pode nem gostar dela, não é?

— Morena, alta e bonita, foi o que tu disseste?

— Foi, Graça, foi, mas isso não é tudo, pois não?

— Olha, para dizer a verdade, estou tão furiosa que começo a não me interessar muito se ele gosta dela ou se quis só levá-la ao cinema. A minha vontade agora era mudar a fechadura de casa e pôr-lhe as malas à porta. E, se calhar, é mesmo isso que eu vou fazer.

Graça nunca tinha passado por isto, nunca sentira uma desilusão e uma tristeza tão profundas. Que se lembrasse, nem mesmo na adolescência, quando as raparigas têm desgostos de amor quase todas as semanas. Até porque já não era adolescente nenhuma e, na sua idade, uma infidelidade não se chamava desgosto de amor, chamava-se traição.

— Como, Cátia? — explodiu Zé. — Como é que tu pudeste ser tão estúpida para deixares que a minha mulher percebesse que havia alguma coisa entre nós?!

— Eu não lhe disse nada, Zé — defendeu-se Cátia.

— Não lhe disseste nada? Não lhe disseste nada de jeito, queres tu dizer.

— Ela é que me telefonou. E apanhou-me desprevenida. Eu fiquei aflita, atrapalhei-me. Desculpa.

— Eu desculpo, Cátia, a minha mulher é que talvez não me desculpe.

Zé nunca fora tão desagradável com Cátia. Aliás, Zé nunca fora desagradável com Cátia. Era a primeira discussão deles e Zé sentia-se mal por estar ali, naquele apartamentozinho piroso dela — que ele só suportara até agora por achar que ela valia isso e muito mais, embora naquele momento não pensasse o mesmo (para ser sincero, até já estava farto dela) — e sentia-se furioso consigo próprio por não ter acabado com ela há mais tempo e por ter adiado o fim da relação tantas vezes por falta de coragem. O que mais o penalizava era estar a ter uma discussão com Cátia como se ela fosse a *sua* mulher. Quer dizer, discussões entre homem e mulher era coisa de casamento, não se discutia com a mulher com quem se andava a dormir simplesmente porque não havia problemas para discutir. Não havia filhos, não havia questões de dinheiro, de casa, etc. A vantagem de ter alguém por fora do casamento era essa mesma.

Zé tinha ideias muito claras de como devia ser uma relação ilegítima. Devia ser apenas divertimento e mais nada. Pronto, era natural que fizesse alguns sacrifícios, que se visse obrigado a fingir um bocado, que tivesse de lhe dizer e de fazer algumas coisas que ela apreciasse — como fingir que se interessava pelos seus problemas e pelos seus dilemas existenciais, ou ter de passar por cima de uma data de pequenas coisas que, no todo, formavam aquilo que ela realmente era: uma rapariga de origens bem modestas com interesses, ideias e gostos totalmente diferentes dos seus e que, a propósito, só não o faziam vomitar porque fisicamente Cátia era espectacular —, mas esses sacrifícios só se justificavam porque lhe permitiam ter acesso à cama dela. E para fazer amor com Cátia — ou deveria dizer Bellucci? — Zé era capaz de dizer que a amava, que ela era a mulher mais interessante, do ponto de vista intelectual, que ele alguma vez conhecera e até que o seu gosto para a decoração era impecável. E, de facto, até lhe dissera algumas destas coisas. Mas, bolas, só para fornicar com ela Zé fazia isso e muito mais.

Cátia começara por ser uma fantasia, tornara-se uma realidade boa de mais para ser verdade e, finalmente, tudo acabara nisto: ele a discutir com ela como se fossem marido e mulher, a terem a sua primeira discussão! *Era só o que me faltava*, pensou.

— Bem — consultou o relógio —, tenho de me ir embora.

— Está bem — disse Cátia, sentada à beira da cama, desamparada, com as mãos abandonadas no regaço e os olhos pregados ao chão.

Zé agarrou no sobretudo e começou a vesti-lo.

— E nós? — perguntou Cátia. — Como é que ficamos?

— Não sei, Cátia, não sei. — Abanou a cabeça. Sabia exactamente como é que ficavam. Só não sabia qual seria a maneira mais fácil de lhe dizer.

— Já não gostas de mim? Queres acabar tudo?

— Cátia, eu tenho a vida toda virada do avesso. Preciso de algum tempo para endireitar as coisas em casa.

— Isso quer dizer que não nos vamos ver mais?

— É melhor não, Cátia. Pelo menos nos tempos mais próximos.

Ela ficou muda. Ele despediu-se com um murmúrio e encaminhou-se para a porta.

— Zé?

Ele voltou-se para ela e viu que duas lágrimas perfeitas lhe deslizavam pelo rosto.

— Também achas que eu sou uma burra?

— Oh, Cátia, por amor de Deus!

— Eu sei o que me chamam no banco. A burra da Bellucci.

— Isso não é verdade, a parte de seres burra.

— É verdade, Zé, não digas que não é verdade porque eu sei que é.

— Chamam-te Bellucci porque tu és bonita, não é por acharem que és burra.

— Desculpa ter estragado tudo — disse, destroçada.

— Não é culpa tua. Eu devia ter tido mais cuidado.

— Sim, mas eu não devia ter-te telefonado. Foi só que... — encolheu os ombros — estava com saudades tuas.

— Oh, Cátia... — Zé voltou atrás, sentou-se ao lado dela e abraçou-a com força. Naquele momento sentiu uma grande ternura por ela. Cátia parecia ferida e indefesa e custou-lhe imenso deixá-la sozinha.

Foi-se embora cheio de remorsos. O final de uma relação era sempre penoso, mas Zé não previra isso porque sempre pensara em Cátia apenas como uma amiga. Uma amiga especial, mas, mesmo assim, uma amiga e nada mais. Afinal de contas, ela sabia que ele era casado e ele nunca lhe dissera nada que lhe desse a entender que alguma vez deixaria a mulher. E Cátia nunca lhe falara no assunto nem sugerira que pretendia algo mais do que dormir com ele. Zé tentara uma vez dizer-lhe que não estava disponível para uma relação mais profunda e Cátia adiar a conversa. Conversa essa que nunca tinham chegado a ter. E ele sentira-se perfeitamente satisfeito, pois achara que ela concordava em deixar as coisas no pé em que estavam. Mas agora constatava que afinal Cátia via a relação deles como algo mais profundo do que um simples arranjinho de cama. Mas, pensando bem, as mulheres eram mesmo assim, fingiam concordar com um tipo, que se tratava só de sexo, que não estavam apaixonadas e depois desatavam a chorar quando ele se despedia delas pela última vez.

Zé dirigiu-se para o carro a pensar que Cátia nunca deixara de o espantar.

Primeiro: ele sentira-se intimidado pela beleza dela. Segundo: ele espantara-se por Cátia o querer, por achar que não estava à altura dela — se Cátia era dona de uma beleza invulgar e poderia escolher qualquer um, porquê um tipo casado, em baixo de forma e sem nenhum talento especial? — Zé considerava-se um tipo banal, destinado a ter uma vida sem história ao lado de uma mulher igual a tantas outras. Cátia havia sido a maior surpresa da sua vida, uma espécie de prémio ou de bónus ou lá o que se quisesse chamar. Por isso ele tivera tanta dificuldade em chegar àquele ponto em que, finalmente, desistira dela. Conseguia compreender o conceito de que a beleza não era o essencial, que a mulher que amamos é que é a tal, mas sentira-se sempre como aquelas pessoas que diziam que o dinheiro não é tudo na vida simplesmente por serem ricas e não saberem a falta que ele fazia. Salvaguardadas as devidas diferenças, Cátia era como uma jóia que ele deitava fora. E, na sua opinião, era ele quem devia estar destrozado e não ela. Zé tinha a perfeita noção de que dificilmente conseguiria voltar a seduzir uma mulher tão bonita, enquanto Cátia poderia seduzir quem muito bem lhe apetecesse. Abanou a cabeça desconcertado e pensou que estava tudo ao contrário.

Entrou no carro e recostou-se por um segundo no banco antes de meter a chave na ignição. Sentiu-se cansado. Tinha sido uma noite difícil. Mal ele sabia que os problemas ainda não tinham acabado.

Encontrou Graça sentada no sofá da sala. A televisão desligada e ela em silêncio. Era mau sinal. Graça tinha os olhos inchados, parecia ter estado a chorar.

— Vou deixar-te — comunicou-lhe, antes de ele ter oportunidade de dizer fosse o que fosse.

— Vais o quê?!

— Tu mentiste-me. Andas com outras mulheres, nunca estás em casa, passas a vida a inventar desculpas e eu não aguento mais isto.

— Graça, Graça, Graça... — Foi a correr sentar-se ao lado dela. Segurou-lhe a mão, mas ela retirou-a. — Que conversa é essa?

— O que me custa mais são as mentiras, sabes? E a traição, não suporto a traição.

— Quais mentiras, Graça? Não recomeces com essa paranóia de que eu ando a enganar-te. Eu já te expliquei que não tenho caso nenhum, que aqueles telefonemas eram assuntos de trabalho. O que é que queres que eu te diga mais para perceberes que não ando com mulher nenhuma?

— Quero que digas a verdade, que não me mintas.

— Eu não te estou a mentir.

— Não?

— Não.

— Quem era a mulher com quem foste ao cinema outro dia?

Zé gelou.

— Ao cinema?

— Sim, ao cinema. Não te faças de esquecido. Eu perguntei-te se tinhas ido ao cinema com uma amiga e tu disseste que não. Já te lembras?

— Lembro-me. E continuo a dizer-te que não, não fui ao cinema com ninguém.

— Tem graça, e a Isabel garante-me que eras tu.

— A Isabel disse-te que era alguém parecido comigo, lembras-te?

— Pois disse, mas isso foi na altura. Hoje confessou-me que eras mesmo tu.

— A Isabel é uma idiota.

— Achas?

— Acho.

— É uma idiota porque está a dizer a verdade!

— Não grites, olha o miúdo.

— O miúdo está a dormir há horas, como sempre. Qualquer dia já nem te lembras da cara dele.

— Graça, estás a ser injusta.

— Talvez, apetece-me ser injusta, acho que tenho direito a ser injusta quando o meu marido me mente. E ainda não respondeste à minha pergunta.

Zé revirou os olhos e suspirou, na defensiva.

— Qual pergunta?

— Quem era ela?

— Não era ninguém, eu não fui ao cinema com ninguém.

— Então, como é que a Isabel te viu lá?

— A Isabel está enganada. Ela deve ter visto alguém parecido comigo, fez confusão. Só pode ter sido isso.

— Porque é que será que eu não acredito em ti?

— Não sei, Graça, não sei — disse. — Só sei que não tens razões para te sentires assim. Eu nunca te enganei, nunca tivemos problemas destes e agora, de repente, tu começaste com essas paranóias, a ver mulheres em todo o lado.

— Não faças de mim estúpida!

— Eu não...

— Eu não sou nenhuma atrasada mental com paranóias que vê mulheres em todo o lado. Só as vejo quando elas existem.

— Desculpa, Graça. Tu não és atrasada mental, só estou a dizer que estás enganada, que...

— Esta conversa não leva a nada — interrompeu-o, levantando-se. — Amanhã vou-me embora, vou para casa dos meus pais e levo o Quico.

— Graça...

— E hoje podes dormir na sala.

— Vais por quanto tempo? — perguntou, derrotado.

— Não sei.

— Podemos conversar sobre isto amanhã, quando estiveres mais calma?

— Se estás a pensar que me vais dar a volta, esquece. Eu não vou mudar de opinião amanhã, Zé.

— Eu não te quero dar a volta — disse, aborrecido. — Isto não é uma questão de te dar a volta, não estamos propriamente num concurso, a ver quem ganha o prémio. Trata-se do nosso casamento, que eu não quero que acabe, trata-se da nossa vida e do que havemos de fazer para ultrapassar isto.

— Olha, podes ser honesto comigo, para começar.

— Eu estou a ser honesto.

— Oh, Zé, sabes que mais? — disse Graça, com a mão a varrer o ar como se estivesse a afastar o assunto, de vez. — Não vale a pena.

Ela virou-se e caminhou para a porta da sala.

— Graça.

Ela parou e soltou um suspiro para o ar.

— O que é agora? — perguntou, sem se dar ao trabalho de o encarar.

— Eu acabei tudo com ela hoje.

Muito se poderia dizer sobre esta frase. Como ela mudou para sempre a vida de Zé — e de Graça, evidentemente —, que ela lhe saiu da boca sem ter sido planeada, que foi uma confissão desesperada, um recurso impulsivo a que ele recorreu quando já não sabia mais o que dizer. Mas o que Zé sentiu, quando se ouviu a dizer aquelas palavras irreflectidas, não foi um alívio por estar finalmente a ser sincero com Graça, mas sim que tinha acabado de meter o pé na argola.

Zé não era uma má pessoa, não se considerava má pessoa, sabia que andava a enganar Graça e, por mais desculpas que desse a si próprio, por mais que pretendesse encarar a sua conduta de ânimo leve, no fundo, no fundo, tinha consciência de que não agia correctamente. Ao ver o tapete fugir-lhe debaixo dos pés, Zé só quis encontrar uma forma de salvar o seu casamento, de não perder Graça. Mas ter dito a verdade não foi a melhor solução. Naquele instante compreendeu que a relação deles jamais seria a mesma, que Graça poderia vir a perdoá-lo, mas levaria muito tempo a ultrapassar a mágoa e que ela não seria capaz de voltar a depositar nele a mesma confiança, como acontecera até agora. Havia algo de muito especial, um elo invisível e exclusivamente deles que acabara de se quebrar. Lá se fora a inocência, a segurança, a confiança, a cumplicidade e todos os valores sagrados do casamento, tudo de uma só vez.

Poderia Zé ter evitado a desilusão e o sofrimento se tivesse ficado de boca fechada, se se afastasse de Cátia e Sara e voltasse a dedicar-se a Graça como antigamente? Talvez não, mas todos os alarmes no seu cérebro apitaram ao mesmo tempo, dizendo-lhe que teria sido essa a melhor opção a tomar. Porém, tarde de mais.

Graça fechou os olhos por um segundo, interiorizando o que acabara de ouvir. Zé viu os ombros dela descaírem uns centímetros, como se um peso insustentável se tivesse abatido em cima deles. Ela voltou-se e foi sentar-se em silêncio à beira da poltrona mais perto do sofá grande, onde Zé estava.

— Acabou tudo — disse ele, sentindo-se impelido a preencher o silêncio opressivo que enchia a sala como uma bolha de ar prestes a rebentar. — Eu... nem sequer gostava dela, foi só...

Graça ergueu a cabeça e levantou uma mão para o fazer calar.

— Quem é ela? — perguntou-lhe, num tom surpreendentemente normal, sem pieguices nem gritos descontrolados, como às vezes acontecia nestas alturas.

— É uma pessoa lá do banco, ninguém que tu conheças — disse Zé, ainda a resistir à verdade, apesar de já não poder voltar atrás.

— Quem é ela? — insistiu Graça, endurecendo um pouco a voz.

— Cátia, chama-se Cátia. É aquela com quem tu falaste no outro dia ao telefone.

— E isso dura há quanto tempo?

— Não sei, há um, não, dois meses, mais ou menos.

— E posso saber por que é que tu decidiste rebentar com o nosso casamento assim de repente?

— Eu não decidi rebentar com o nosso casamento, Graça. Eu gosto de ti e nunca quis acabar com o nosso casamento.

— Ai, não? — Soltou uma gargalhada nervosa. — Olha que é o que parece.

— Eu sei que é isso que parece, mas não era isso que eu queria.

— E a outra tua amiguinha — disse Graça, sem poder evitar esgravatar

um pouco mais a ferida que a magoava —, a não sei das quantas, também foi um caso inocente, inconsequente, sem importância nenhuma, ou encontravam-se os três ao mesmo tempo para ser mais divertido? — O sarcasmo em vez de gritos. Graça mal se continha na sua fúria, desespero e dor. Teve de fazer um esforço desmesurado para não chorar. Decidira que o choro ficaria para mais tarde.

— Graça, por favor, não há mais nenhuma não sei das quantas e eu não andei propriamente por aí metido em orgias sexuais. — Duas confissões na mesma noite pareceu-lhe excessivo. Era melhor ficar-se por uma. Definitivamente, Zé não viu vantagem nenhuma em falar de Sara. Contudo, Graça achou o contrário.

— Era só a Cátia, de certeza? Não vou descobrir mais tarde que havia mais alguém? Podes dizer, Zé, o mal já está feito, de qualquer forma já estragaste a nossa vida.

— Era só a Cátia.

— Porque é que fizeste isso, Zé?

— Não sei... — abanou a cabeça — acho que me entusiasmei com ela...

— Levantou as mãos num gesto de impotência, sem saber o que dizer.

— Foi só sexo?

— Foi — reconheceu. — Eu não gosto dela.

— E de mim?

— É de ti que eu gosto, Graça.

— Então, és capaz de me explicar como é que andaste metido durante dois meses na cama doutra mulher e, durante esse tempo todo, praticamente não fizemos amor? Não seria mais lógico que preferisses estar com a mulher de quem gostas em vez da mulher de quem não gostas?

Seria, pensou Zé, só que não é assim que as coisas funcionam.

— Graça — disse —, esta conversa não vai ajudar nada, só te vais sentir pior.

— Ah, só me vou sentir pior? Deu-te agora a preocupação?

— Graça...

— Tu tens a mais leve ideia de como é que eu me sinto, Zé?

— Imagino.

— Pois, bem podes imaginar como é que alguém se sente quando descobre que a pessoa que mais amava nesta vida a traiçou só porque teve um entusiasmo. É isso que tu lhe chamas, não é? Entusiasmo — proferiu a palavra com profundo desprezo. Zé ficou calado. Sentia-se como uma criança apanhada a fazer uma asneira. Só que ele não era uma criança e não se tratava de uma simples asneira. Era o desastre total!

— Amanhã — disse Graça — vou-me embora desta casa e, tão cedo, não quero ver a tua cara nem ouvir a tua voz.

— Não, ouve, não tens de sair cá de casa. Eu saio e tu ficas. Quanto menos confusão para o Quico, melhor.

— Tudo bem — assentiu Graça, levantando-se. — Então, amanhã, quando

eu voltar do trabalho, não quero encontrar-te cá em casa.

— Sabes — disse Zé, vagamente a pensar na vida — aquela frase feita que diz que, quando se trata de mulheres, os homens pensam com a pila?

— Sei — respondeu Tó.

— É verdade, não é?

— Mais ou menos.

— As frases feitas têm sempre um fundo de verdade, não têm?

— Acho que sim.

Lá estavam eles, os dois novamente solteiros, sentados na esplanada do senhor Abílio, lado a lado, com os pés em cima das cadeiras livres, óculos escuros, traje desportivo, garrafa de cerveja na mão e o pôr do Sol no horizonte. Tó estava a deixar crescer a barba e, de momento, tinha um aspecto um pouco desmazelado. Zé retomara as idas ao ginásio e sentia-se em forma, apesar de tudo.

— Disseste à Graça que eu me tinha separado da Lili?

— Não — abanou a cabeça em câmara lenta, ligeiramente distraído com o pouco movimento da rua. — Não tive oportunidade.

Passou uma rapariga no passeio, à frente deles. Olharam os dois por cima dos óculos escuros e sorriram-lhe. Ela retribuiu e seguiu o seu caminho, mas as cabeças deles continuaram a acompanhá-la, da direita para a esquerda, como dois espectadores de um jogo de ténis.

— Que gaja tão boa — comentou Zé, impressionado.

— Um avião.

— De um a dez, quanto é que lhe davas?

— Sete e meio, oito?

— Mais para o oito.

— Sim — concordou Tó, fazendo um esgar de entendido.

— Tens visto a Lili? — perguntou Zé, saltando de conversa.

— Vejo-a quando vou buscar o Antoninho. E tu, tens visto a Graça?

— Não, a Graça foi com o Quico para Bruxelas. Vão passar lá o Natal. A irmã dela está grávida e não pode viajar, de modo que este ano não vêm a Portugal.

— Que porra — lamentou-se Tó. — Não gosto nada de passar o Natal sozinho.

— É uma merda, é... Mas tu acabas por passar o Natal com a Lili e o miúdo, vais ver.

— Não sei, talvez.

— Agora, eu é que estou fodido.

O Natal era dali a uma semana. Zé adorava o espírito natalício, as músicas da época, as iluminações de rua, a ceia, os presentes e essas lamechices todas. Mas este ano não prometia nada de muito divertido. Sara perguntara-lhe se ele gostaria de passar a noite de Natal em sua casa, com a família dela, mas Zé dissera imediatamente que não. A última coisa que ele queria era substituir a sua família por uma data de gente que não lhe dizia nada. Não, dissera a Sara,

sentir-se-ia um intruso em casa dela, as pessoas iriam fazer cerimónia numa noite que tradicionalmente era dedicada a uma festa íntima.

De modo que se sentia um pouco nostálgico.

— Sabes que a Graça me perguntou porque é que eu a tinha enganado e eu não consegui explicar-lhe?

— Estás deprimido, é? Daqui a bocado comesas a chorar no meu ombro.

— Não, a sério, como é que eu podia explicar-lhe?

— Não olhes para mim. Tu é que a enganaste.

— Tó, quais são as duas coisas mais importantes nesta vida?

— Sexo e dinheiro.

— Exacto.

— E os filhos.

— Sim, claro, mas eu estou a falar dos interesses mais superficiais, se quiseres. Eu não morreria por sexo ou dinheiro, mas morreria pelo meu filho. Portanto, deixemos a secção dos filhos de lado, *okay*?

— *Okay*.

— Sexo e dinheiro. As mulheres pensam que, ao apaixonarmo-nos por elas, seria lógico que perdêssemos a motivação para nos interessarmos por outras. Mas a realidade é um bocadinho diferente. A realidade é que nunca deixamos de querer as outras. Depois há uns que resistem muito, outros pouco e outros, ainda, não lhes resistem de todo. Com o dinheiro é a mesma coisa, um tipo bem pode ser rico que não desiste de ganhar mais dinheiro. Infelizmente, o sexo e o dinheiro não são coisas que se resolvam de uma vez por todas. Um homem nunca está satisfeito com o que tem, quer sempre mais. Agora diz-me, como é que dás esta explicação científica a uma mulher?

— Não dás.

— Pois, não dás.

O Sol já ia baixo, quase a desaparecer atrás dos prédios. Ficaram momentaneamente em silêncio. Zé observou o céu alaranjado, em contemplação. Ele bem queria fingir que estava tudo bem, mas sentia-se de rastos, com saudades de Graça e de Quico.

— Vamos alugar um apartamento juntos? — perguntou, entregando-se aos aspectos práticos para fugir à nostalgia.

— Vamos, mas mobilado, para não dar muita chatice.

— Claro, mobilado.

Zé passou a noite de Natal com os pais, reformados da Função Pública e com demasiado tempo livre para se dedicarem a remexer nos problemas matrimônias do filho. Para ser justo, Zé até nem tinha razão de queixa. Por ser filho único, tivera desde pequeno toda a atenção dos pais, mas estes nunca foram excessivamente possessivos. Quer dizer, não tinham feito dele um cretino mimado como muitas vezes acontecia com os filhos únicos. Zé habituara-se desde muito cedo a ser responsável e a resolver os seus problemas sem a ajuda dos pais. Eles gostavam de ser vistos como pessoas práticas, desembaraçadas e pouco dadas a meterem-se nas vidas alheias. Mas um filho é sempre um filho e Zé teve de lhes explicar, tintim por tintim, a embrulhada em que estava metido.

Foi uma noite triste. Estava triste porque, pela primeira vez em dez anos, não tinha a companhia de Graça e de Quico e os pais estavam tristes por sentirem a falta do neto. Jantaram cedo, abriram os presentes, viram um pouco de televisão e deitaram-se cedo.

Zé dormiu nessa noite em casa dos pais, no seu antigo quarto de solteiro, e isso transmitiu-lhe uma sensação estranha, de vazio. Rebolou-se na cama madrugada fora, invadido por uma aflição constrangedora, perdido em pensamentos perturbadores, analisando o simbolismo da situação. Se tivesse dado um salto no tempo, de regresso ao passado, não teria sido diferente. E por que raio, perguntava-se agora, os seus pais haviam mantido o seu quarto de solteiro exactamente como ele o deixara, durante aqueles anos todos? Teria sido nostalgia ou falta de confiança, do género mais-dia-menos-dia-ele-estraga-tudo-e-volta-cá-para-casa? Era, necessariamente, a primeira hipótese, porque Zé sabia que os pais não o consideravam um idiota incapaz de tomar conta de si. E, de qualquer modo, só aceitou a primeira hipótese pois, caso contrário, começaria a sentir-se paranóico. Mas, mesmo assim, decidiu dizer aos pais, logo de manhã, que fizessem outro aproveitamento do quarto porque, por muitas voltas que a vida dele viesse a dar, ele nunca mais seria o rapaz que fora antes, decididamente, não voltaria a viver lá em casa e a ocupar aquele quarto.

A ideia de ter um quarto onde vivera uma outra vida causava-lhe arrepios. Era como aquelas pessoas a quem morria um familiar e deixavam ficar todas as suas coisas tal e qual como se nada tivesse acontecido e continuavam a colocar o seu lugar à mesa durante as refeições. Não era um comportamento nada saudável e, além disso, ele não tinha morrido, porra!

Quando falou disso aos pais, eles mostraram-se perplexos. Na realidade, nunca tinham pensado no assunto dessa forma. Mantinham o quarto dele apenas porque a divisão não lhes fazia falta e porque, ocasionalmente, podia ser necessário. Depois de ele ter saído de casa, passara a ser um quarto de hóspedes, só que, simplesmente, não lhe tinham mudado a decoração. Mas a observação de Zé devia ter sido suficientemente perturbadora porque, da vez seguinte que os visitou, o quarto tinha sido transformado numa salinha de

estar.

Graça regressou de Bruxelas sem aviso depois do Ano Novo. Telefonou para a mãe de Zé no dia seguinte, de manhã, pois não sabia como contactá-lo. E depois ligou-lhe para o apartamento novo e apanhou-o na cama com Sara. Foi ela quem atendeu, antes que Zé conseguisse detê-la.

— O que é que se passa com o teu telemóvel? — disparou Graça, de mau humor, e Zé percebeu que a relação deles piorara significativamente quando Graça ouviu a alegria jovial da voz de Sara.

— Está sem bateria. Deixei o carregador no banco e, como é sábado, vou ter de esperar até segunda-feira.

— Ah, é que já tentei ligar-te ontem à noite.

— Se eu soubesse que vinhas ontem, tinha-te telefonado. — Isto soou um pouco a recriminação, embora não fosse essa a intenção dele, mas Graça não notou, ou preferiu não lhe dar troco.

— Estou a ver que já tens casa nova — observou.

— Já, estou a viver na Lapa. Aluguei um apartamento a meias com o Tó.

— Com o Tó? — espantou-se. Graça partira para Bruxelas quase imediatamente a seguir à separação de Zé e, pelos vistos, não falara com Lili. Por isso foi apanhada de surpresa.

— Sim, eles separaram-se. Não sabias?

— Não — disse Graça, sentindo um baque no coração. — Não fazia ideia. Porque é que eles se separaram?

— Segundo o Tó, porque não se sentiam felizes e decidiram que era melhor assim.

— Só isso?

— E não chega?

— Como não se sentiam felizes acabaram com o casamento?

— Sim, Graça, foi o que ele disse.

— Zé, eles eram o casal mais feliz que nós conhecíamos.

— Foi o que eu disse ao Tó, mas ele respondeu-me que ultimamente já não era assim.

— E não fizeram um esforço, não conversaram, não tentaram ver o que estava mal para conseguirem ultrapassar o problema?

— Acho que sim, claro, não acordaram um dia e resolveram separar-se. Tanto quanto sei, foi uma decisão bastante ponderada. Eles concordaram que deviam fazer esta experiência.

— Experiência? Ele disse que era uma experiência? — Graça estava revoltada e Zé não compreendeu exactamente porquê. — Hoje em dia as pessoas não se esforçam. É mais fácil fazerem experiências — disse isto com profundo desprezo.

— Bom, nós não conhecemos os pormenores. Pelo que eu percebi, eles até se esforçaram bastante, a situação arrastou-se por um ou dois anos.

— Mesmo assim... que estranho, ainda no outro dia estivemos com eles e parecia tudo bem.

— Pois, mas não estava.

— Tenho de falar com a Lili, coitada.

— Eu acho que ela está bem, apesar de tudo.

— Deve estar muito bem. — Mais uma explosão. — Tu não percebes nada, pois não?

— O que é que foi que eu disse agora?

— Ela não deve estar nada bem e eles deviam tentar salvar o casamento porque, se uma relação corre mal ao fim de dez ou onze anos, não se acaba com ela ao primeiro problema.

— Estás a falar deles ou de nós, Graça? Não foi exactamente isso que tu fizeste?

— Não, Zé, eu nunca disse que desistia. Parece-me que tu é que desististe.

— Eu?!

— Sim, tu. Quem é que atendeu o telefone, posso saber? Silêncio.

— Zé?...

— Não, não podes. — Zé poderia ter dito que Sara era uma amiga de Tó, mas sabia que Graça desconfiaria e haveria de inventar uma desculpa para pedir para falar com Tó, e Zé teria de dizer que ele não estava em casa e iria de mentira em mentira até ela perceber e lhe desligar o telefone na cara ou coisa parecida. De maneira que preferiu dar-lhe uma resposta do género não-tens-nada-com-isso, na esperança de que ela se sentisse um bocadinho culpada por causa da sua atitude inquisitória e pensasse que ele tinha alguma razão para se ofender e para lhe dar uma resposta torta. Não que Graça não tivesse motivos de sobra para ser desconfiada e para lhe fazer perguntas sem sentir que estava a ser injusta.

— És um bom filho-da-mãe, sabias?

— Não achas que estás a ser um bocadinho injusta? E intolerante e precipitada, já agora. Bolas, Graça, estás sempre a acusar toda a gente sem saberes o que se passa. Ora resolves a vida do Tó e da Lili, ora insinuas que eu... olha, esquece.

— Essa é boa, agora eu é que sou a culpada de tudo!

— Não, Graça, o que eu quero dizer é que as coisas nem sempre são o que parecem e que tu andas muito irritada. Com razão, eu sei, mas andas muito irritada e reages a quente a tudo. E tiras conclusões apressadas.

— Tais como?

— Tais como bastar veres-me na companhia de uma mulher para achares que ando metido com ela.

— E não andas? — sussurrou Sara, divertida com a situação. Zé abriu-lhe os olhos em sinal de advertência.

— E não andas? — perguntou Graça.

— Não, não ando. — Sara enterrou a cara na almofada, para abafar as gargalhadas. Zé atirou-lhe com a sua, zangado. — O Quico está aí? — perguntou, para mudar de assunto e porque estava ansioso por falar com o filho.

— Está lá dentro.
— Posso falar com ele?
— Podes. Vou chamá-lo.
— Graça, espera!
— O que é?
— Já falaste com ele?
— Sobre nós?
— Sim.

— Já.

— O que é que lhe disseste?

— O que tínhamos combinado, que não nos estamos a dar muito bem e que vamos ficar separados durante uns tempos.

— E ele, como é que reagiu?

— Fez-me uma data de perguntas.

— O quê?

— Quis saber tudo, porque é que não nos damos bem, onde é que tu ias viver, por quanto tempo, se ia poder continuar a ver-te, essas coisas.

— E tu, o que é que lhe disseste?

— Disse-lhe que às vezes os casais não se dão bem e separam-se e que tu ias viver para outra casa onde terias um quarto só para ele e que ele poderia ver-te sempre que quisesse.

— *Okay*, chama-o lá.

Zé prometeu a Quico que o iria buscar no dia seguinte para irem ao cinema. E depois viu-se obrigado a desligar o telefone um pouco atabalhoadamente, porque entretanto Sara decidira enfiar a cabeça entre as suas pernas e já ia tão avançada no que estava a fazer que ele começou a ter dificuldade em falar num tom de voz apropriado.

Largou o telefone e deixou-se cair de costas na cama.

— Da próxima vez — disse — não atendas o telefone.

— Hum, hum — fez Sara, sem se deter.

Zé e Sara passaram a maior parte do sábado na cama e só saíram à noite para jantar num restaurante perto, após o que voltaram para casa e enfiaram-se outra vez na cama. Sara partia no domingo de manhã para uma viagem de trabalho de três dias e dissera-lhe que pretendia ir de «barriga cheia». Tinha sido exactamente esta a expressão usada por ela. Tó tinha ido passar o fim-de-semana fora e deixara a casa só para eles, de modo que Graça surpreendera-os a meio de uma autêntica olimpíada sexual.

Sara adormeceu por volta das três da manhã, mas Zé não conseguiu pregar olho toda a noite. Acendeu um cigarro, pensativo, e ficou ali a fumar na penumbra, observando o corpo nu de Sara, de costas, vendo como ela era diferente de Graça. Completamente diferente. Mais jovem, mais bonita, mais alegre, muito mais irresponsável e, a maior parte do tempo, muito menos interessante. Pelo menos para ele. Sara vivia despreocupadamente, habituada a pensar só em si, em agarrar o que pretendia sem hesitar. Não mentia e dizia sempre o que pensava por mais inconveniente que pudesse ser. A qualquer instante podia abrir a boca e deixar cair uma bomba. Não se importava de ser escandalosa porque não queria saber o que os outros pensavam dela. Era uma mulher livre, pouco dada a compromissos duradouros. Não casaria tão cedo e nem queria ouvir falar em filhos. Um dia talvez assentasse, mas, para já, optava por se manter dona de si própria, e Zé tinha a certeza de que ela não hesitaria em trocá-lo por outro que lhe agradasse mais. Zé nem sequer pensava nela como uma relação a longo prazo. Era mais um espécie de amizade colorida. Sara fazia amor com ele até esgotarem todos os fluidos que os seus corpos conseguiam produzir e, embora fosse carinhosa com ele, nunca pronunciava a palavra *amor*. Para ela, o que interessava era aquilo, aquele momento, estarem ali, fazerem amor, saciarem-se e pronto. No dia seguinte levantava-se e ia trabalhar. Provavelmente, nem lhe telefonaria durante os três dias que estivesse fora. O que ela queria era divertir-se e, se se desse o caso de Zé pretender uma relação diferente entre eles, de não aceitar a sua indiferença, Sara achá-lo-ia aborrecido e demasiado absorvente, sentir-se-ia asfiziada com tantas exigências e partiria sem se despedir.

A relação com Sara não oferecia, portanto, nada de concreto em que Zé pudesse basear-se para planear o futuro, por mais próximo que fosse. Se quisesse continuar a vê-la, teria de se resignar a viver o dia-a-dia, porque ela não tinha mais nada para lhe dar. Graça, pelo contrário, Graça havia construído algo com ele. Zé tinha a sensação de que passara toda a sua vida com ela e, até há bem pouco tempo, era-lhe inimaginável viver sem ela.

Zé sabia que fizera muitas asneiras e que estava a sofrer as consequências da sua conduta. Pior, Graça estava igualmente a sofrer. Por isso ela reagira de forma tão brusca à notícia da separação de Tó e Lili. Era como se todo o seu mundo, que ela dera como certo, arrumado e inquestionável, se estivesse a desfazer num abrir e fechar de olhos. Zé imaginou que Graça estaria a perguntar-se como é que as suas vidas se podiam ter desmoronado tão

facilmente como um baralho de cartas. Como é que ela podia ter-se enganado tanto? Teria andado Zé a fingir aqueles anos todos em que diziam que se amavam, em que falavam das suas aspirações e dos seus receios, em que festejavam os sucessos de um como se fossem dos dois e se apoiavam mutuamente quando as coisas não corriam bem?

Como poderia Zé explicar a Graça que quisera Cátia e Sara, não porque as amasse, mas porque sentira uma imensa glória ao conquistá-las? A maior parte do tempo, Zé nem sequer tinha paciência para estar com elas. Com Graça falava de assuntos da vida de ambos, que lhe interessavam realmente, dos objectivos que, de uma maneira ou de outra, diziam respeito aos dois. Com as outras, as conversas não chegavam a esse ponto. As vidas de Cátia e de Sara, por muito próximas que estivessem da de Zé, nunca se misturavam com a dele. Eram caminhos separados que se cruzavam acidentalmente e mais nada.

Gostava da parte do sexo, não podia negá-lo, mas o resto era demasiado insípido para se poder chamar uma história comum. Zé sentia-se mais próximo dos amigos que almoçavam com ele uma vez por mês do que com elas. Estranho? Nem por isso. Se se tivesse em conta o seu ponto de vista, se se percebesse que as suas conquistas extraconjugais tinham que ver com o facto de marcar pontos — pontos para si, entenda-se, algo assim íntimo que só ele sentia, e não para mostrar aos amigos que era um conquistador (embora, por vezes, houvesse essa tentação) — e se se compreendesse que Zé não pretendia ser um destruidor de casamentos, mas apenas provar a si próprio que conseguia conquistar outras mulheres, então, provavelmente, poderia perceber-se porque é que ele gostava de ter outras mulheres mesmo sem gostar delas. Tirando o sexo, claro. Mas Zé tinha consciência de que se tratava de uma cena psicológica complicada, que até ele tinha dificuldade em explicar, quanto mais os outros perceberem. E, no estado em que se encontrava a sua relação com Graça, se Zé tivesse a ideia peregrina de lhe explicar as coisas tal como elas eram, o mais certo seria ela dizer-lhe para enfiar a sua cena psicológica num sítio bem desagradável.

Zé sabia que não estava a ser nada original. Havia milhares de homens que passavam por este tipo de crises, que começavam a olhar de esguelha para as suas mulheres sentadas ao lado deles no sofá e entravam em pânico. Pensavam: *será que eu vou passar o resto da minha vida com ela? Será que não vou poder ter outras mais bonitas ou, pelo menos, diferentes?* É que a diversificação era importante para os homens. Ou então viam as suas mulheres começarem a engordar e a envelhecer e apaixonavam-se facilmente pela primeira colega de trabalho, com vinte e poucos anos e um corpo perfeito que lhes dirigisse um sorriso provocador. Estas cenas psicológicas estavam sempre a bater na cabeça dos homens que se aproximavam perigosamente dos quarenta e sentiam necessidade de arranjar uma mulher mais nova para se sentirem também eles mais jovens. Era algo que tinha que ver com o medo de envelhecer, dizia-se.

Se por acaso Graça passasse pelo mesmo, seria ele compreensivo e dar-lhe-ia uma segunda oportunidade quando ela se apercesse de que estava a afundar-se em areias movediças? É claro que não! Graça nunca o enganaria, tinha a certeza, mas se por acaso esse absurdo tivesse acontecido, Zé não lhe teria perdoado, *nem que a vaca tussa*, era o que pensava, no passado, sempre que essa questão o assaltava.

— Como é que isto aconteceu, Zé? Como é que chegámos a este ponto? — perguntou-lhe Graça no domingo, quando ele foi buscar Quico. Não havia censura nas suas palavras, apenas um imenso desânimo, um enorme sentimento de fracasso. — Onde é que eu falhei, para me fazeres isto?

— Não foste tu que falhaste, Graça, fui eu.

— Não eras feliz comigo?

— Era... até certo ponto.

— Até certo ponto? Como assim? Diz-me Zé, preciso de perceber.

Lá vamos nós, pensou. *Como é que lhe explico o que ela não consegue entender?*

— Ela foi... uma tentação.

— Uma tentação?

— Hum, hum...

— Carne fresca, queres tu dizer?

— Graça...

— O que foi?

— Carne fresca?

— Ai, desculpa, tu chamas-lhe tentação. Pois, olha, eu chamo-lhe carne fresca. — Graça não conseguiu evitar o azedume que lhe ia na alma.

— Se é isso que queres.

— Isso, o quê?

— Falar assim.

— Só estou a chamar os bois pelos nomes — disse, encolhendo os ombros inocentemente.

— *Okay*.

— E dispenso os teus paternalismos.

— Podemos ter uma conversa razoável? É que eu não vejo vantagem nenhuma em estarmos a agredirmo-nos.

— Acho isso muito sensato, mas acontece que *eu* sinto-me um bocado agressiva quando descubro que o meu marido anda por aí a comer gajas, desculpa, tentações. Não gosto de ser enganada e, para dizer a verdade, nunca esperei isto de ti, sabes?

— Sei. E espero que, com o tempo, me perdoes.

— Ah, mas isso é tão bonito! Queres que eu te absolva?

— Gostava que me perdoasses, o que é diferente.

— Estás arrependido, é isso?

— É claro que estou, Graça. Eu já te disse que ela não era importante para mim, que é de ti que eu gosto.

— Ah, estás arrependido. Mas ontem, quando eu te liguei, não estavas sozinho, pois não? Precisaste de um ombro amigo para te apoiar, não foi? Coitadinho.

— Ontem, foi uma amiga do Tó quem atendeu o telefone. E havia mais gente lá em casa.

— Uma amiga muito chegada, com certeza, para lhe atender o telefone. O Tó acabou de se separar e já tem uma amiga?

— Não. Havia mais gente lá em casa. Ela estava com outra pessoa.

— Alguém que eu conheça?

— Não, eram uns amigos dele.

— Amigos novos?

— Sei lá, Graça. O Tó tem mais amigos, além de nós.

E a conversa ficou por aqui, porque, obviamente, Graça ainda estava muito longe de ser compreensiva. Tão cedo não engoliria a afronta. Zé começava a compreender que não é impunemente que se traiçoa a mulher da nossa vida. A sua teoria das várias vidas estanques dentro de um todo tinha metido água por todos os lados e não parecia haver maneira de evitar o naufrágio. Graça revelava-se demasiado revoltada e o mais certo seria nunca mais o receber de volta.

Levou Quico ao cinema. Viram *Monstros e Companhia* e depois foram comer um gelado. Quico fez-lhe muitas perguntas. Basicamente, as mesmas que já havia feito a Graça, e Zé foi-lhe respondendo o melhor que pôde, para o sossegar. Ao fim da tarde levou-o de volta e o reencontro com Graça resumiu-se a umas quantas palavras de circunstância.

Passaram-se semanas e o tempo não ajudou a melhorar nada. Graça manteve-se inabalável na sua atitude de revolta. Quico voltou ao hábito antigo de esmurrar os colegas no colégio. Sara só aparecia quando lhe dava na veneta. Cátia evitava-o e Tó decidiu que não podia continuar a repartir o apartamento com ele. Disse-lhe que não era prático, porque ambos precisavam de um quarto para cada filho e não havia espaço suficiente. De modo que Tó fez as malas e mudou-se. Todavia, embora não conseguisse explicar muito bem o motivo, Zé ficou com uma sensação incómoda de que o amigo não fora totalmente verdadeiro com ele.

O novo apartamento tinha uma salinha agradável com lareira. Era todo revestido a madeiras, com um soalho que rangia acolhedoramente e um balcão em madeira escura que dava para a *kitchenette*. Quem o projectara tivera por certo a intenção de o fazer parecer-se com uma cabana de montanha. Tornava-se um pouco estranho, atendendo a que ficava num prédio em plena cidade, mas resultava. Zé gostava de voltar para a sua sala, acender a lareira e ficar ali hipnotizado com a dança das labaredas e um copo de uísque na mão.

Por vezes Sara aparecia sem avisar, passava a porta de entrada a despir-se sem se dar ao trabalho de perguntar se havia mais alguém em casa e faziam amor frente à lareira, em cima de uma manta quadriculada que já ali estava para esses imprevistos. Nessas alturas, Zé esquecia-se de tudo. Sara trazia uma espécie de magia do bem-estar e fazia coisas mirabolantes e incrivelmente fantasiosas como executar para ele a dança do ventre, tapada apenas com um pano diáfano e ostentando um cinto dourado e uns brincos étnicos trazidos de uma viagem recente a Marrocos.

Sara encorajava-o a esquecer a separação e dizia que sabia de muitos homens que gostariam de se divorciar mas que não tinham tomates para o fazer. E que também conhecia muitas mulheres mortinhas por dar uma facada no casamento mas que eram incapazes de o fazer, por vergonha ou outra treta qualquer. «Irritam-me, aquelas mulheres que provocam os homens até os deixarem com tesão até às orelhas e, quando eles avançam, acenam-lhes inocentemente com a aliança», dizia.

Zé apanhou uma valente gripe e teve de passar uma semana em casa, a arder em febre. Nunca como agora, em toda a sua vida adulta, se sentira tão desamparado, como se fosse uma criança. Nestas ocasiões, Graça costumava tratar dele. Graça sabia que remédios ele deveria tomar, teria à mão o número de telefone de um médico, preparar-lhe-ia uma canja quentinha, enfim, faria com que ele se sentisse bem e seria tolerante enquanto ele se comportasse como um menino mimado por causa da doença. Em contrapartida, desta vez Zé não teve apoio nenhum porque quando telefonou a Sara, ela disse-lhe que fosse à farmácia e se deixasse de mariquices, pois estava mesmo de saída para uns dias de trabalho em Viseu, de modo que «querido, vais ter de te desenrascar sozinho». E quando os medicamentos que lhe deram na farmácia falharam, Zé não teve outro remédio senão fazer a

última coisa que deveria fazer nestas circunstâncias: telefonar a Graça.

— Desculpa estar a incomodar-te, Graça, mas preciso mesmo de um médico e não sei a quem é que hei-de ligar. Podes arranjar-me o telefone de alguém?

É claro que podia. Graça tinha uma lista de telefones de médicos, clínicas variadas e até um ou dois números de urgência facultados pelos cartões de crédito para solicitar uma consulta ao domicílio em caso de necessidade. Mas essa não era a questão, a questão é que Graça não estava para aí virada.

— Zé, eu já não sou tua mulher.

— Eu sei, Graça, mas se soubesses como eu me sinto...

— É só uma gripe, não é?

— ... tenho dores no corpo todo, febre, mal me posso mexer.

— Os homens são tão mariquinhas com as doenças.

Sara dissera-lhe o mesmo, mas Zé ficou prudentemente calado.

— Dá-me só um número de telefone, por favor.

— Eu não tenho de tratar de ti, sabes isso? Não vais começar a ligar-me sempre que precisares de alguma coisa, pois não?

Não, não, não vou.

Graça deu-lhe o número. E ainda estava a pensar na lata que ele tivera em ligar-lhe e já o telefone tocava novamente. O médico não se encontrava disponível, seria que ela lhe podia dar outro?

Ao fim de uma semana doente, o apartamento parecia um acampamento. A sala estava do avesso, o quarto com a cama desfeita, havia embalagens de medicamentos e lenços de papel sujos espalhados por toda a parte, a cozinha num pandemónio de fim de festa e a retrete a cheirar a casa de banho pública. Zé contemplou o caos, desolado, e concluiu que precisava de contratar uma empregada que lhe tomasse conta da casa. Mas onde raio é que iria descobrir uma empregada? Não era coisa que viesse nas páginas amarelas. *Se telefonasse a Graça, pensou, ela saberia o que fazer para arranjar uma.* Mas não se atreveu a tanto.

No banco o trabalho atrasava-se, Zé começava a perder o controlo da situação, mas curiosamente não estava nada preocupado. Viver sozinho, sentir a falta da mulher e do filho, saber que não havia ninguém para o ajudar se estivesse em apuros eram experiências novas que lhe davam uma outra perspectiva da vida. E, definitivamente, não gostava nada disso. Os momentos que passava com Sara eram agradáveis, mas não eram uma coisa a sério. Quer dizer, com Sara não havia o jantar pronto à sua espera mesmo que não viesse jantar, nem sequer havia uma mulher à sua espera, o que era muito mais importante. Ver Quico uma vez por semana não lhe bastava e sair do trabalho e saber que tinha um apartamento vazio deixava-o perdido, desorientado, de tal forma que começou a jantar fora regularmente. Nos restaurantes, pelo menos, estava rodeado de pessoas e não ficava a noite toda a ver programas de televisão que não lhe interessavam nada ou a olhar para a lareira como um sonâmbulo, enquanto emborcava balões de uísque puro a pensar que queria a

sua antiga vida de volta.

Assim que recuperou da gripe, Zé enviou a Graça um ramo de flores de tamanho extravagante com um bilhete de agradecimento. Não sabia muito bem como havia de agir para conseguir uma reaproximação, mas isto sempre era um começo. Só que ao fim da tarde recebeu o ramo de flores de volta, e sem nenhum bilhete. A mensagem de Graça era suficientemente clara: não seria reconquistada com mimos destes.

Zé desleixou-se no trabalho e dedicou-se a telefonar a Graça várias vezes ao dia. Inventava desculpas para lhe ligar, perguntava-lhe por Quico, como iam as coisas no colégio, queria saber se o emprego dela corria bem ou se ela se lembrava de que tinha de levar o carro à revisão. Se queria que ele tratasse disso! Graça poderia contar pelos dedos de uma mão as vezes que Zé lhe telefonara para o emprego nos anos em que estiveram casados e agora fazia-o quase de hora a hora para lhe falar de assuntos que antes nem lhe passavam pela cabeça a não ser, eventualmente, em casa.

— Zé, falaste comigo há duas horas. O que é que foi agora?

— Eu sei, mas é que me lembrei de que faço anos daqui a dois dias e queria saber se não podíamos jantar os três. Eu, tu e o Quico.

— Não, Zé, este ano vais ter de festejar os teus anos sozinho.

— É só um jantar, Graça. Que mal é que pode fazer um jantar?

— Não faz mal nenhum, mas não me apetece jantar contigo, só isso.

— Um jantarzinho de anos, custava-te assim tanto? — Zé percebeu que estava a suplicar um jantar e isso não lhe pareceu nada digno, mas se não podia ter comportamentos patéticos com a sua própria mulher, com quem haveria de ter? Além disso, Graça já o conhecia por dentro e por fora, de modo que seria difícil impressioná-la com outra estratégia senão a de se fazer de cão abandonado. Quando um tipo mal conhecia uma rapariga, podia atirar-lhe para cima uma data de charme, podia dizer umas fanfarronadas, mostrar-se interessante, etc. Se ela não o conhecia, não podia saber que ele estava só a armar-se em bom. Ora, Zé gastara essas munições todas com Graça há mais de uma década. Agora sentia-se desarmado e ela não se mostrava interessada em facilitar-lhe a vida.

— Não insistas, porque eu não vou jantar contigo.

— O Quico ia gostar de nos ver juntos outra vez. — Soube que não devia dizer a frase antes de a dizer, mas disse-a na mesma. Era o desespero a falar.

— Ah, Zé, que coisa mais baixa.

— Não, a sério, não achas que ia fazer bem ao Quico?

— Agora vais usar o teu próprio filho para te limpares das asneiras de que és responsável?

— Não, não vou.

— É que se pensas que me vais fazer sentir culpada por estarmos separados, podes tirar o cavalinho da chuva.

— Eu não me esqueci porque é que nos separámos.

— Eu também não, por isso não me atires as culpas por o miúdo ter de

passar por isto.

— Certo, não atiro, mas...

— Não voltes a fazer isso, Zé, se não queres que te desligue o telefone na cara.

— Tens razão, desculpa. Mas podes pensar no jantar?

— Tu tens cá uma lata.

— *Please*.

— Não, não posso pensar em jantar contigo. Aliás, se queres saber, já tenho um jantar combinado para essa noite.

— Tens?

— Tenho.

Zé ficou subitamente sem pinga de sangue, sem palavras, sem equilíbrio. Por causa dos nervos e porque falava ao telemóvel, percorrerá incessantemente o seu gabinete, de parede a parede, nos últimos minutos, mas agora teve de se sentar. As pernas começaram a tremer-lhe e abateu-se pesadamente na sua cadeira como uma árvore acabada de cortar. *Madeira!* Teve Graça vontade de gritar, ao ouvir os efeitos devastadores das suas palavras. A vingança não era bonita, mas fazia-lhe bem.

— Com quem? — conseguiu ele perguntar.

— Com quem, o quê?

— Com quem é que vais jantar?

— Com um amigo.

— Qual amigo?!

— Baixa a voz.

— Qual amigo?

— Não tens nada com isso.

— Não tenho nada com isso? Tenho *tudo* que ver com isso.

— Não, não tens. E agora vou desligar porque tenho de trabalhar.

Zé telefonou-lhe novamente dali a uma hora e meia.

— Podemos falar sobre isto?

— Zé, estava de saída, estou cansada e tenho de ir buscar o Quico.

— Tudo bem. Eu ligo-te mais logo para casa.

— Não.

— Não queres falar comigo?

— Eu falo mais contigo agora do que falava antes de nos separarmos.

— Então, ligo-te à noite, adeus.

E desligou depressa, antes que Graça tivesse oportunidade de dizer qualquer coisa.

À noite Graça usou a mesma táctica. Chamou Quico ao telefone antes de Zé começar a fazer-lhe perguntas. Depois voltou ao telefone.

— Se quiseres, podes vir buscar o Quico para jantar no dia dos teus anos.

— E tu?

— Eu já te disse o que tinha a dizer sobre esse assunto. Então, vens buscá-lo?

— Vou.

— Ótimo.

— Ele pode dormir em tua casa e, de manhã, leva-lo ao colégio.

— Por acaso não estás a dizer que vais jantar com um amigo só para me chatear?

— Tu... — Ficou tão indignada que lhe falharam as palavras. — Estúpido! Desligou-lhe o telefone na cara.

Cátia abandonou a obscuridade a que se votara nos últimos tempos e regressou mais radiosa do que nunca. Zé cruzou-se com ela num corredor e achou-a tão bonita que teve uma recaída momentânea.

— Cátia! Estás boa? — entou a pergunta com alegria para que ela percebesse como estava feliz por a ver.

— Estou ótima, e tu?

— Também. Há semanas que não te vejo — admirou-se.

— Tenho andado por cá.

— Eu estive uma semana enfiado em casa com uma gripe terrível.

— Ah, que chatice. E já estás bom?

— Já. Olha, podíamos sair logo à noite.

— Estou a ver que já endireitaste as coisas em casa — observou Cátia, com alguma ironia.

— Já — sorriu. — E, ao que parece, definitivamente.

— Ah, sim? Queres dizer que és um homem livre?

— Exactamente.

— Mas agora é ao contrário — disse. — Eu não sou uma mulher livre.

— Não?

— Não. Hoje vou sair com o meu namorado.

— Namorado novo?

— Hum, hum.

Nunca me vou perdoar por tê-la deixado fugir, pensou Zé enquanto Cátia se afastava de queixo levantado e a sorrir para as pessoas que se cruzavam com ela. Levava uma saia com uma racha absolutamente fabulosa; era alta e tinha umas pernas compridas que não podiam ser reais.

Saiu do banco às oito e foi jantar a um restaurante qualquer no Bairro Alto. Entrou no primeiro que encontrou suficientemente cheio para se sentar numa mesa solitária rodeado de um confortável ruído de fundo. A sua depressão já lhe bastava, não precisava de ambientes lúgubres para curtir a tristeza. Não foi bem um risco, escolher o restaurante ao acaso porque, de qualquer modo, Zé não estava nada interessado em comer. Abriu as hostilidades com um uísque puro e acompanhou a refeição com mais dois iguais. Pediu um bife à casa em que mal tocou, só para justificar a sua presença e não quis sobremesa.

Bebeu o café com mais um uísque enquanto fumava um cigarro, pensativo. O fumo ajudava-o a descontraír e a reflectir. Zé perguntou-se porque é que se ralava tanto por Cátia ter um namorado, quando devia era estar preocupado com o misterioso amigo de Graça. Mas não estava, ou melhor, estava, mas não conseguia afastar Cátia da cabeça. De certo modo, encarava o novo namorado dela como uma traição. Era certo que Cátia não o trocara por outro mas... Bolas, ainda uns dias antes saíra de casa dela deixando-a com o coração destroçado e agora já andava pelos corredores do banco a saracotear-se toda contente por ter um namorado novo? Quanto

tempo é que durava um desgosto de amor hoje em dia? Por quanto tempo se deveria fazer luto e chorar pelos cantos e pensar na pessoa amada e achar que a vida já não fazia sentido? No caso de Cátia, por muito pouco, pelos vistos. Isso doía, pois a verdade é que Zé gostaria de pensar que Cátia andava por aí arrasada, a sonhar com ele e com o dia em que se cruzassem no corredor do banco e que ele a convidasse para sair e então, talvez, tudo voltasse a ser como dantes. Mas não.

O que é que me interessa? Eu nem sequer gostava dela, pensou Zé, só para apaziguar a inquietação que lhe mordeu a alma durante toda a tarde, como se fosse uma daquelas dorzinhas insignificantes mas persistentes, que nos incomodam ao ponto de não conseguirmos pensar em mais nada.

Mas interessava. Não estava certo, no seu coração Zé sentia que era uma injustiça. Ele perdera Graça por causa de Cátia, mal conseguia dormir e trabalhar ou fazer fosse o que fosse devido à sua separação e, entretanto, Cátia já estava noutra e não queria nem saber dos problemas dele, das suas insónias e do seu estado de espírito deplorável. Por outras palavras, Cátia ultrapassara a situação porque, no fundo, não levava a relação deles a sério. Era uma fingida? Talvez não, mas também não pensara que fosse o fim do mundo ele desistir dela.

Zé saiu do restaurante e foi tomar um copo a um bar ali ao lado e depois seguiu para a zona das Docas, onde entrou no Indochina, uma discoteca a abarrotar de gente alegre que saltava na pista como se aquilo fosse a festa mais divertida do ano. Pediu mais uma bebida. Por essa altura já lhes perdera a conta. Encostou-se ao balcão a pensar em Cátia e em como descobrira que afinal ele não era assim tão importante para ela como isso. E quanto mais pensava no assunto, mais ele lhe parecia hilariante. Deu consigo a rir-se sozinho às gargalhadas, imaginando-se a dizer a Graça que não fazia sentido ela expulsá-lo de casa por uma coisinha de nada, na medida em que Cátia até já andava com outro e, bem vistas as coisas, que importância é que aquilo tudo tinha? Imaginou Graça a ouvir a sua explicação prática sobre a relação dele com Cátia e viu-se a dizer-lhe que estava a fazer uma tempestade num copo de água e, sem saber bem porquê, a ideia pareceu-lhe extremamente divertida e fê-lo rir até às lágrimas, inclinado à frente do balcão, agarrado à barreira, tomado por um riso convulsivo que deixou as pessoas em redor alarmadas.

Voltou para o carro aos tombos e guiou devagarinho até casa, regressando aos ataques de riso sempre que se lembrava do mesmo, dando murros histéricos no volante e limpando as lágrimas dos olhos para conseguir ver a estrada. Arrumou o carro desajeitadamente e subiu os dois lanços de escadas até à sua porta continuando a rir-se como um perdido. Mas no instante em que se viu sozinho em casa, rodeado de um silêncio perturbador e ainda com as suas próprias gargalhadas a ecoarem lá fora, caiu em si e percebeu a situação complicada em que estava metido. De repente, ficou sério, à beira do choro. Para dizer a verdade, Zé engoliu em seco e só não chorou porque um homem

não chora.

Atirou-se vestido para cima da cama, apagou-se instantaneamente e dormiu seguidinho até ao meio-dia.

No dia seguinte Zé descobriu vários pretextos para não ir trabalhar. Em primeiro lugar, não acordou a horas o que, não sendo uma boa razão para invocar no banco, não deixava de ser uma realidade iniludível. Em segundo lugar, saiu da cama praticamente a rastejar para a casa de banho e enfiou a cabeça na retrete durante quarenta e cinco minutos a vomitar tudo o que tinha e o que não tinha no estômago e, mesmo assim, continuou a sentir-se terrivelmente mal. Logo, podia considerar-se doente (uma ressaca podia ser considerada doença? Vómitos, dor de cabeça, mãos a tremer? O seu corpo não funcionava, a cabeça muito menos... sim, podia ser considerada doença). Em terceiro lugar, era o seu dia de anos e Zé *nunca* trabalhava no seu dia de anos.

Telefonou para o banco e comunicou à secretária que estava doente, «deve ter sido alguma coisa que eu comi ontem», disse, e desligou precipitadamente para voltar a correr para a casa de banho e abraçar-se à retrete.

Passou o resto do dia na cama a dormir. Levantou-se por volta das sete da tarde, tomou um banho e às oito estava a bater à porta da casa de Graça para apanhar Quico.

— O que é que tu tens? — perguntou Graça, assustada com o seu aspecto.
— Estás branco.

— Passei o dia na cama, maldispuesto, mas já estou melhor.

— Tens a certeza? Não queres adiar o jantar?

— Não, nem pensar. O Quico ia ficar tristíssimo.

— Pois, lá isso ia.

— Olá, pai — cumprimentou Quico, saído detrás da mãe.

— Olá, Quico.

— Parabéns!

Deram um abraço.

— Tenho um presente para ti.

— Tens?

— Tenho. É uma redacção que eu escrevi na escola.

— Uau, e onde é que está essa redacção?

— Está aqui.

Entregou-lhe um papel dobrado ao meio, que Zé enfiou no bolso.

— Muito obrigado — disse. — Vou lê-la com muita atenção mais tarde, está bem?

— Está.

— Vamos embora?

— Vamos.

Zé esticou-se para dar um beijo de despedida a Graça, mas ela desviou a cara e virou-se para apanhar uma malinha com a roupa de Quico. Ele já levava ao ombro a mochila da escola.

— Divirtam-se — disse Graça.

— É claro que nos vamos divertir — disse Zé, disfarçando o facto de ter ficado pendurado. Quico não reparou no incidente porque já ia a caminho do

elevador. — Quico! — chamou-o.

— Sim, pai.

— Não se dá um beijo à mãe?

Graça olhou para Zé com cara de não-julgues-que-me-incomodas-com-essas-tretas-psicológicas.

— Adeus, mãe — despediu-se Quico, depois de lhe dar um beijo.

— Adeus, mãe — disse Zé, só para a irritar.

— Adeus, querido — respondeu Graça, mas dirigindo-se a Quico.

Foram directos ao McDonald's mais próximo e, no caminho, Zé foi fazendo perguntas a Quico para saber como lhe corria a vida, e o filho ia respondendo com entusiasmo. Mas, na realidade, Zé estava a pensar em Graça e em como ela o recebera de maneira tão fria e no facto de ela nem sequer lhe ter dado os parabéns — sim, reparara nisso e ficara magoado — e ainda como a vira bem vestida, penteada, perfumada e com os olhos e os lábios pintados como se fosse sair com alguém importante para ela.

Quico devorou o seu hambúrguer com entusiasmo.

— Não vais comer mais, pai? — perguntou, vendo que Zé não tocava no seu.

— Não estou com muita fome.

— Posso comer eu, então?

— Podes, força.

Zé fumou um cigarro e bebeu um café enquanto observava o filho a comer e pensava que havia coisas na vida de que um homem se podia orgulhar.

— Quando é que voltas para casa? — perguntou Quico depois de limpar o prato até à última batata frita e de rapar um copo de gelado.

— Não sei, Quico. Eu agora tenho a minha casa.

— Sim, mas se quisesses, podias voltar para nossa casa.

— Não é assim tão fácil, sabes?

— Não?

— Não, porque a mãe está um bocado aborrecida comigo e não quer que eu volte.

— Porquê?

— Porque, às vezes, as pessoas crescidas também se zangam e não querem continuar a viver juntas.

— Também estás zangado com a mãe?

— Não.

— Eu podia falar com ela.

— Não me parece que resultasse.

— Porque não? Ela não pode ficar zangada a vida inteira.

— A vida inteira, talvez não, mas temos de lhe dar algum tempo para ela mudar de ideias.

— Pai?

— Sim, Quico.

— Posso ir viver contigo?

— E deixavas a mãe sozinha?

— Não sei — encolheu os ombros. — Mas ela é que está chateada, não é?

— É, mas também está triste e precisa muito de que tu a apoies.

Quando chegaram a casa de Zé, Quico revelou-se encantado com a novidade que o apartamento do pai representava para ele e quis meter o nariz em todos os cantos, investigar as divisões e descobrir deslumbrado o seu quarto com secretária, computador e tudo.

— Altamente!

— É para quando cá vieres dormir — disse Zé. Por uma razão ou outra, Quico ainda não tinha ido lá a casa. Ultimamente, Zé ia buscá-lo, levava-o a sair e devolvia-o à mãe. Isso teria de mudar. Se continuassem separados, como tudo indicava, Zé tencionava estabelecer algumas regras e uma delas seria o filho passar os fins-de-semana com ele. Mas essa era uma conversa que ele tinha vindo a adiar, pois parecia-lhe que, de certo modo, seria como uma capitulação na sua pretensão de recuperar o amor de Graça. Ainda não estava preparado para tanto.

— Podemos ligá-lo? — perguntou Quico, olhando para o computador.

— Hoje não, Quico — disse —, já são horas de dormir, senão amanhã não acordas a tempo de ir para as aulas.

Zé trazia um sobretudo azul-escuro comprido por cima de uma camisa de flanela aos quadrados e umas calças de ganga. Encostara um ombro à parede e enfiara as mãos nos bolsos do sobretudo, descontraído, a desfrutar da presença do filho. Com a excitação da chegada, fora atrás de Quico pela casa fora e nem tivera oportunidade de tirar o casaco. Mas agora, ao enfiar as mãos nos bolsos, descobriu a folha de papel com a redacção que ele lhe fizera e tomou nota de cabeça para não se esquecer de a ler logo que estivesse sozinho.

Acendeu a lareira, foi buscar um copo de água com gás e sentou-se confortavelmente num cadeirão de couro a ler. A redacção era um testemunho sincero da infelicidade do filho perante a separação dos pais e suficientemente triste para lhe fazer cair a alma aos pés. «Agora já não tenho pai», escrevera Quico na sua letra insegura. «Quer dizer, ainda tenho, mas já não é a mesma coisa, porque o pai não dorme em casa e só o vejo às vezes. Agora que ele tem outra casa, se calhar também vai arranjar outra mulher e outros filhos e depois até pode ser que se esqueça de mim como se esqueceu da mãe.

Para Zé, ler aquela carta foi o pior de tudo. A separação custara-lhe muito, mas magoar o filho era algo infinitamente mais difícil. Foi tão doloroso que sentiu necessidade de telefonar a Graça para lhe falar do assunto. Só que ela não atendeu.

Incapaz de dormir, Zé foi buscar um CD de David Bowie e pôs a tocar «Life on Mars?», uma canção demasiado antiga para fazer parte da colecção de CD de qualquer adolescente, mas Zé costumava ouvi-la e emocionava-se porque fazia parte da sua história e de Graça. Muitos anos antes, quase vinte, ele punha-a a tocar para ela e escutavam-na fechados no seu quarto, em casa dos pais dele, enquanto namoravam. *Será que Graça ainda se lembra disto?*,

perguntou-se quando as lágrimas começaram a cair-lhe pela cara abaixo. Que se lixassem os homens que não choravam.

De manhã levou Quico ao colégio.

— Já li a tua redacção — disse-lhe no caminho —, e sabes uma coisa? Acho que tens razão sobre a nossa vida ser um pouco diferente de antigamente. E também tens razão em pensar que, no futuro, eu possa arranjar outra mulher. Isso pode vir a acontecer, mas repara, eu não estou a dizer que vai acontecer, estou a dizer que *pode* acontecer. No entanto, mesmo que eu tivesse outra mulher, nunca, mas nunca, me esqueceria de ti nem da mãe. E se eu tivesse outro filho, ele não seria mais importante do que tu, percebes?

— Percebo.

— Tu, às vezes, também arranjias um amigo novo, não é verdade? E lá por teres um amigo novo não quer dizer que deixes de ser amigo dos outros que já conheces há mais tempo.

— Pois não.

— Então, connosco é a mesma coisa. Eu vou gostar sempre de ti. Nunca te esqueças disto, que eu também não me esqueço.

— Está bem, mas... pai?

— Sim, filho.

— Posso ir viver contigo?

— Quico, nós já falámos disso ontem. Olha, vamos combinar o seguinte: agora ficas com a mãe porque ela precisa mais de ti e, quando fores um bocadinho mais crescido, voltamos a pensar nisso, está bem?

— Está bem.

E ficaram assim. Porém, no dia seguinte, Zé foi arrancado de uma reunião a meio da tarde por um telefonema furioso de Graça. Zé desculpou-se e foi atender a chamada no seu gabinete.

— O que é que andaste a enfiar na cabeça do miúdo, para ele dizer que eu é que tenho a culpa de tu teres saído de casa e que ele quer ir viver contigo?

— Calma, Graça. Eu não andei a meter nada na cabeça dele.

— Ai, não? Tem piada, que antes de ter saído contigo, ele não dizia nada disso.

— Ele perguntou-me porque é que eu não voltava para casa e eu disse-lhe que tu estavas zangada comigo, que estavas triste. Depois ele pediu-me para ir viver comigo e eu disse-lhe que não podia ser e que, neste momento, tu precisavas mais dele do que eu. Graça acalmou-se um pouco, mas não ficou inteiramente descansada. Na realidade, Graça estava à beira do pânico e, nessas ocasiões, ninguém raciocina com muita clareza.

— Zé, eu pensava que podia confiar em ti, apesar de tudo.

— É claro que podes confiar em mim.

— Eu nunca te perdoaria se tentasses tirar-me o Quico.

— Graça, não estás a ouvir o que eu te estou a dizer! Eu disse ao Quico que não podia viver comigo.

— Se for preciso, contrato um advogado e vamos a tribunal.

— Qual advogado, Graça! Eu não vou tirar-te o Quico, percebes? Eu disse-lhe que ele ia continuar a viver contigo.

— Tu disseste-lhe que depois se via.

— Não, eu disse-lhe que, quando ele fosse mais velho, podíamos pensar no assunto, o que é muito diferente.

— Mas ele ficou a pensar que havia essa possibilidade.

— Eu tinha de lhe dizer alguma coisa, não achas? Não podia limitar-me a dizer-lhe que não o queria a viver comigo.

Depois disto, Zé voltou para a reunião mas já não ouviu uma única palavra do que ali se disse.

O telefonema de Graça deixou-o desanimado. Por mais que tentasse retomar a sua relação com Graça de uma forma, digamos, positiva, era evidente que estavam a ir no sentido contrário. Ela não lhe dava beijos de parabéns nem de espécie nenhuma, recusava-se a sair com ele, mas saía com um amigo misterioso — e onde é que Graça tinha ido buscar esse tipo, se a vida dela se resumia a trabalho/casa/casa/trabalho? —, tornara bem claro que não tinha interesse nenhum em conversar com ele e, para cúmulo, agora pensava que ele lhe queria «roubar» o filho e ameaçava-o com advogados e tribunais.

«As coisas não estão a correr bem, Zé», murmurou na intimidade do seu carro. «Vamos embebedar-nos, Zé? Vamos.» Pôs a tocar o CD de Diana Krall ao vivo em Paris e tomou a direcção das Docas.

Por volta das oito da noite, sentado numa mesa à janela do primeiro andar de um restaurante vazio, deu um gole no seu *Jameson* puro com três pedras de gelo e contemplou o movimento festivo das pessoas que passavam lá fora, entre os bares e as respectivas esplanadas. Dali podia ver a ponte sobre o Tejo com o seu trânsito perpétuo, o rio e os barcos atracados na marina que se estendia ao longo da zona dos bares e restaurantes. Pegou no telemóvel e ligou a Sara, num impulso.

— Ainda te lembras de mim? — perguntou-lhe, mas num tom que ela percebesse que era a brincar e, de modo algum, uma crítica.

— Lembro — disse ela, contente por ouvir a sua voz.

— Onde é que estás?

— Barcelona.

— Barcelona? A fazer o quê?

— Vim com uns amigos.

— Obrigado por me teres convidado.

— Oh, coitadinho. Tinhas vindo se eu te tivesse convidado?

— Não, não podia.

— Então, estás a ver porque é que eu não te convidei?

— Mas teria gostado que me tivesses convidado na mesma.

— Está bem. Da próxima vez eu convido.

— Combinado. Quando é que voltas?

— Na sexta-feira. Tenho de trabalhar no fim-de-semana.

— Tens?

— Hum, hum.

— Então, quando é que te vejo?

— Na segunda, pode ser?

— Pode.

— Estou desejosa de ir para a cama contigo — murmurou para o telefone com voz de gozo — e de te comer todo, huuuum, já estou a ficar toda molhada.

Zé ouviu umas gargalhadas abafadas ao fundo. Os amigos.

— Vê se te portas bem — disse.

— Sim, querido, não te vou enganar, fica descansado.

— Beijos.

— Beijos.

Era engraçado como os compromissos condicionavam uma relação e a forma como as pessoas se davam, pensou Zé com um sorriso nos lábios depois de desligar. Se Graça alguma vez lhe tivesse falado daquele modo — o que era impensável, mas se... — e se ele ouvisse as gargalhadas abafadas de outras pessoas que estivessem com ela, sentir-se-ia humilhado e muito, muito, zangado com ela. Mas como isso acontecera com Sara, Zé achara um piadão. Sara não tinha nenhum compromisso com ele, pelo menos um compromisso sério, do género és-a-única-pessoa-da-minha-vida-e-vamos-casar, e portanto as regras da exclusividade que implicavam um certo tipo de comportamento contido não se lhe aplicavam. Claro, se Zé soubesse que ela andava envolvida com outro ou se a surpreendesse aos beijos com alguém, nunca mais a queria ver, mas tirando isso ela era livre de fazer o que lhe desse na gana sem que ele quisesse, ou pudesse, exigir-lhe explicações.

Pediui mais um uísque à empregada.

— Como é que você se chama? — perguntou-lhe, quando ela voltou com o copo.

— Maria do Rosário.

— Maria do Rosário, posso convidá-la para irmos beber um copo quando você acabar de trabalhar?

— Obrigada, mas eu saio muito tarde e moro longe.

— Onde é que mora?

— Na outra banda, em Almada.

— Não faz mal, eu levo-a lá.

— Pois, mas eu hoje estou muito cansada e amanhã tenho de me levantar cedo.

— Então, e amanhã?

— Amanhã tenho de vir trabalhar.

— Quando é que é a sua folga?

— Ao domingo.

— Ótimo, está convidada para jantar comigo no domingo. Ela riu-se.

— Está bem — disse.

Saiu para a noite fria satisfeito consigo próprio. Rosarinho, não podia esquecer-se do nome dela. O que é que estava a pensar? É claro que não ia esquecer-se, se tinha o seu nome e o número de telefone escritos num cartão, como é que poderia esquecer-se?

Lembrou-se de ligar a Tó para lhe perguntar se queria ir para a borga. Ele respondeu-lhe que não estava para aí virado, que tinha muito que fazer no dia seguinte e não queria lixar o dia de trabalho por causa dos copos.

Acabou a noite no Queens onde, sem saber como, se viu todo sorridente para uma falsa loura às cinco da manhã. Ela correspondeu-lhe o sorriso e Zé

avançou. Foram conversar no recato de uma mesa e, num abrir e fechar de olhos, estavam no apartamento dele, no quarto, a fazer tudo o que ele sonhara fazer no fim daquela noite solitária. Ela tomou a dianteira — até porque Zé já se sentia bastante lerdo para controlar fosse o que fosse — e tratou dele com a delicadeza e a habilidade com que trataria um xeque das arábias.

Tomaram o pequeno-almoço ao meio-dia, torradas, chá e *Guronsan* para Zé.

— Como é que te chamas? — perguntou-lhe, curioso.

— Regina.

— Regina, sou o Zé, muito prazer. — Estendeu-lhe a mão, que ela apertou. E riram-se com a situação.

— E és brasileira, obviamente.

— De São Paulo.

— O que é que fazes em Portugal, Regina?

— Trabalho numa loja de *lingerie*.

— Ah, sim? Ora aí está um trabalho que eu não me importava de ter.

— É legal, sim. E você?

— Eu trabalho num banco, onde devia estar a esta hora, se não tivesse bebido demais a noite passada e não estivesse aqui contigo a comer torradas.

Um banco era, por definição, um local onde se trabalhava demasiado e se ganhava bastante bem, quando se tinha um cargo de grande responsabilidade. Zé sabia-o bem, porque não se podia queixar do ordenado, de modo algum, mas, por razões que interessavam muito pouco à administração, ele não estava a corresponder no que se referia ao seu empenhamento e disponibilidade. Esperavam dele que se matasse a trabalhar, mas, se Zé morresse de alguma coisa agora, seria de álcool e tabaco.

Entrou no gabinete com Lisete na peugada. A secretária preocupava-se mais do que ele com o rumo pouco auspicioso que as coisas pareciam estar a tomar no escritório. Zé parecia que estava anestesiado e comportava-se como se fosse dono de algum escudo invisível anticatástrofe.

— Calma, Lisete — disse-lhe, a despir o sobretudo. — Diga-me só o que é mais urgente.

Ficou a trabalhar até às dez da noite. Nesse preciso momento, recostou-se na cadeira e olhou através da porta aberta para o gabinete vazio da secretária. O cinzeiro transbordava de beatas e o ambiente era quase irrespirável de tanto fumo. Zé soltou um longo suspiro e deixou sair em voz alta um desabafo que lhe estava entalado na garganta havia muito:

— Odeio esta merda, odeio este gabinete, odeio esta gente, odeio este banco.

Depois levantou-se, agarrou no sobretudo, saiu do gabinete sem se dar ao trabalho de arrumar o que quer que fosse e voltou para casa. Regressou ao banco bem cedo no dia seguinte para uma maratona ainda mais longa.

Zé compreendia que o facto de não ter mulher o levava a gerir a vida de uma forma lamentável. Sentia-se inseguro como um marinheiro embarcado, sem raízes em terra. Não havia um lugar a que pudesse chamar o *seu* lar. Havia o apartamento novo, mas esse era apenas o espaço onde ia dormir. A mobília era alugada e as fotografias das molduras mostravam caras anónimas recortadas de revistas de moda. Mas apesar de ter consciência da sua desorientação, sentia que não havia muito a fazer em relação a isso. A maior parte do tempo, andava demasiado ocupado com o trabalho, as saídas nocturnas, as ressacas, as corridas para a lavandaria ou para o ginásio e as horas roubadas a tudo isso eram para estar com Quico. Sabia que se tivesse um compromisso sério, ficaria agarrado a uma rotina saudável que lhe permitiria concentrar-se nas coisas realmente importantes — curiosamente, invocar agora a antiga rotina que antes o desesperava provocava-lhe uma enorme nostalgia. Sabia que se não jantasse fora todos os dias e se não se arrastasse pelas discotecas até às cinco da manhã, teria cabeça para trabalhar e cumprir as suas obrigações profissionais e não andaria constantemente a pensar como fazer para encontrar uma mulher. Dormir com uma mulher diferente todas as semanas poderia parecer muito atractivo — e, em certa medida, era-o, de facto — mas não contribuía nada para uma vida equilibrada.

No domingo sentiu-se só e telefonou a Maria do Rosário, porque o

papelinho com o seu número de telefone foi a última coisa que teve a que se agarrar. Não lhe apetecia lá muito ligar-lhe. Na outra noite, com uns copos a mais, a ideia de engatar a rapariga do restaurante parecera-lhe fantástica, mas hoje nem sequer se lembrava da cara dela e receou que fosse encontrar uma chata horrorosa que o deixasse ainda mais deprimido do que já estava.

Afinal teve uma agradável surpresa. Maria do Rosário não poderia entrar numa lista de potenciais candidatas a um concurso de beleza, mas também não era mulher que deixasse um homem irrequieto na cadeira a contar os minutos para se poder ir embora.

Jantaram num restaurante em Porto Brandão, uma pequena localidade à beira Tejo, do outro lado do rio, e o encontro foi agradável. Conversaram de coisas simples e Zé ficou a saber das pretensões que Maria do Rosário tinha de arranjar um emprego melhor e, talvez, de voltar a estudar. Tinha vinte e nove anos, um cabelo escuro de caracóis indomáveis e uns olhos castanhos melosos.

Embora não fosse o tipo de rapariga que tivesse interesses suficientemente compatíveis com os dele para que ele ponderasse a possibilidade de algo mais profundo do que aquilo, Zé apreciou a sua companhia e, a determinada altura da noite, pensou que era bom estar com alguém sem segundas intenções. De facto, não pretendia levá-la para a cama e depois do jantar foi deixá-la a casa com a promessa de voltarem a repetir uma saída em breve. Mas, quando chegaram à porta dela e Zé estacionou o carro, beijaram-se. A língua dela revelou-se quente e molhada, o seu corpo parecia ter um íman que atraía as mãos dele e, bem, uma coisa levou a outra e lá se foram as boas intenções por água abaixo. Maria do Rosário levantou a saia comprida que lhe tapava as pernas, abriu-lhe a braguilha das calças com um fervor inesperado, saltou-lhe para o colo, ficando de costas para o volante, e enterrou-se nele até não poder mais.

Sendo assim, o que é que um homem havia de fazer?

Sara não apareceu na segunda-feira, como havia prometido, nem na terça, nem na quarta. Mas de que estava ele à espera? Uma coisa era certa, Zé não começaria a telefonar-lhe a toda a hora para lhe implorar umas migalhinhas da sua atenção. Recusava-se a andar atrás de Sara. Se ela julgava que ele se ia tornar um amante despeitado, roído de ciúmes e incapaz de dominar o impulso de a perseguir com lamúrias e flores, bem podia esperar sentada. Para ser rejeitado, já lhe bastava Graça, e Cátia, já agora.

Na quinta-feira desistiu de pensar em Sara e foi para os copos com Tó. Jantaram no BBC, o último grito da noite lisboeta.

— Falei com a Graça, um destes dias — disse Tó, ao café.

— Falaste?

— Falei. Ela telefonou-me.

— Porquê?

— Olha, porque queria saber como é que eu estava depois da separação e isso tudo.

— Sabes que ela ficou bastante chocada com a vossa separação?

— Ela disse-me, e queria saber se não havia nenhuma hipótese de eu voltar para a Lili.

— E não há?

— Não, nós estamos muito bem assim. Eu expliquei à Graça que uma separação não tem de ser necessariamente um processo dramático.

— Disseste-lhe isso? Ah, Tó, obrigadinho pela ajuda. Agora vai ser muito mais fácil ela esquecer-se de mim.

— Não é nada disso, Zé. Escuta, eu estava a falar do meu casamento. O que eu lhe disse foi que, no nosso caso, tratou-se de uma separação amigável. Eu e a Lili não podemos ser mais amigos do que somos, percebes?

— Mesmo assim, não sei se foi um bom exemplo.

— É claro que foi. Não é isso que queres? Que a Graça se dê bem contigo?

— Não é bem isso. O que eu quero é que ela volte para mim.

— Bom, se ela se der bem contigo, já é um começo.

— Acho que sim — vacilou, sem convicção —, acho que sim...

Por volta da uma da manhã, Zé e Tó já se encontravam suficientemente bebidos para concluírem que o BBC não era local para eles. Decidiram que precisavam de algo mais escaldante e mais divertido como...

— O Elefante, vamos ao Elefante — sugeriu Zé.

— Vamos embora — anuiu Tó sem pensar duas vezes.

— O Elefante é que tem gajas boas.

— E caras.

— A qualidade paga-se, meu amigo.

O Elefante Branco: Zé dá as boas-noites ao porteiro, fura por entre as pessoas através do corredor que separa o balcão, à direita das mesas à esquerda, e chega à zona da pista, mais ampla, rodeada de mesas, quase todas

ocupadas. Vira-se para trás à procura de Tó e localiza-o a conversar com uma baixinha de mini-saia no início do corredor. Por pouco, Tó não passava da porta. Zé volta a concentrar-se na pista, estuda o ambiente. Há mulheres a dançar com homens e mulheres a embalar-se sozinhas, suavemente, sensualmente, à espera de que um cliente se sinta tentado a chamá-las. Vem um empregado solícito e pergunta-lhe se deseja uma mesa. Zé decide aceitar e segue o homem até um lugarzinho aveludado ao lado de um grupo de engravatados barulhentos que estão a esvaziar garrafas de uísque com uma rapidez estonteante, acompanhados de várias mulheres bastante diferentes umas das outras.

O empregado volta com uma garrafa de *Jameson*, um balde de gelo, dois copos e dois pratinhos de aperitivos. Coloca tudo em cima da mesa, serve os dois copos e pergunta se «o senhor vai desejar mais alguma coisa?». Zé responde-lhe que não precisa de mais nada.

Olha em redor, os seus olhos procuram uma mulher que os entusiasme. Está a pensar em chamar uma delas para conversar. Bom, não é realmente para conversar, porque aquelas mulheres nunca têm nada de jeito para dizer e, ao fim de um bocadinho, já estão a querer negociar a noite com ele. É só pela piada da companhia. Mesmo não tencionando ir com nenhuma, pode chamá-las, porque elas não sabem que não vão levar nada dele. E, se lhe apetecer, até pode ir chamando uma de cada vez, fazendo-as rodar pela sua mesa durante a noite inteira. Pelo menos, as que não estiverem já acompanhadas. A ideia diverte-o.

— Como é, gatão — diz-lhe ao ouvido uma voz *sexy* com sotaque brasileiro —, tudo bem com você?

Zé olha por cima do ombro para ver quem está a falar consigo.

— Regina?! — Abre os olhos de espanto.

— Posso sentar?

— Claro, claro — diz, aparvalhado, sem querer acreditar no que está a acontecer. — Regina!

— Sou eu mesma.

Zé faz um esgar estranho e abana a cabeça, como quem está a pôr as ideias em ordem.

— Eu julguei — diz — que me tinhas dito que trabalhavas numa loja de *lingerie*.

— Trabalho, sim.

— Regiina!!! — grita, na brincadeira —, eu não sabia que você era uma garota de programa.

— É, eu não sou garota de programa mesmo, mas, você sabe como é, eu ganho pouco na loja e então venho aqui algumas vezes para conseguir chegar ao fim do mês com dinheiro.

Depois Regina desfia a conversa do costume de que tem uma família muito pobre e precisa de enviar regularmente dinheiro para São Paulo, e blá, blá, blá.

— Então, Zé — pergunta-lhe finalmente —, você está a fim de sair hoje?

— Não, Regina, gostava muito, mas eu não vou para a cama com ninguém por dinheiro.

— Tudo bem, eu entendo. Foi bom ver você outra vez.

— Igualmente.

— A gente se vê, tá?

— Tá.

E lá vai Regina em busca de outro homem disposto a gastar uma parte considerável do seu ordenado para passar algumas horas com ela.

Zé fica sentado, com um sorriso amarelo de ébrio, vendo-a afastar-se com a visão algo turva, enquanto faz contas à sua vida amorosa. Graça odeia-o e dificilmente ultrapassará o ressentimento que lhe vem ao de cima sempre que se encontram ou conversam ao telefone. Cátia tem um namorado novo e está muito bem sem Zé, obrigada. Sara parece que já se desinteressou e, provavelmente, ele não vai voltar a pôr-lhe a vista em cima nunca mais em toda a sua vida. Maria do Rosário não pode ser considerada mais do que uma queca de uma noite, pois, neste caso, é ele que não tenciona voltar a convidá-la para coisa nenhuma — embora admita que tenha ficado com uma boa recordação dela. E Regina é para esquecer. Zé não quer andar a sair com uma mulher que, em determinadas alturas do mês, vai para a cama com todos os homens que lhe paguem o suficiente para que ela possa enviar dinheiro para a terra. Apesar de ter sido um engate perfeitamente limpo, tendo em conta que Zé não sabia das actividades extracurriculares de Regina — ela não lhe pediu dinheiro e ele não lhe pagou nada —, é para esquecer, definitivamente.

De modo que o balanço não é nada positivo.

O pior que pode acontecer a um homem é ver as suas namoradas — mais ou menos oficiais, não interessa — começarem a cruzar-se umas com as outras sem que umas saibam das outras. Normalmente, acaba tudo numa confusão com contornos de pesadelo, e o pesadelo maior é o dele.

Afinal, Sara sempre deu sinal de vida. Telefonou-lhe, sem ele estar à espera, a meio de uma tarde de trabalho no banco.

— Olha quem ela é — exclamou Zé, traindo-se com um tom de censura que gostaria de ter evitado. — Ainda és viva? — Teria preferido ter empregado um registo totalmente *cool*, que sugerisse uma atitude do género estou-me-nas-tintas-para-ti-e-nem-reparei-que-não-me-ligaste-este-tempo-todo, mas não consegui. Teve uma reacção bastante azeda, foi mais forte que ele.

— Pois, sabes como é — disse ela, simplesmente —, tenho tido muito trabalho. — E como, de qualquer maneira, Sara não era pessoa para dar grande importância a censuras, passou logo ao ataque. Disse que estava a morrer de saudades de Zé e que sentia mesmo necessidade de fazer amor com ele naquele momento.

— Sara, eu já estou atrasado para uma reunião.

Não estava nada, mas Zé já ultrapassara a fase de alinhar nas extravagâncias de Sara sempre que ela premia o botão, e quis deixar bem claro que, de futuro, não seria um boneco que ela pudesse manipular conforme os seus apetites.

— Anda lá — insistiu ela. — Daqui a uma ou duas horas já estás aí a trabalhar outra vez.

— Não.

— Não?

— Não, Sara, não posso. Se quiseses, encontramos-nos mais logo num sítio qualquer.

Encontraram-se ao princípio da noite nas Amoreiras. Sara esperava-o no átrio da entrada principal e recebeu-o entusiasticamente com um abraço muito apertado, como se aquilo fosse o aeroporto e ele chegasse de uma longa viagem ao estrangeiro. Parecia que lhe fazia bem levar uma tampa de vez em quando. Sara estava um doce. Tomaram um café na zona dos restaurantes, no primeiro andar, e depois deambularam pelos corredores do centro comercial a ver as montras, despreocupadamente, em ritmo de passeio, de braço dado como dois namorados.

Zé ia a pensar que era capaz de se habituar à companhia de Sara, se ela estivesse presente, o que não era costume acontecer. Ia a pensar que gostava dela mais do que alguma vez admitira, quando Sara decidiu arrastá-lo para dentro de uma loja.

— Anda ver esta loja — disse, puxando-o pelo braço antes que Zé percebesse onde estava a entrar.

— O que é que vais comprar?

— Uma *lingerie* preta para tu me despires.

Entraram na loja e pararam defronte do balcão, na risota.

— Boa noite! Queria uma *lingerie* preta para o meu namorado me despir

— disse Sara à empregada, enquanto Zé a agarrava pela cintura, por trás, beijava-a no pescoço e ria-se ao mesmo tempo. — Com certeza — disse a empregada, divertida com a cena.

— Temos muitas variedades.

Zé ouviu aquela voz, brasileira, e sentiu um arrepio. Ergueu os olhos e... e lá estava ela: Regina. O riso extinguiu-se-lhe de imediato na garganta. Regina olhou fixamente para ele, sem desarmar o sorriso profissional, Zé engoliu em seco, Sara observou a empregada, espreitou por cima do ombro para olhar para ele e perguntou, ainda a rir-se:

— Há algum problema?

— Não, não — disse Zé, embaraçado. — Olha, e se ficasses aqui a provar a *lingerie* enquanto eu aproveito para ir comprar cigarros?

— Nem penses nisso! Eu quero que tu digas o que é que me fica melhor.

Sara ergueu o braço e pôs-lhe a mão na nuca, puxando-lhe com ternura a cabeça por cima do seu ombro para o beijar nos lábios. Zé inclinou-se sobre ela e beijou-a, mas os seus olhos continuaram fixos em Regina, que aproveitou a distração de Sara para lhe acenar com a mão. Sara virou-se novamente para a frente e Regina levou a mão ao cabelo para disfarçar.

— Vamos a isso? — perguntou Sara.

— Vamos — disse Regina.

Sara entrou para a cabina com vários conjuntos e puxou a cortina.

— Zééé — sussurrou Regina, deliciada —, seu malandro!

Por qualquer motivo que Zé não entendeu, Regina não pensou que ele tivesse entrado na loja com Sara por mero acaso. Claro está que ela deduziu que Zé estava a querer jogar um joguinho perverso qualquer e achou graça à ideia, porque decidiu fazer-lhe a vontade.

De forma que, enquanto Sara provava cuecas e *soutiens*, Regina aproximava-se de Zé, puxava-o para ela, apalpava-o entre as pernas, beijava-o na boca e no pescoço, obrigava-o a tocar-lhe nos seios e fechava os olhos extasiada ao sentir as mãos hesitantes dele dentro da sua camisa. Repetiu isto duas, três, quatro vezes — numa das quais foram surpreendidos por uma senhora que ia a entrar com uma adolescente e abriu a boca escandalizada, tapou os olhos à filha e tornou a sair — mas, talvez por experiência, Regina parecia saber exactamente quanto tempo Sara levava a vestir um novo conjunto e afastava-se de Zé um segundo antes de ela correr a cortina e cantar:

— Tam, tara, tara, taram... O que é que achas?

Ao que Zé murmurava, atrapalhado e sem fôlego:

— Hum, não sei, está ótimo, acho eu, leva esse.

Mas Sara dizia:

— Não, deixa-me provar mais um.

E Regina voltava ao mesmo e Zé suspirava, tentando inutilmente repeli-la,

sem poder dizer nada, porque Sara estava mesmo ali, por trás da cortina, e pensava, *quando é que este tormento acaba?*

Finalmente, Sara escolheu um conjunto e pagou.

— Muito obrigada — disse Regina, irónica. — Espero que tenham gostado.

— Gostámos muito, obrigada — respondeu-lhe Sara, um tudo-nada cínica, virando-lhe as costas.

Regina fez sinal a Zé para esconder uma nodoazinha vermelha de bân on na gola da camisa e disse-lhe adeus toda sorridente.

— Espero que tenham gostado — repetiu Sara já fora da loja, com cara de enjoada, a ridicularizar a frase de Regina.

— O que é que foi? — perguntou Zé, preocupado com a nódoa na camisa.

— Deve ter achado que éramos alguns perversos, talvez.

— Achas?

— Acho. Estúpida!

— Nem reparei.

— Zé! — Sara estacou, a olhar para ele.

— Que foi?

— O que é que tens?

— Eu? Nada, porquê?

— Não sei, estás pálido.

— Não é nada — encolheu os ombros, recomeçando a andar. — Estou com calor.

— O calor não dá palidez. Se estás com calor, devias estar corado.

— Tens razão, não estou com calor.

— Mau, estás ou não estás?

— Queres ir ao cinema?

— E depois jantamos?

— Pode ser.

— E vamos para tua casa?

— Hum, hum.

— E visto a *lingerie*?

— Hum, huum.

— E despes-me?

— E se não fôssemos ao cinema?

— Nem jantar?

— Nem jantar.

— Então?

— Vamos para minha casa.

— Já?

— Já.

— Está bem.

Os fins-de-semana eram o pior. Para dizer a verdade, Zé nunca se dera bem com os fins-de-semana. Antes arrastava-se durante os dois dias sem fazer absolutamente nada e sentia-se mal por isso, depois continuou a desperdiçá-los, mas dava graças a Deus por ter aquele tempo livre para descansar das correrias entre Cátia, Sara e a família, agora morria de tédio por ficar sozinho e deprimia-se.

Houve uma sexta-feira em que Zé quis planejar tudo com antecedência e decidiu ir buscar Quico para passarem o fim-de-semana juntos. Mas antes teve de ir ao dentista.

Na sala de espera do dentista estavam dois putos gordos a jogar a «Serpente» num telemóvel, uma senhora dos seus setenta anos a discutir em voz baixa e ríspida com o marido, também com os seus setenta anos, e uma mulher nervosa, sentada ao lado de Zé, que passava as páginas das revistas como se lhes desse chapadas. Usava calças de fazenda e um casaquinho de malha, ambos cinzento-claros e muito, muito conservadores, cruzava e descruzava as pernas de dez em dez páginas, mantinha a cabeça erguida e só os olhos é que se mexiam. Acabava uma revista, descruzava as pernas, trocava de revista, cruzava as pernas e começava a maltratar a revista seguinte.

— Também odeia dentistas? — perguntou ela, subitamente, sem parar o que estava a fazer. Zé olhou para a mulher, espantado, tentando perceber se era com ele que ela falava.

— Não, por acaso eu até...

— Eu odeio — interrompeu-o. — Nunca gostei. Tenho medo daquelas brocas e das seringas e das injeções e do barulho e não gosto de estar deitada com uma luz apontada aos olhos sem poder ver o que o homem faz na minha boca. É tudo uma porcaria, não é?

— Bem, acho que ele tem de...

— Eu acho aquilo tudo uma porcaria. Sabe-se lá que doenças é que podemos apanhar numa cadeira de dentista. Sida? Hepatite? Sei lá!

— Não, mas, hoje em dia...

— Sei lá, sei lá, sei lá, sei lá, sei lá, sei lá.

A porta abriu-se.

— Senhor José Figueiredo? — Era a assistente.

A mulher calou-se, levantou a cabeça, olhou para Zé pela primeira vez e voltou a concentrar-se na revista.

Zé saiu do dentista e foi directamente para casa de Graça. Encontrou-a a tomar conta de Quico e de Antoninho.

— O que é que este *faje* aqui? — Espantou-se. Que ele soubesse, os miúdos não se gramavam.

— O Tó pediu-me para ficar com ele.

— Porquê?

— Porque tinha uma coisa qualquer para fazer em Lisboa.

- E a mãe dele?
- É o fim-de-semana do Tó.
- Ah, olha, *penxei* em *lefar* o Quico para *paxar o fim-de-xemana* comigo.

Quico e Antoninho estavam a discutir qualquer coisa sobre o Super Homem ser mais forte do que o Homem Aranha.

- O Homem Aranha é maricas — disse Quico.
- O Super Homem é que é.
- Não é nada.
- É.
- Não é.
- É!
- Não é!
- É!!
- Não é!!

Zé observou-os, surpreendido.

— Calma, meninos — disse Graça. — Zé, tu não podes entrar-me porta dentro sempre que te der na gana.

- Eu *xó fim* buscar o Quico.
- Levas um estaladão — ameaçou Quico.

— Estou cheio de medo! — respondeu Antoninho, com desprezo.

— O que eu estou a dizer — explicou Graça — é que não tenho nada preparado.

- *Xão xó* umas *coijinhas*.
- És mesmo estúpido — insultou-o Quico.
- Estúpido és tu — disse Antoninho.
- És tu.
- És tu.
- Tu é que és.

— Zé, ouve — disse Graça. — Podem calar-se um bocadinho? — ralhou para o lado. — Zé, tu podes vir buscar o Quico quando quiseres mas...

— Não, *Graxa, oufe* tu — interrompeu-a. — Eu *fim* buscar o Quico para *paxar o fim-de-xemana* comigo. *Pegaje* num *chaco, meteje* lá dentro um par de *calxas, duaje camijas, duaje cuecaje, duaje meiaje* e já está. Qual é o problema?

— O problema é que eu quero ser avisada com antecedência. Também tenho uma vida, percebes? E porque é que estás a falar assim?

- Porque fui ao dentista e tenho a cara *anestejiada*.
- Ah, bom!
- Às *vejes éje* tão complicada — suspirou.
- Achas?
- Acho.
- Eu nem sequer te convidei para vires a minha casa — disse Quico.
- Eu também não queria vir a tua casa — respondeu Antoninho.
- Calaaados!!! — gritaram Zé e Graça ao mesmo tempo.

Os miúdos olharam para eles, espantados, e emudeceram.

— Para a *próxima veje* eu *avijo*, prometo — disse Zé, desejoso de acabar com a conversa. Era-lhe difícil discutir com o lábio dormente e o dente a começar a doer-lhe.

No domingo Zé levou Quico ao futebol. Zé queria fazer tudo certo, queria que o filho não pudesse dizer nunca que ele não havia sido um bom pai. No fundo, Zé preocupava-se com o momento em que Quico percebesse que, se os pais estavam separados, era porque ele tinha enganado Graça e ela sofrera muito com isso mas não lhe perdoara a traição. Por agora, Quico pensava apenas que o pai saía de casa por causa da mãe. Afinal, ela é que estava zangada, certo? Esta perspectiva, embora involuntária — Zé nunca lhe dissera exactamente que a culpa era de Graça — e injusta, não deixava de ser reconfortante, mas um dia Quico haveria de querer saber o motivo que levava a mãe a zangar-se e, então, ele passaria a ser o mau da fita.

Zé tinha um plano: preparar o terreno para que Quico não viesse a odiá-lo nunca. Enganar a mulher, ser apanhado, separar-se, sair de casa, eram coisas que aconteciam. Desleixar-se no acompanhamento do crescimento do filho é que seria imperdoável.

Zé não percebia nada de futebol. Para ele, futebol não era mais que vinte e dois tipos a correr atrás de uma bola que ganhavam num ano mais do que ele em toda a sua vida. Inclusivamente, nos almoços de amigos, se Zé tentava emitir uma opinião sobre o assunto, mandavam-no calar-se. Para dizer a verdade, nem sequer gostava de futebol, mas tinha a certeza de que levar o filho a ver um Benfica/Sporting fazia parte do projecto de qualquer pai decente. Eram esses momentos que ficavam no imaginário de uma pessoa e um dia mais tarde, quando Quico invocasse a infância, lembrar-se-ia certamente com alguma nostalgia daquela noite na Luz com o pai.

Quico assistiu ao jogo fascinado com a festa das bancadas. O estádio esgotado e vibrante de entusiasmo parecia ganhar vida própria com os cânticos de milhares de gargantas e os movimentos de massas em ondas que cumpriam rituais divertidos. Zé viu Quico boquiaberto com o chorrilho de asneiras que saíam da boca de vulgares pais de família transfigurados com as decisões do árbitro, a incapacidade dos defesas para parar Jardel ou um falhanço desconcertante de Nuno Gomes frente à baliza vulnerável do Sporting.

Quico parecia estar a reagir relativamente bem à separação dos pais. O único sinal preocupante de instabilidade emocional foi o comportamento um pouco mais agressivo na escola. Desde que Zé saía de casa, Quico esmurrara alguns narizes sem piedade. Descarregava a sua frustração em cima dos colegas menos avisados que se permitiam provocá-lo em quezílias normais de recreio. Em casa, Quico tornara-se mais desafiador, contestando a autoridade da mãe, mas Graça sabia como lidar com ele. Impunha-lhe disciplina em doses temperadas com a tolerância necessária para levar a água ao seu moinho. Além disso, Graça lembrou a Zé que o papel do pai não era deixar o filho fazer tudo aquilo de que gostava e que ele tinha a obrigação de ajudar na orientação do filho, de forma a que Quico não sentisse que era melhor estar com o pai porque nessas alturas podia quebrar as regras habituais. Por outras

palavras, Graça não queria fazer o papel de má e deixar para Zé o papel de bom.

Tal como Zé imaginara, a ida ao futebol foi uma noite memorável para Quico. De alguma forma, Quico guardou a recordação daquelas duas horas bem passadas na companhia de Zé como uma prova de que poderia prosseguir a sua vida tranquilo, pois não seria esquecido pelo pai. Aqueles momentos de cumplicidade entre pai e filho, e outros que se lhe seguiram em ocasiões posteriores, foram-lhe restaurando a confiança e amainando a insegurança. Em breve, Quico deixou de bater nos colegas por tudo e por nada e voltou a ser apenas mais uma criança normal que tinha de lidar com a separação dos pais, como tantas outras no seu colégio.

Para Zé, foi um descanso ver que o filho recuperava a tranquilidade de outrora. Graça também dava sinais de menor agressividade quando se encontravam e, embora as suas conversas se limitassem praticamente aos problemas da educação de Quico, Zé começou a pensar que tinha boas razões para ser optimista quanto à possibilidade de ela vir a aceitá-lo de volta.

Zé ouviu a campainha da porta e foi abrir a pensar que ia dar com Sara nua, só com uma gabardina em cima do pêlo para não ser presa na rua, ou a sacar as meias de vidro com a saia levantada e os sapatos na mão e a entrar-lhe pela casa dentro a dizer que estava a morrer por uma queca, que era o que ela dizia nestas ocasiões. Mesmo ocupando todo o tempo do dia a fazer cálculos de cabeça sobre as suas possibilidades com Graça — já não lhe telefonava de hora a hora desde que ela deixara bem claro que não queria que ele fizesse isso, porque percebera que era melhor dar-lhe algum espaço, dar-lhe tempo para lamber as feridas e começar a ter saudades dele —, mas ainda que Zé andasse tão desasado por causa de Graça que nem conseguia trabalhar em condições e o seu desleixo no banco já tivesse chegado aos ouvidos da administração, havia estes momentos preciosos com Sara que o ajudavam a esquecer Graça e a acreditar que, afinal de contas, a vida não era tão má como às vezes parecia.

Foi abrir a porta com um sorriso nos lábios e antevendo uma boa noite frente à lareira.

— Miguelinho!

— Então, meu, tudo fixe?

— Tudo bem — disse, sem conseguir disfarçar uma pontinha de desilusão. — Entra.

— Posso dormir cá?

— Onde é que tu vens, pá?

— Estive a trabalhar.

— Mas estás com algum problema?

— Não. — Abanou a cabeça com uma expressão de indiferença. — Que eu saiba, não.

— Ah, bom. Como me apareceste assim, de repente...

— Vim ver como estavas.

Um ponto a favor de Miguelinho. Parecia inacreditável mas, de todos os amigos de Zé, nenhum se dera ao trabalho de lhe telefonar desde que se separara de Graça. Apenas Tó, claro, mas esse acompanhara a crise desde o início. E aqui estava Miguelinho em pessoa a bater-lhe à porta. Não telefonara, viera ter com Zé para saber dele. Curiosamente, se lhe tivessem perguntado qual dos amigos o procuraria em último lugar, Zé teria dito sem hesitar que seria Miguelinho. Mas não. Aparentemente, os outros andavam demasiado ocupados com as suas vidas, com o trabalho e os filhos, para se preocuparem com Zé. Não que isso fosse desculpa, pensava ele.

Teria de rever a sua opinião acerca de Miguelinho, até porque fora ele quem lhe apresentara Sara pouco depois de Zé lhe ter dito que não estava interessado no negócio das garrafas de areia.

Passaram a noite sentados à lareira a beber uísque e a fumar os charros de Miguelinho.

— Aquele teu negócio das garrafas coloridas?

— E pranchas de *surf* em segunda mão.

— Sim, isso, como é que vai?

— Não vai.

— Não?

— Não, não tenho cheta.

— Olha, se eu arranjar massa, digo-te.

— Fixe — disse Miguelinho, dando uma passa profunda no charro e prendendo o fumo nos pulmões o máximo que conseguiu.

— Mas não vai ser fácil. Agora tenho esta casa para pagar, mais o dinheiro para a Graça. Não sobra muito, sabes?

— Tudo bem.

Zé continuava a não querer entrar no negócio. Não acreditava em garrafas de areia coloridas, não sabia nada do assunto e nem sequer tinha tempo para se dedicar a lojas de artesanato. Sabia que estava a criar expectativas no amigo tendo a certeza de que no dia seguinte nem pensaria duas vezes antes de dizer que não. Mas já tinha bebido demais e fumado charros demais e sentiu-se comovido com a visita de Miguelinho e... quis ser simpático.

— Então e a cena do casamento — perguntou Miguelinho — foi ao ar?

— Foi — confirmou Zé.

— Por causa da miúda que eu te apresentei?

— Não. Por causa de outra.

— Uma gaja lá do banco?

— Hum, hum.

— É fodido.

— Pois é.

De manhã, Zé acordou às dez com uma ressaca tremenda e não encontrou Miguelinho, que já saíra para o emprego. *Afinal*, pensou, *quem é que é o irresponsável?*

Graça telefonou-lhe para o banco na parte da tarde e surpreendeu-o com uma proposta para jantar.

— Pensei que podíamos jantar uma noite destas — disse.

— A sério? — exclamou Zé, a rir-se de felicidade. — É a melhor coisa que ouvi na semana inteira.

— Bem, hoje ainda só é terça-feira — retorquiu Graça, a brincar.

— Sim, mas não sou capaz de imaginar que possa ouvir algo melhor durante o resto da semana.

— Então, vamos jantar? Eu arranjo alguém para ficar com o Quico.

— É claro que vamos — assentiu Zé, entusiasmado. — Nem precisas de perguntar duas vezes.

— Sexta-feira, pode ser?

— Por mim, até pode ser já hoje.

— Não abuses da minha boa vontade.

— Está bem, pronto, sexta-feira está ótimo.

Zé ficou nas nuvens. Graça a telefonar-lhe para jantar? Não?! Aquilo era bom demais. Mal conseguia acreditar. Recostou-se na cadeira com as mãos atrás da cabeça e olhou para o tecto com um grande sorriso, como se agradecesse a Deus. Lisete foi encontrá-lo naquela pose sonhadora a repetir a frase «vai correr tudo bem, vai correr tudo bem, vai correr tudo bem, vai...»

— Ah, Lisete! Vai correr tudo bem, acredite.

— Acredito, doutor.

— Lisete, hoje pode sair mais cedo.

— Obrigada, doutor, mas, por acaso, já está na minha hora de saída. Vinha só perguntar-lhe se precisa de mais alguma coisa.

— Não, Lisete, obrigado. Vá lá à sua vida.

— Então, até amanhã.

— Lisete.

— Sim, doutor?

— O que é que vai fazer esta noite?

Foram jantar a uma cervejaria moderna, junto ao rio, um daqueles armazéns transformados em restaurantes para centenas de pessoas, onde não se comia lá muito bem, mas com a vantagem de o ambiente ser desprezível e não haver surpresas desagradáveis quando traziam a conta.

Foi a primeira vez que Zé falou com ela sobre outros assuntos para além de trabalho. Ficou a saber que Lisete estava noiva mas não tinha a certeza se gostava o suficiente do namorado para casar, que trabalhava no banco havia cerca de um ano e que este era o seu segundo emprego. Zé explicou-lhe que estava separado e que era por isso que as coisas nem sempre funcionavam bem no escritório. É claro que não entrou em pormenores sobre a sua separação, mas, a julgar pela reacção dela, desconfiou de que não havia nada que lhe pudesse dizer naquela noite que fosse realmente novidade para ela. Lisete ouviu-o com atenção, foi delicada e compreensiva mas não se mostrou

minimamente surpreendida com o que Zé lhe contou.

— Você — acabou por lhe perguntar — já sabia isto tudo, não sabia?

— Por alto — respondeu Lisete, algo comprometida.

— Não faz mal nenhum — disse ele. — Eu sei que as secretárias acabam por saber tudo sobre a nossa vida. É inevitável, passa tudo por vocês.

— É — admitiu ela —, mas uma boa secretária tem de ser discreta.

— Você é uma boa secretária, Lisete.

A meio do jantar Zé recebeu no telemóvel uma mensagem escrita de Sara. Dizia que estaria em casa dele à meia-noite. Zé escreveu OK e enviou a resposta. Por volta dessa hora despediu-se de Lisete e ainda demorou quinze minutos a chegar a casa. Zé contava que Sara se atrasasse uns bons trinta minutos, pois ela nunca chegava a horas a lado nenhum. Por vezes, nem sequer aparecia. Mas foi encontrá-la encostada a um carro, com os braços cruzados e a fumar um cigarro defronte da porta do prédio dele.

— Estás atrasado — repreendeu-o, mas não estava zangada.

— É para variar — disse. — Normalmente és tu que chegas atrasada.

Sara riu-se.

— Foste jantar fora?

— Fui.

— Com uma mulher?

— Com a minha secretária.

— Zé!

— O que foi?

— Com a tua secretária?

— Fomos só jantar.

— Sim, mas com a secretária?

— Fica sabendo que é bem gira.

— Obrigada.

Zé abraçou-a e beijou-a na boca.

— Foram só jantar?

— Só jantar.

— Já estou mais descansada, então.

Ele afastou-se dela e observou-a desconfiado.

— Estás diferente — comentou.

— O que é que queres dizer com isso?

Sara vestia *jeans* de marca e um elegante casaco vermelho de couro por cima de uma *t-shirt* branca de riscas pretas, que seria normalíssima se não fosse *Armani*. Nesse aspecto, Sara não parecia nada diferente. Vestia-se sempre com elegância para sair à noite. Quando muito, estava vestida *demais* para ir a casa dele.

— Vamos entrar?

— Não, espera. O que é que queres dizer com isso de que eu estou diferente?

— É que não costumas ser ciumenta e hoje até pareces preocupada só

porque eu fui jantar com a minha secretária.

— Quem é que te disse que eu não sou ciumenta?

— Ninguém, eu sei que tu não és ciumenta.

— Gostavas que eu fosse ciumenta?

— Gostava que fosses mais atenciosa. E menos indiferente.

— Indiferente, eu?! — indignou-se.

— É o que eu digo — abriu os braços no ar —, estás diferente.

— Zé, eu gosto muito de ti e não estou nada diferente. Só que... — fez uma expressão de preocupação — estive a pensar numa coisa.

— Ah, estiveste a pensar numa coisa — repetiu ele, dando a entender que considerava essa frase uma confirmação da sua suspeita. — Vamos entrar? — Apontou para a porta do prédio.

— Não queres saber no que é que eu estive a pensar?

— Quero, mas lá dentro.

— Está bem.

Zé abriu a porta da rua e desviou-se, segurando-a para que não se fechasse. Sara atirou fora o cigarro e entrou à frente dele. Despiram os casacos e foram para a sala. Zé abraçou-a por trás, pela cintura, puxou-a para si e começou a beijá-la com ternura no pescoço. Sara inclinou a cabeça para trás, abandonando-se nos braços dele por um momento e depois rodou o corpo, passando os seus braços em volta do pescoço dele. As suas línguas tocaram-se e a mão de Zé procurou o botão das calças dela. Mas Sara interrompeu-o, afastando-o gentilmente.

— Espera — pediu-lhe.

— O que foi?

— Nada — disse. — Só que eu tenho uma coisa para te dizer.

— E é assim tão urgente?

— É. Não, não é, mas eu quero dizê-la na mesma.

— Mau — disse Zé, desconfiado de que não vinha lá nada de bom.

— Vá lá, Zé, vamos conversar um bocadinho.

— Pronto, está bem — rendeu-se. — Deixa-me só acender a lareira.

Cátia telefonou para o gabinete de Zé com uma voz chorosa e pediu-lhe para falar com ele ainda naquele dia, se possível.

Tó deixou-lhe uma mensagem no telemóvel a perguntar se podiam tomar um copo mais logo. Precisavam de conversar, disse, só não explicou sobre o quê.

Lisete informou-o, assim que entrou, que um dos administradores queria que ele fosse ao seu gabinete urgentemente.

Zé respirou fundo. Caramba, de repente toda a gente queria falar com ele.

— Vamos por partes — disse. — Primeiro o administrador.

— Sim, doutor — disse Lisete. — Vou já ligar a saber se ele o pode receber agora.

Zé foi recebido de seguida e ficou a saber que a administração não estava nada satisfeita com o seu trabalho. Ou melhor, a administração estava preocupada. Afinal, que diabo, Zé só passava oito a nove horas por dia no banco, o que era manifestamente pouco para um director. Um director a sério dormia no banco se fosse necessário, não tinha o seu trabalho atrasado, nem que precisasse de vinte e cinco horas por dia para não falhar os prazos. O que é que interessava se o dia só tinha vinte e quatro horas? Claro está que isto não lhe foi dito assim, directamente, porque a administração só pretendia que Zé não falhasse, e o resto era conversa. Portanto, o que lhe foi comunicado, objectivamente, foi que, ou Zé cumpria a sua parte ou arranjavam alguém que a cumprisse por ele. Por outras palavras, estava a um passo da porta da rua.

Nesse dia Zé trabalhou quase até às onze da noite. Não havia nada como um bom incentivo para uma pessoa dar o litro, pensou, enquanto fazia serão, calculando quantas horas precisaria de dormir, no mínimo, para estar de regresso ao gabinete às oito, suficientemente fresco para não adormecer à secretária.

No dia seguinte, chegou pela primeira vez ao banco antes de Lisete. Foi um acontecimento tão inesperado que a deixou desconcertada. Lisete pediu-lhe desculpa, um pouco aflita, por não ter entrado mais cedo.

— Se eu soubesse... — disse, desconsolada.

— Não se preocupe, Lisete — sossegou-a Zé. — Arranje-me só um café duplo o mais depressa possível, se faz favor.

Ficou a trabalhar novamente até às onze da noite, aguentando-se de pé à base de cafés e cigarros.

Na sexta-feira de manhã Zé chegou de madrugada, às seis e meia. Sexta-feira era o grande dia. Tinha jantar marcado com Graça e não tencionava faltar a esse compromisso, nem que o banco abrisse falência, de modo que entrou ainda mais cedo, já a pensar que não poderia sair às onze da noite.

Por volta das nove recebeu a primeira chamada de Cátia. Precisava muito de falar com ele. Despachou-a com a promessa vaga de que lhe telefonaria mais tarde. Mas como não o fez, ela voltou a ligar às onze. Zé mandou dizer por Lisete que não a podia atender. À uma da tarde Lisete saiu para almoçar e

Cátia aproveitou ter a costa livre para lhe entrar pelo gabinete dentro desfeita em lágrimas.

— O que é que se passa, Cátia? — indagou Zé, levantando-se para ir ao seu encontro.

— Acabei tudo com o meu namorado — disse ela, com uma voz lacrimosa.

— Ah, foi? — disse Zé, a revirar os olhos e a pensar *o que é que eu tenho que ver com isso?*

— Foi.

— Senta-te aqui — indicou-lhe uma cadeira, afagando-lhe as costas para a acalmar.

— Ele é um filho da puta.

— Cátia, eu percebo que estejas triste e, olha, não quero que penses que sou insensível, mas é que estou no meio de uma crise e se não...

— Ele é o teu chefe, Zé.

— O meu chefe?

— Hum, hum.

— Ah, bom. — Zé foi sentar-se na sua cadeira. Aquilo não ia ser fácil.

— E está furioso comigo. Já ameaçou que ia arranjar maneira de me despedir e tudo.

Eu sei o que isso é, apeteceu-lhe dizer.

— Não te preocupes — disse. — Ele não pode despedir-te.

— Não, mas pode fazer-me a vida negra.

— Lá isso pode — concordou Zé, sem pensar.

Cátia lançou-lhe um olhar de censura.

— Quer dizer — acrescentou Zé, muito depressa —, ele vai chatear-te um bocado, mas tu não podes deixar que ele te intimide.

— Zé — implorou —, tu não podes fazer nada?

— Eu?! O que é que eu posso fazer?

— Não sei — encolheu os ombros e deu um fungadela de tristeza —, podias falar com ele.

— Cátia, vou contar-te um segredo. — Zé pôs um cotovelo em cima da mesa e apoiou a testa na mão como um guerreiro cansado. — A minha situação no banco, nesta altura, não é famosa. A última coisa que eu posso fazer é entrar em guerra com o meu chefe por causa de um assunto de saias.

— Eu não sou um assunto de saias! — explodiu Cátia, numa choradeira alarmante. Zé deu um pulo na cadeira e foi rapidinho fechar a porta do gabinete com medo de que alguém a ouvisse chorar. *Era só o que me faltava*, pensou, sem saber muito bem o que fazer.

— Foi só uma maneira de falar, Cátia. Não fiques assim. Olha, deixa-me pensar no assunto, havemos de arranjar uma solução — prometeu-lhe, mas ainda demorou mais meia hora para a acalmar e conseguir livrar-se dela.

Acompanhou Cátia até ao corredor. Lisete, que já regressara ao seu posto, fingiu-se ocupada com uns papéis na secretária quando o viu sair com a mão

por cima dos ombros de uma Cátia com os olhos vermelhos e a consolá-la com palavras ternas.

— Não me pergunte nada — disse Zé entredentes, numa advertência mal-humorada, ao passar outra vez por Lisete.

Entrou no gabinete, fechou a porta atrás dele e suspirou. Não deixava de ser irónico que Cátia lhe viesse pedir ajuda por causa de um ex-namorado despeitado. Não que Zé tencionasse mexer uma palha para a ajudar, mas... aquilo era de loucos! Ter-se-ia ela esquecido por que razão é que ele estava separado? Por acaso Zé havia pedido a Cátia para dizer a Graça uma palavrinha em seu favor? É claro que não, porque seria um absurdo. Então, que raio passara pela cabeça de Cátia para ir choramingar no ombro dele por um motivo de... um motivo de... coração?!

Escolheram um restaurante de bairro, pequeno e acolhedor, perto da casa de Graça. Zé sugeriu aquele sítio por o achar apropriado para um jantarzinho de reconciliação. Antigamente — parecia-lhe ter sido há tanto tempo — costumavam ir lá quase todos os fins-de-semana. Era tão perto que iam a pé.

Reparou que Graça estava muito mais magra — elegante, era a palavra certa — e fora ao cabeleireiro. Trazia umas calças de ganga novas, justinhas, e uma camisola de lã branca, confortável. Parecia ter uma alegria resplandecente nos seus olhos castanho-claros, brilhantes. Uma alegria nova.

— Estás bonita — elogiou-a, a pensar que ela lhe parecia a Graça de dez anos atrás. De facto, esquecera-se como Graça era bonita há dez anos.

— Obrigada — disse ela, fazendo uma vénia graciosa com a cabeça.

Sentaram-se à mesa. O restaurante estava cheio, como sempre. Tinha um balcão sobre o qual havia cebolas secas penduradas. Contornava-se o balcão e chegava-se a uma sala, não muito grande, com traves de madeira pintadas de preto a fazerem de divisória e mesas cobertas com toalhas aos quadradinhos brancos e vermelhos. Havia caldo verde, carne de porco à alentejana, cozido, açorda e outros pratos típicos portugueses.

— Não, a sério — disse Zé. — Pareces mais nova.

— Fiz uma dieta.

— Já reparei.

— Mas hoje não faço.

— Acho bem que não. Pedimos o costume?

— Claro.

O costume era o caldo verde e a carne de porco à alentejana.

Falaram de Quico e das boas recordações que o restaurante lhes trazia. Quico vinha sempre com eles e, quando era mais pequeno, andava por ali como se estivesse em casa. Ia para trás do balcão e metia-se na cozinha. Os empregados conheciam-no bem e gostavam dele. Deixavam-no andar por onde quisesse.

Beberam uma garrafa de vinho tinto e Zé não cabia em si de contente por ver que Graça parecia feliz. Os últimos contactos com ela haviam sido frios. Até ali, ela mostrara-se distante e não aceitara falar de mais nada do que de Quico e dos problemas pendentes. Hoje, pelo contrário, estava afável e muito bem-disposta.

— Já não estás zangada comigo? — arriscou-se Zé a perguntar-lhe.

— Tenho pensado muito em nós, sabes? — disse Graça, com os olhos postos no copo de vinho que fazia rodar na mão.

— Sim?

— E cheguei à conclusão de que não posso, e não quero, ficar zangada contigo eternamente.

— Hum — assentiu Zé, deixando-a falar.

— Nós agora temos uma vida diferente. Estamos separados e cada um de nós vive na sua casa, mas continuamos a ter um filho. O Quico precisa dos

dois e não lhe faz nada bem ver os pais sempre a discutirem. O que eu quero dizer é que, pela minha parte, estou pronta para ultrapassar esta situação e começar a dar-me contigo normalmente, como amigos.

— Como amigos?... — *Merda*, pensou Zé, *não era nada disto que eu queria ouvir.*

— Sim, Zé, como amigos.

— E achas que... não pensas que podíamos voltar a tentar... Graça, eu sei que fiz asneira e que te desiludi, mas a verdade é que eu continuo a gostar de ti. Aliás, eu nunca deixei de gostar de ti. O que aconteceu não alterou nada disto e eu nem sequer pensei em separar-me de ti. Será que não podes perdoar-me?

— Eu já te perdoei, Zé. É para isso que este jantar serve. Eu quis jantar contigo para te dizer isso mesmo.

— Então?

— Então, uma coisa é eu perdoar-te, outra é esquecer-me. E eu nunca vou conseguir esquecer-me do que aconteceu.

— Eu não estou a pedir-te que te esqueças. Estou a pedir-te que ultrapasses isso e que me aceites de novo.

— As coisas não são assim tão fáceis.

— Eu sei que não são fáceis, mas não achas que merecemos uma segunda oportunidade?

— Acho que não vai ser possível.

— Achas? Porquê?

— Porque, o que tu fizeste, e eu acredito que não o fizeste com a intenção de me magoar e que foi uma coisa esporádica, mas a verdade é que me magoou muito e que destruiu aquilo que havia de especial entre nós.

— Não digas isso, Graça. — Zé falou com uma imensa tristeza. Estavam os dois com os cotovelos apoiados na mesa, muito juntos, a conversar em voz baixa. Quem os visse, pensaria que eram um casal apaixonado. — Ainda podemos recuperar tudo o que tínhamos.

Graça abanou a cabeça, lentamente, com pesar.

— Já é tarde para isso — disse.

— Não, Graça. Porque é que há-de ser tarde para isso?

— Zé — olhou-o nos olhos —, eu já conheci outra pessoa.

Depois de levar Graça a casa, Zé sentou-se no carro, encostou-se no banco e fechou os olhos durante muito tempo, a pensar. Até agora não admitira nunca a hipótese de isto acontecer. No seu íntimo, Zé achara sempre que eles estavam a viver uma crise que, mais tarde ou mais cedo, haveria de passar. Hoje, pela primeira vez, ouvira Graça dizer-lhe um *não* definitivo. Já não se tratava apenas de um acidente de percurso que invocassem como uma lição de vida quando fossem velhinhos. Era o fim do percurso, não chegariam a velhos juntos e Zé teria de começar a mentalizar-se para essa realidade e aceitá-la.

Enfiou a chave na ignição, pôs o carro a trabalhar e ligou o telemóvel distraidamente. Desligara-o antes de entrar no restaurante para que não fosse incomodado durante o jantar. Havia uma mensagem de voz de Tó a perguntar-lhe se estava chateado com ele. «Merda», disse, a falar sozinho. Esquecera-se completamente de Tó e não respondera à primeira mensagem do amigo. Ligar-lhe-ia de manhã.

A segunda mensagem era de Sara. Queria saber se Zé já pensara na conversa do outro dia e se já tinha uma resposta para a proposta dela. Também ficaria para o dia seguinte.

Naquela noite Zé só queria embebedar-se. Não queria pensar em mais nada.

Entrou no Elefante Branco e furou por entre as pessoas com os olhos atentos a vasculharem a multidão. Chegou à zona da pista, onde pediu um uísque puro ao empregado, mas recusou uma mesa. Bebeu-o de um trago, perante o espanto do empregado, e pediu outro. O objectivo era ficar com a cabeça vazia e não conseguir pensar no motivo triste que o levava a embebedar-se.

Finalmente localizou Regina e foi ao seu encontro.

— Ôi, beleza — disse ela, satisfeita por o ver —, por aqui outra vez?

— É — disse Zé, com alguma amargura —, parece que já sou cliente habitual.

— Vamos sentar? — perguntou ela.

— Vamos.

O plano inicial consistia em divertir-se com Regina para se distrair enquanto dava conta de uma garrafa, mas o uísque desatou-lhe a língua e Zé acabou a contar-lhe a sua vida toda. Saiu-lhe caro o desabafo, porque Regina estava ali para ganhar dinheiro e, com sexo ou sem sexo, Zé teve de pagar.

— Faz de conta que é sexo oral — disse Zé, a rir-se. Quando bebia demais, tinha tendência para se rir por tudo e por nada.

Regina, guardou as notas na sua carteirinha. *Carteirinha de puta*, pensou Zé, e soltou uma gargalhada estridente.

— Que foi? — perguntou Regina, com um sorriso desconfiado.

— Nada — disse Zé, lutando ingloriamente contra o riso.

— Então — disse ela, quando ele acabou de se rir e voltou à melancolia que o trouxera ali — quer dizer que você é casado e aquela garota que você

levou à loja no outro dia é sua namorada?

— A Sara não é minha namorada.

— Foi ela que disse.

— Disse, não disse? — lembrou-se Zé, pensativo. Na altura não ligara a isso. Pensara que Sara dissera que ele era seu namorado só por dizer, apenas porque lhe dera jeito, no contexto. Sara dissera: «Querida uma *lingerie* preta para o meu namorado me despir.» Zé achara que ela não quisera dizer «o meu amigo» ou outra coisa qualquer que soasse menos íntima. Mas agora já não estava tão certo de que tivesse sido só uma questão de palavras. Sara parecia-lhe mesmo diferente, mais madura e responsável, disposta a levar a sério a relação deles. A última conversa com ela, em casa dele, fora bastante reveladora.

Por esta altura a garrafa já ia a menos de meio e Zé resvalara consideravelmente no sofá, estando mais deitado do que sentado.

Perguntou a Regina se queria ir com ele para casa.

— Não vai dar, querido — disse ela, divertida.

— Não?

— Então, porquê?

— Ah, porque você disse que não paga essas coisas e você já me pagou, lembra?

Zé soltou mais uma risadinha estridente e abanou a cabeça, desiludido.

— Pois é, pois é, pois é...

— A menos — disse Regina — que eu lhe devolva o dinheiro.

— Fazias isso por mim?

— Fazia.

Zé ofereceu-lhe uma expressão agradecida.

— Então, vamos?

— Vamos.

Zé levantou-se, demorou alguns segundos a ganhar equilíbrio e foi a rir-se desalmadamente até à porta. O que achou mais engraçado foi que não tinha a menor ideia porque é que se ria.

Zé estacionou o *Mercedes* de frente, ocupando uma parte generosa do passeio, e deixou-o ficar assim mesmo, a um quarteirão do prédio dele, que foi onde conseguiu arranjar lugar. Deu o braço a Regina e foram a pé até casa. Ao chegar, encontraram Sara encostada a um carro, tal e qual como na outra noite. Zé não deu logo por ela. Vinha muito alegre, a dizer coisas imperceptíveis a Regina e a rir-se muito. Regina apontou para Sara e Zé seguiu o seu dedo até a localizar.

— Ainda aí estás? — disse Zé, fazendo uma associação óbvia com a última vez que a encontrara ali encostada. — *Ainda aí estás?* Esta é de mais — Explodiu a rir com a sua própria piada.

— Estou, mas é como se já não estivesse — disse Sara, furiosa.

— Mas ainda estás — observou Zé, com lágrimas nos olhos de tanto rir.

Regina tentou salvar a situação.

— Eu só vim trazê-lo a casa.

— Espere lá! — exclamou Sara, lembrando-se subitamente de onde a conhecia. — Você trabalha naquela loja, nas Amoreiras.

— Trabalho, sim — confirmou Regina.

E não só, pensou Zé, mas teve o bom senso de não o dizer. Sara estava incrédula, tentando relacionar as coisas. Zé imaginou o que ia na cabeça dela, adivinhou-a a descobrir que havia sido enganada, na loja, quando ele e Regina fingiram não se conhecer. Foi um momento constrangedor, mas, sabe-se lá porquê, ele achou um piadão àquilo e, mais uma vez, não conteve o riso.

Sara procurou ignorá-lo.

— E como é que... — Sara apontou para um e para outro.

— Ah, pois, nós... — balbuciou Zé, com o riso a abrandar.

— ... encontrámo-nos num bar — Regina terminou-lhe a frase, adiantando-se ao disparate que Zé acabaria inevitavelmente por dizer, se ela não conduzisse a conversa — e ele não estava lá muito bem e, como eu o reconheci do outro dia, trouxe-o a casa. Foi isso que aconteceu.

— Pois foi, e eu convidei-a para vir dormir comigo — acrescentou Zé, todo contente.

— Ah, convidaste? — indignou-se Sara.

— Oh, cara. Qual é? — censurou-o Regina, tentando ingloriamente ajudá-lo.

— É verdade — insistiu ele, enterrando-se mais um bocadinho. — Tu até me devolveste o dinheiro.

— Dinheiro? — perguntou Sara. — Qual dinheiro?

— Do que é que você está falando? — Regina lançou-lhe raios invisíveis com os olhos para o chamar à realidade.

Zé entendeu o aviso.

— O dinheiro do... do... sei lá, se calhar não foste tu.

Sara revirou os olhos, sem paciência para aquilo.

— Olhe — disse ela a Regina —, você trouxe-o, agora trate dele, se

quiser. Leve-o, durma com ele, faça como entender, que eu cá vou-me embora. Não tenho paciência para estas merdas. Adeusinho.

— Adeus, Sara — despediu-se Zé, pendurado num sorriso obtuso.

Regina levou-o para casa, subiu as escadas quase com ele às costas, tirou-lhe a chave para abrir a porta, ajudou-o a despir-se e deitou-o. E em seguida saiu sem Zé dar por isso. Deixou-o a dormir profundamente e ele só acordou doze horas mais tarde, sem se lembrar de nada.

Zé passou o sábado com uma ressaca descomunal, maldispuesto e a vomitar. Bebeu litros de água para combater a desidratação e não conseguiu fazer nada para além de ficar sentado a vegetar na sala, deprimido, a pensar em Graça.

Eram seis da tarde quando olhou para o relógio e se lembrou de Sara.

— Sara! — gritou, com os olhos muito abertos. Pôs-se de pé num pulo e começou a andar às voltas pela sala, aflito. Merda, merda, merda. Agora é que fizeste merda a sério, Zé.

Subitamente, veio-lhe tudo à memória: Sara encostada ao carro, ele de braço dado com Regina, os disparates todos que lhe disse. Foi invadido por uma náusea e correu para a casa de banho.

Lavou a cara, tão pálida que teve dificuldade em reconhecer-se ao espelho, e voltou para a sala. Deixou-se cair no sofá, a abanar a cabeça, desconsolado.

Sara viera ter com ele porque estava feliz e impaciente. Queria ouvi-lo dizer que sim, que concordava com a proposta dela de viverem juntos. Zé recordou então a conversa que havia tido com ela sobre o assunto, dias antes ali, naquela mesma sala. Recapitulou-a frase por frase, a tremer de ansiedade:

— Zé — confessou Sara —, estou apaixonada por ti.

— Estás o quê?

— A-pai-xo-na-da-por-ti — repetiu, sílaba por sílaba, não fosse ele não entender bem a mensagem.

Zé riu-se, de nervoso.

— Essa é nova — disse.

— É só isso que tens a dizer? — ofendeu-se Sara.

— Não. — Levantou as mãos, num gesto apaziguador. — É só que apanhaste-me de surpresa.

— Não estás feliz? — perguntou-lhe, inquieta.

— É claro que estou, Sara, mas, eu... não estava à espera... — Esfregou a cabeça com a mão e olhou para o lado, tornando clara a sua desorientação.

— Pronto, Zé, esquece — atirou-lhe ela, furiosa. — Eu não disse nada, não te preocupes.

— Não, ouve...

— Não te preocupes, já disse! — gritou, zangada.

Caiu um silêncio pesado na sala. Sara sentou-se devagar num banco de pele, com uma perna para cada lado, os ombros abatidos e a cabeça baixa, a olhar para o chão.

Zé foi sentar-se à beira do sofá, à frente dela. Fez menção de lhe erguer o

queixo, mas ela desviou a cabeça, humilhada. Tinha lágrimas nos olhos.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou Zé.

— Eu não quero falar mais disso — respondeu Sara. A sua voz estava presa por um fio e ele percebeu que ela ia começar a chorar, a sério. Afagou-lhe os cabelos loiros e sentiu uma enorme ternura por ela.

— Mas vamos ter de falar — disse, num tom calmo, para a sossegar. — Sara, eu não reagi mal ao que tu me disste. Pelo contrário, fico muito feliz por te ouvir dizer que gostas de mim. Eu apenas fiquei surpreendido. Até agora, não consegui ter uma relação a sério contigo. Tu vens e vais, apareces e desapareces durante uma, duas semanas, o que calha. Sara, tu tens sido a instabilidade em pessoa. Eu sempre pensei que tu não levavas a nossa relação a sério.

— Não percebes que eu não sou assim? — disse ela, levantando a cabeça para o encarar. As lágrimas caíam-lhe pelo rosto. — Eu tinha medo. Era por isso que desaparecia. Não queria prender-me muito a ti, porque tinha medo.

— Tinhas medo de quê?

— Tinha medo de que tu não gostasses de mim o suficiente, de me apaixonar por ti e tu não queres assumir um compromisso.

Zé respirou fundo.

— Hoje ganhei coragem para te dizer — continuou ela — e tinha razão, não tinha? Mais valia estar calada.

— Não, não tinhas. — Abraçou-a. — É muito melhor que me digas o que sentes, em vez de te esconderes de mim e andares com esquemas malucos.

— Não vai haver mais esquemas malucos, prometo-te.

— Ótimo — disse Zé. Conseguia sentir-lhe o coração a bater contra o seu e a respiração quente de Sara no seu pescoço. Sara afastou-se para o olhar nos olhos.

— Sabes o que eu te vinha dizer?

— Que estás apaixonada por mim.

— Não. Sim, isso também. Mas eu queria perguntar-te outra coisa.

— Que era...

— Lembras-te de me teres perguntado porque é que eu ainda vivia com os meus pais?

— Lembro-me.

— E de eu te ter dito que era por ter uma vida muito instável e nunca estar em casa?

— Sim.

— Hoje eu falei com o meu chefe na produtora e disse-lhe que queria deixar o programa em que ando a trabalhar há três anos. Quer dizer que vou poder estar muito mais tempo em Lisboa.

— E que vais procurar uma casa para viveres?

— Não era bem essa a ideia.

— Não?

— Não. A ideia — disse, a medo — era vir viver contigo. Se tu quisesse.

Naquele segundo Zé lembrou-se de que tinha um jantar muito importante marcado para sexta-feira e que, se tudo corresse bem, na semana seguinte ele próprio já não estaria a viver naquele apartamento. Voltou a respirar fundo e preparou-se para o segundo *round*.

— Isso — disse — é uma coisa que temos de pensar muito bem.

— Eu sei — assentiu ela.

— Sara, não é segredo nenhum para ti que eu me separei há pouco tempo e que ainda nem sei como é que vai ser a minha vida.

— Estás a pensar voltar para casa?

— Mesmo que estivesse, não sei se a minha mulher quereria. O que eu não quero é que tu venhas cá para casa de armas e bagagens e que, no dia seguinte, tenhas uma desilusão.

— Mas tu ainda gostas dela?

— Sara, não se vira a cara a dez anos de casamento, como se nada fosse — disse, satisfeito com a resposta: ambígua e plausível, *muito bem*, Zé. — Olha, deixa-me pensar nisso até sexta-feira e depois voltamos a falar. Preciso de pôr as ideias em ordem.

Sexta-feira era bom, na sexta-feira Zé ficaria a saber se Graça o queria de volta, definiria a sua vida de uma vez por todas e poderia dar uma resposta definitiva a Sara. Não se perdia nada.

Mas agora era sábado e ali estava ele, sentado no sofá da sala, num estado deplorável e ainda mais perdido do que no princípio da semana. Já sabia o que Graça pensava da ideia de ele voltar para casa, e nem sequer valeria a pena perguntar a Sara se sempre queria viver com ele, pois acabara de se lembrar que lixara tudo com ela.

— Sozinho outra vez, Zé — disse em voz alta. — Estiveste bem ontem à noite, sim senhor, muito bem — ergueu uma garrafa de água com gás —, parabéns!

Atirou-se ao trabalho para esquecer o resto. Durante uma semana viveu praticamente no banco, despachando serviço com uma eficiência estonteante. Pressionava toda a gente, reclamava com os outros sectores, implicava com os seus funcionários e deixou Lisete à beira de um ataque de nervos.

No sábado foi buscar Quico, mas em vez de o levar a passear, a almoçar ao McDonald's, ou ao cinema, enfiou-se com ele no gabinete. No domingo foi a mesma história e, como ultimamente quase não conseguia dormir, na segunda-feira chegou ao banco antes das sete.

Tó telefonou-lhe a meio da semana:

— Então, pá? — resmungou. — Já te deixei montes de mensagens. Se estás chateado comigo, podias, ao menos, dizer-mo na cara, ou telefonar ou qualquer coisa.

— Estás parvo? — reclamou Zé. — Não te disse nada porque tenho andado cheio de trabalho.

— Ah, bom. E quando é que podes aparecer para tomarmos um café?

Zé parou um instante a pensar. Depois deu-lhe um *vaipe* e disse:

— Olha, agora mesmo. Vou aí tomar um café contigo.

E saiu sem dizer nada a ninguém. Passou por Lisete sem reparar nela e deixou algumas pessoas penduradas à espera de uma reunião, que nem se deu ao trabalho de desmarcar. Para dizer a verdade, nem se lembrou.

Encontraram-se no café do senhor Abílio, perto do escritório de Tó, e sentaram-se na esplanada, ao lado um do outro, depois de limparem como puderam a água de uma chuva recente, que molhara as cadeiras e as mesas.

— Dois cafezinhos, senhor Abílio — pediu Tó.

— Vão já sair.

— E uma imperial — acrescentou Zé.

— Duas — corrigiu Tó.

— Olhe — disse Zé —, esqueça os cafés e traga só as imperiais.

— E tremoços, já agora — acrescentou Tó.

— É para ontem — disse o senhor Abílio.

Zé deixou-se escorregar pela cadeira, confortavelmente. Tó sentou-se direito, com os cotovelos apoiados na mesa. Parecia um pouco rígido, se bem que Zé nem tivesse dado por isso. Ele próprio andava aluado de mais para dar conta dos pormenores.

— Há muito tempo que não me sentava calmamente a beber uma imperial — comentou Zé.

— Muito trabalho?

— Nem imaginas.

— Imagino, imagino, que eu também não tenho tido tempo para me coçar.

Vieram as cervejas e os tremoços. Deram um gole e pararam em contemplação, a ver uma rapariga passar por eles, no passeio.

— Não é a rapariga do outro dia? — indagou Zé, ao lembrar-se de que também a vira passar na última vez que ali tinha estado com Tó.

— Parece — disse Tó, olhando para ela com a cabeça de lado, como se estivesse a observar o pormenor de um quadro. — É, é — acrescentou, quando a viu melhor.

— Que gaja tão boa — disse Zé, repetindo, por brincadeira o comentário da outra vez.

— Um avião — observou Tó, fazendo o mesmo.

— De um a dez, quanto é que lhe davas?

— Sete e meio, oito?

— Mais para o oito.

— Sim, mais para o oito.

O telemóvel de Zé estremeceu-lhe no bolso do sobretudo. Ele tirou-o para fora, verificou que era uma chamada do escritório e desligou-o sem atender.

— Puta que os pariu — resmungou, atirando com o aparelho para cima da mesa. Em seguida alargou o nó da gravata e desapertou o botão de cima da camisa.

— Estás irritado — observou Tó.

— Estou farto destes gajos. Cambada de incompetentes, sempre a atirarem para cima de mim os problemas todos.

Tó não disse nada, mas suspirou, solidariamente.

— Porra, Tó — disse depois —, desculpa lá não te ter ligado mais cedo, mas é que fui jantar com a Graça e a coisa não correu bem e eu fiquei desatinado e não quis saber de mais nada. Enfie-me no banco a trabalhar e nunca mais parei.

— Eu sei — disse Tó, rodando num cotovelo para ficar de frente para Zé.

— Sabes? — espantou-se Zé.

— Sei, a Graça contou-me.

— Falaste com a Graça?

— Falei. Aliás — acrescentou —, era por isso que queria falar contigo.

— Por causa do meu jantar com ela?

— Não, por causa dela.

— O que é que ela tem?

— Zé, eu tenho estado muito com a Graça.

— Tens? — disse Zé, confuso. Não estava a perceber nada da conversa dele... a menos que... Clique. Graça recusara-se a dizer-lhe quem era a tal pessoa com quem ela andava. Relembrou a conversa: «Com o tempo, saberás», dissera ela. «Diz lá, Graça. Não achas que eu tenho o direito de saber?», insistira Zé. «Sim, mas não é o momento indicado», respondera-lhe ela.

E agora, Tó... *Não*, pensou, *não pode ser*.

— Tenho — confirmou Tó.

Zé abanou a cabeça, como se fazia com uma máquina que não trabalhava bem.

— E foi por isso — continuou Tó — que eu pensei que tu estavas chateado e não querias falar comigo.

— Tó, o que é que tu estás a querer dizer-me, exactamente?

— Isso mesmo que tu estás a pensar.

— Nããão...

— Sim.

— Tu e a Graça?

Tó fez que sim com a cabeça e Zé distraiu-se inexplicavelmente com o facto de ele ter a barba bem crescida. *Como é que eu não reparei nisso antes?*, preocupou-se, mas era na barba de Tó que estava a pensar. Não sabia porquê, mas achou a sua desatenção preocupante. Afinal, a barba, farta e espessa, não era propriamente invisível. Tó estava, até, com um visual bastante diferente. De repente, quase não o reconhecia. Seria por causa do que ele acabara de dizer que Zé teve a impressão de estar a falar com um estranho? Seria um mecanismo de defesa psicológico? O que quer que fosse, levou-o a desejar que aquele tipo, sentado ao seu lado, não fosse o seu melhor amigo.

— Como é que isso aconteceu? — perguntou, depois de quase meio minuto de silêncio.

— Não sei, Zé. Aconteceu — disse Tó, embaraçado. — Como deves calcular, não foi nada premeditado. A Graça quis falar comigo para ouvir a minha versão sobre o meu divórcio e...

— Já te divorciaste da Lili?

— Já.

— Mas, tinhas-me dito que não era nada definitivo.

— Mas é.

— Ah, bom...

— Como eu estava a dizer, a Graça quis falar-me do vosso divórcio.

— Separação — corrigiu Zé, mal-humorado.

— Sim, separação.

— Porque é que ela te quis falar disso?

— Para desabafar, acho eu. Depois disso, encontrámo-nos mais algumas vezes, começámos a dar-nos bem e...

— Tu sabias que eu queria reconquistá-la e voltar para casa. Eu disse-te isso, tivemos conversas sobre isso e, entretanto, tu andavas a... a enganar a minha mulher?

Zé não cabia em si de indignação. Estava chocado e capaz de matar o amigo, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se demasiado cansado, sem ânimo. Foi como se tivesse chegado ao fim de uma longa viagem. Limitou-se a interrogar Tó, confrontando-o com a sua, como dizer?, *traição*, que outra palavra havia para definir o que ele lhe fizera?

— Não foi nada disso, Zé — defendeu-se Tó.

— Ai, não? Então, se não foi, explica-me lá melhor para ver se eu percebo o que foi. Tu foste nosso padrinho de casamento, porra!

— O vosso casamento estava acabado. A Graça disse-mo várias vezes e disse-te o mesmo a ti várias vezes. Tu é que não quiseste ouvir. Andavas a enganar-te, Zé.

— Ah, bom — ironizou —, é que eu pensei que eras tu que me andavas a enganar.

— Zé, deixa-me esclarecer-te uma coisa: eu não tinha a intenção de me apaixonar pela Graça, e ela também não. Não preciso de te dizer que estas coisas não acontecem assim.

Ele está a dizer que se apaixonou pela minha mulher, interiorizou, achando aquilo demasiado patético para ser verdade. *Chega*, decidiu, *não quero ouvir mais nada*.

Agarrou o telemóvel, em cima da mesa, e levantou-se.

— Zé, não te vás embora, por favor — pediu Tó, incomodado.

Mas ele ergueu as mãos, deixando claro que a conversa estava acabada, e partiu.

— Tu agora estás chateado, mas com o tempo vais perceber que eu não te enganei — ouviu ainda Tó dizer. Mas já não se voltou, preferiu não responder.

Houve uma coisa que Quico disse que deixou Zé a pensar. Deambulavam pelo Jardim Zoológico, algures entre o recinto dos leões e o dos elefantes, a comer um gelado sem pressas. «Pai, não achas que já sou muito crescido para vir ao Jardim Zoológico?» Zé replicou-lhe que não havia idades para ir ao Jardim Zoológico, as pessoas iam porque gostavam de ir e ponto final. «Ah, como eu me lembro de vir cá contigo e com a mãe quando era pequeno, pensei que era um programa para crianças», disse Quico. Zé achou delicioso aquele comentário do filho. O seu primeiro impulso foi fazer-lhe notar que, como ele ainda só tinha nove anos, *ainda* era pequeno — de idade, claro, pois de altura Quico não tinha nada de pequeno —, mas não o fez, com medo de o melindrar. Continuaram o seu passeio, a comer os gelados, e a conversa passou.

Mas Zé ficou a pensar. Apercebeu-se de que, com nove anos, uma pessoa achava que já andava neste mundo há tanto tempo que se referia ao seu próprio passado como a altura em que era pequena. E quando tivesse quase quarenta, essa pessoa iria descobrir que chegara à idade adulta enquanto o diabo esfregara um olho e que a infância lhe deixara tantas recordações importantes que parecia uma época bastante mais longa do que na realidade fora.

Podia ser um raciocínio meio disparatado, mas a Zé serviu para lhe abrir os olhos e pensar: *Sou aquilo a que se chama um homem de meia-idade e, se estes primeiros quarenta anos passaram tão depressa, os próximos não vão passar mais devagar.* E isso foi uma espécie de aviso, um sinal importante para não cair na tentação da amargura e não se perder com ódios inúteis e degradantes. Ia, mas era, viver a sua vida, decidiu.

Nos últimos tempos, Zé tornara-se um ex-marido insuportável. Desde que soubera do romance de Graça com Tó, dedicara-se a fazer-lhe a vida negra. Contratara um advogado com o objectivo de ir para a frente com um divórcio litigioso e avisara-a de que tencionava pedir a custódia do filho. Apesar de o seu próprio advogado o informar de que não tinha a menor *chance* de conseguir ganhar a causa, Zé achara que valia a pena, porque, pelo menos, o processo serviria para a fazer passar um mau bocado. O seu ressentimento era tanto que Zé levava a sua perversidade ao ponto de querer tornar a vida de Graça um inferno de modo a que isso se reflectisse na relação entre ela e Tó. Zé não a podia ter, mas talvez pudesse impedi-la de ser feliz ao lado de Tó.

Embora soubesse que estava a ter um comportamento deplorável, não via, simplesmente, razão para fazer as coisas de outra maneira. Agora Zé tinha dias certos para ficar com Quico e aproveitava os seus direitos ao segundo. Se era para o ir buscar às nove e meia da manhã, batia-lhe à porta às nove e meia em ponto; se Graça lhe pedia, eventualmente, para o entregar meia hora mais cedo do que era suposto, por lhe dar jeito, Zé recusava com um *não* seco. Tornara-se mesquinho. Deixara de contribuir com dinheiro para a renda da casa e outras despesas que não fossem, estritamente, metade da mensalidade

do colégio e mais euros para acudir às necessidades básicas do miúdo. Em contrapartida, quando estava com ele, estragava-o com mimos, sabendo perfeitamente que isso iria deteriorar a relação de Graça com o filho.

Bem vistas as coisas, nos últimos meses Zé revelara-se um idiota machista e fora injusto com Graça. Machista porque, embora tivesse sido ele a traí-la, não achara concebível que Graça, enquanto mulher, tivesse o direito de arranjar outra pessoa; injusto, precisamente porque, afinal de contas, ele era o único culpado por o casamento deles ter acabado. Mas a verdade é que não lhe interessava para nada se estava a ser machista ou injusto. O que lhe interessava mesmo era atacar Graça e acusá-la de deslealdade e de ser manipuladora, de ter escolhido o melhor amigo dele só para o castigar, de não ter princípios nem dignidade para respeitar o homem com quem ela dormira a maior parte da sua vida. E pronto, isto já o deixava bastante satisfeito.

Enquanto geria esta relação tensa — para não dizer raivosa — com Graça, alimentando-se unicamente do ódio que sentia por ela, sem analisar muito o motivo que o levava a ser assim, ia tudo muito bem. Zé não se importava de ser mau, porque ela merecia. Mas a tarde no Jardim Zoológico com Quico abriu-lhe os olhos e, a partir daí, já não lhe foi possível continuar a ser mesquinho só porque lhe apetecia. Compreendeu que o rumo que estava a seguir traria consequências desagradáveis para Graça, mas também para Quico e para ele próprio. E, portanto, não poderia ir por ali fora sem mudar uma vírgula no seu comportamento, tendo consciência de que estava errado. Por muito que lhe custasse, teria de fazer sacrifícios se não quisesse fazer mal ao filho. Quico era o factor mais importante do problema e Zé já não estava disposto a usar o filho só para satisfazer o seu desejo de vingança em relação a Graça.

Mas uma coisa era Zé chegar à conclusão de que tinha de mudar, e outra, completamente diferente, era mudar de facto. Zé sabia que não ficaria bonzinho de um dia para o outro. Bastava-lhe ir a casa de Graça, onde tinham vivido durante dez anos, e aparecer-lhe Tó à porta, para lhe dar a volta ao estômago e ter logo vontade de começar a embirrar com ela. Contudo, era um princípio. Prometeu a si próprio fazer os possíveis para engolir o ressentimento e procurar retomar com ela um relacionamento, no mínimo, civilizado.

A vida tinha destas ironias. Agora que Zé se tornara um profissional exemplar, o seu superior iniciara uma guerra fria contra ele. E porquê? Ora, porque lhe chegara aos ouvidos que a *sua* Cátia havia sido em primeiro lugar a Cátia de Zé. E a rejeição dela, somada a isto, era, aparentemente, demais para o homem. De modo que, enquanto Zé planeava estratégias para arreliar Graça, via-se perante outra frente de combate no banco, onde um cretino que não tinha outro nome fazia os impossíveis para lhe arranjar problemas. A ironia disto tudo era o tal cretino não ser muito diferente de Zé no que tocava a lidar com as mulheres e respectivos namorados, ou, no caso de Cátia, ex-namorado.

O Verão chegou e, num daqueles dias quentes que só apetecia estar na praia, Zé entretinha-se a preencher um cupão do totoloto no seu gabinete, quando se pôs a pensar no que faria se lhe saísse o primeiro prémio. E um pensamento levou a outro e, quando deu por isso, estava a passar pela secretária do cretino do superior, a entrar-lhe pelo gabinete dentro sem pedir licença, levando na mão uma folha branca, onde escrevera um número bem grande e a sentar-se numa cadeira diante da mesa dele.

— Preciso de falar consigo — comunicou-lhe. — Pode ser agora?

— Já que aí está — resmungou o outro.

— Tenho de me ir embora.

— E precisa de me entrar pelo gabinete dessa maneira só para me dizer que precisa de sair mais cedo?

— Não, doutor, não está a perceber. Eu vou-me embora definitivamente.

— Definitivamente?

— Exacto. Não aguento nem mais um dia neste banco.

— Mas, aconteceu alguma coisa que não se possa resolver? Figueiredo, você é um excelente profissional, não vejo por que razão haveria de se demitir.

Hipócrita do caraças, pensou Zé.

— Não — disse —, não aconteceu nada de especial. Eu é que, simplesmente, odeio este trabalho e este banco. Por isso, quero ir-me embora.

— Bem — o administrador fez uma expressão resignada —, pondo as coisas nesses termos, só lhe posso dizer que nós não queremos pessoas contrariadas a trabalhar connosco. Mas, tem a certeza de que não se vai arrepender? Não quer pensar no assunto durante uns dias?

— Não.

— Então, meu caro, está no seu pleno direito de se demitir.

Zé colocou a folha branca com o número grande em cima da secretária do administrador.

— O que é isto? — perguntou o superior.

— É a minha indemnização.

O homem olhou para a folha, olhou para Zé, soltou uma breve risada nervosa e disse:

— Você está louco?

— Não — disse Zé, abanando a cabeça lentamente.

— Você quer demitir-se e levar uma indenização?

— Exactamente.

— Mas você sabe muito bem que, se se demitir, não tem direito a indenização alguma.

— Mas, no meu caso, o banco pode abrir uma excepção. Digamos que eu não me demito, sou demitido.

— Figueiredo, eu não o quero demitir.

— Isso é irrelevante. Eu também não quero dizer a toda a gente que o senhor anda a assediar sexualmente uma funcionária, mas se tiver de ser... — Encolheu os ombros.

O administrador abriu os olhos e a boca de espanto e começou a ficar muito, muito corado.

— Seu... seu... — gaguejou, como se estivesse engasgado.

— Filho da puta, pode dizê-lo — disse Zé, mantendo-se impassível —, mas isso não muda nada.

— Isso é uma mentira descarada, sem sentido nenhum!

— Não é não, que a Cátia contou-me tudo. E, mesmo que fosse, o que é que interessava? As pessoas acreditavam na mesma.

Zé levantou-se e preparou-se para se ir embora.

— Eu passo novamente pelo seu gabinete ao fim da tarde para saber a sua resposta — disse, e antes de sair ainda acrescentou: — E, olhe, não se atreva a perseguir mais a Cátia porque eu tenho o seu número de casa e não me custava nada telefonar à sua mulher a contar-lhe tudo. Ah, e quero ficar com o meu carro de serviço!

Zé colocou as suas coisas pessoais num pequeno caixote de cartão, despediu-se com um abraço affectuoso de uma Lisete lacrimosa, e atirou definitivamente para trás das costas aquele gabinete horroroso que lhe custara o equivalente a anos de vida em preocupações.

Cruzou-se com Cátia no corredor, junto aos elevadores.

— Segura aqui — disse, passando-lhe o caixote para as mãos. Agarrou-lhe a cara com as duas mãos e deu-lhe um grande beijo na boca que a deixou corada. Recebeu de volta o caixote e disse-lhe: — O teu assunto já está tratado. O homem não volta a chatear-te. Aliás, talvez até te promova, por recomendação minha.

Carregou no botão do elevador e ficou à espera. Cátia observou-o, espantada.

— Como é que isso é possível? — perguntou, desconfiada.

— É possível. — Sorriu. — Acredita que é possível.

O elevador chegou e Zé entrou.

— Onde é que vais? — quis saber Cátia.

— Vou-me embora de vez.

— Despediste-te?

— Hum, hum — assentiu Zé, sorridente como um puto atrevido.

A porta fechou-se e Zé carregou no botão para o parque de estacionamento.

Ao chegar à rua, Zé sentiu-se livre e feliz como há muito tempo não lhe acontecia. Teve vontade de gritar de alegria. Conduziu em direcção ao rio, à procura de uma esplanada onde pudesse beber uma cerveja descansado, a saborear os primeiros momentos da sua nova vida.

Agora sim, pensou depois, já sentado a uma mesa de um restaurante nas Docas, agora é que as coisas iam mudar realmente. Ergueu o copo de cerveja, fazendo uma saúde solitária e prometeu a si próprio que nunca mais se deixaria cair na ratoeira de um escritório opressor, nem permitiria que fosse levado pela voracidade da ambição profissional. Que se lixasse o poder e o dinheiro. *Eu nunca fui muito ambicioso, de qualquer maneira...* Encolheu os ombros.

Zé descontraíu-se na cadeira, observando com curiosidade através do vidro da esplanada as pessoas lá fora, a passear. Era o princípio da noite e ninguém parecia ter pressa para nada. Reparou num casal em particular. A mulher deteve-se para apreciar os bonecos verdes de um vendedor ambulante, que caminhavam pelo passeio com os olhos luminosos e davam cambalhotas no chão. O marido ficou à espera, a olhar para o lado, aborrecido, recusando-se a participar do entusiasmo dela. *Casamento longo*, pensou Zé.

E ao ver aquela cena, concluiu pela primeira vez que não queria realmente voltar para Graça. Não a amava. Já não a amava quando começara a procurar outras mulheres e ainda menos agora. O que acontecera de facto — ainda que só naquele momento esta evidência lhe saltasse aos olhos — fora que Zé

havia sido levado a crer que a queria, pela simples razão de que não a podia ter. Os homens eram conquistadores por natureza, não aceitavam facilmente fracassos neste capítulo, e a intromissão de Tó viera agravar o sentimento de perda que perturbava Zé. Ao olhar para trás, sem a angústia que antes lhe condicionava os sentimentos e as decisões, Zé percebia que tivera medo de perder a estabilidade que lhe proporcionava a sua antiga vida, por muito desinteressante que, então, esta lhe parecesse. Ver-se perante a solidão de um apartamento à beira do caos, incapaz de governar convenientemente o seu dia-a-dia, levava-o a desejar o regresso a casa, à sua verdadeira casa. Mas, como as mulheres eram mais sábias do que os homens e conheciam segredos da vida de que eles nem suspeitavam, Graça percebera desde logo o que Zé só agora começava a entender: que não valia a pena voltar atrás, pois ele já não a amava, apenas queria recuperar algo que não tinha nada que ver com o amor.

Zé deixou a esplanada e inspirou profundamente o ar da noite. Caminhou para o parque de estacionamento em ritmo de passeio, com um sorriso nos lábios, aliviado por se ver, de uma vez por todas, livre dos sentimentos que andavam a torturá-lo há demasiado tempo. Sentiu-se leve e feliz como um rapazinho sem preocupações. Não amava Graça, não amava Graça e tinha vontade de começar a gritar aos quatro ventos aquela revelação providencial.

Mas havia uma coisa que Zé ainda tinha de fazer, algo que ficara por resolver e que lhe estava entalado na garganta.

Não passa de hoje, decidiu ao entrar no carro.

Tocou à campainha da porta do prédio e não teve de esperar muito para ouvir a voz de Sara no intercomunicador a perguntar quem era.

— É o Zé — anunciou-se. — Preciso de falar contigo. Fez-se um pequeno silêncio e depois ouviu a resposta triste.

— Eu não te quero ver mais, Zé. Vai-te embora, por favor.

— Sara — insistiu —, é só um bocadinho.

— Adeus, Zé — ouviu. E novamente o silêncio.

— Sara?

Não houve resposta. Zé encolheu os ombros e colou o dedo à campainha do apartamento dela. Hoje estava capaz de tudo, não se importava.

— O que é que estás a fazer?! — gritou ela. — Vais assustar os meus pais!

— É melhor vires cá abaixo falar comigo, ou fico o resto da noite a tocar — ameaçou, num tom jovial.

— Olha, Zé, vai passear. — Agora estava zangada.

Ele voltou a colar o dedo à campainha.

— Pára com isso! — ouviu-a gritar.

— Vens cá abaixo?

— Vou já — disse Sara, contrariada.

Dois minutos mais tarde, Sara abriu a porta irritada e perguntou-lhe se ele tinha enlouquecido.

— Nem por isso — ofereceu-lhe um sorriso cândido.

Fazia um frio seco na rua e Sara cruzou os braços, puxando o casaco de lã, leve, que trazia por cima de uma camisa de algodão fino, para tapar o peito. Vestia calças de ganga e sapatos de ténis e tinha o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo, como uma adolescente. Zé sentiu vontade de a abraçar e beijar, mas desconfiou de que não seria uma boa ideia. Sara vinha com cara de poucos amigos.

— O que é que vieste cá fazer? — perguntou-lhe, num tom que mais parecia o de um polícia a interrogar um delinquente.

— Isto vai demorar um bocadinho — avisou-a. — Não queres ir comigo até ali ao carro, para ficarmos mais quentinhos?

Sara olhou fixamente para Zé, como se ele tivesse acabado de dizer uma aberração, mas em seguida hesitou, desviou os olhos para a rua, ganhando um segundo para ponderar a proposta dele e, por fim, assentiu com a cabeça, em silêncio, e seguiu atrás dele para o carro.

Zé abriu-lhe a porta, deu a volta ao carro e entrou por sua vez. Sara manteve-se muda, com os braços cruzados e a olhar em frente, através do pára-brisas.

— Ora bem — disse Zé —, por onde é que eu hei-de começar?

Sara não disse nada, limitou-se a esperar que ele falasse.

— A primeira coisa que eu quero fazer é pedir-te desculpa pelo que aconteceu na última noite em que nos vimos. Eu estava perdido de bêbedo,

como certamente terás reparado, mas isso não é desculpa. A verdade é que te humilhei e, se tu não voltares a falar comigo, vou ter de aceitar isso como um castigo bem merecido. Mas, pelo menos, queria pedir-te desculpa e dizer-te que estou profundamente arrependido do que fiz.

— Ótimo — disse ela, voltando-se para ele tão zangada como antes. — Estás perdoado. Já acabaste? Posso ir-me embora?

— Não, ainda não acabei.

— Hoje também andaste a beber? — atirou-lhe. — É por isso que tiveste um ataque de sentimentalismo e decidiste vir pedir-me desculpa, ao fim deste tempo todo?

— Hoje não bebi — disse Zé, surpreendido com a reacção dela.

— Ai, não? Cheiras a álcool à distância, mas deve ser só impressão minha.

— Bebi só uma cerveja, Sara. Não andei a enfrascar-me. Hoje despedi-me do banco e a seguir fui às Docas beber uma imperial. Foi só isso. Já não me embebedo desde aquela noite.

— Despediste-te do banco?

— Despedi-me.

— Ah, assim já fico muito mais descansada — ripostou ela, carregadinha de ironia.

— Quando eu te pedi para esperares até sexta-feira para te dar uma resposta sobre se queria viver contigo — continuou Zé, passando por cima da observação cáustica dela — foi porque ia jantar com Graça nesse dia e tinha a esperança de que ela me quisesse de volta. Eu não estava a pensar na tua proposta, estava a ganhar tempo. Mas ela disse-me definitivamente que não queria mais nada comigo. Então, eu fiquei cheio de pena de mim e fui ter com a Regina a uma discoteca onde ela trabalha às vezes.

— Tu já a conhecias? — exclamou Sara, cada vez mais indignada.

— Já — admitiu, fazendo que sim com a cabeça.

— Na loja?...

— Eu não sabia que ela trabalhava lá, foi uma coincidência. Fiquei aflito e disfarcei.

— Porquê? Qual era o problema de a conheceres? — perguntou, admirada, mas a resposta ocorreu-lhe de imediato: — Tu andavas metido com ela?

— Não *andava* metido com ela. Passei uma noite com ela, mais nada.

— Que vergonha! — exclamou Sara, abismada, tapando a boca com a mão.

Pois é, pensou ele, sem comentários.

— Na altura em que tu me propuseste vivermos juntos — continuou Zé —, eu ainda achava que gostava da Graça. Achava, mas estava enganado, e, felizmente, ela não me quis de volta. E, para dizer a verdade, eu não queria viver contigo, porque não confiava muito em ti e não estava certo de que gostasse de ti o suficiente para dar esse passo.

— Obrigada pela frontalidade — disse ela, desconsolada.

— É essa a ideia, ser frontal, contar-te tudo, não te enganar, percebes?

— Acho que sim.

— Eu dei cabo do meu casamento porque já não gostava da Graça e fui desonesto com ela. Mas podia ter-me separado dela sem ser desonesto e hoje em dia ainda seríamos amigos e eu teria poupado muito sofrimento. Foi por isso que vim falar contigo, porque percebi que gosto de ti e não quero que a nossa relação acabe desta forma.

— A nossa relação já acabou, Zé, caso não tenhas reparado.

— Tu disseste-me que aquela tua atitude, de apareceres e desapareceres da minha vida, era porque tinhas medo de assumir um compromisso, não querias sofrer uma desilusão. E eu vim dizer-te que me portei como um idiota porque não sabia minimamente o que queria fazer com a minha vida. Ou melhor, pensava que sabia, mas não sabia. E era por isso que andava meio desnorteado e só fazia asneiras. Agora já sei exactamente o que quero, e tenho a certeza de que quero que tu faças parte dela.

Sara manteve-se em silêncio, a olhar em frente. Zé reparou que havia uma lágrima a descer-lhe pelo rosto.

— Eu contei-te isto tudo — acrescentou — porque quero ser honesto contigo.

— Agora já é tarde para isso, Zé — disse Sara, num murmúrio. Graça havia-lhe dito o mesmo, naquele jantar, pensou Zé, sentindo, com enorme desânimo, que perdera irremediavelmente a confiança de Sara.

Ela limpou os olhos marejados de lágrimas com a manga do casaco e depois abriu a porta e saiu, sem dizer mais nada. Zé ficou a vê-la a atravessar o passeio em direcção à entrada do prédio e depois baixou a cabeça, apoiando a testa em cima do volante.

Sara parou à porta do seu prédio, com a cabeça num turbilhão de sentimentos desencontrados, dividida entre o amor por Zé e a indignação que as revelações dele lhe tinham provocado. Enfiou a chave na fechadura devagarinho, a pensar que, apesar de tudo, ele havia sido honesto com ela e que, se ela não lhe desse uma segunda oportunidade, talvez nunca mais encontrasse alguém que amasse tanto como a ele.

Zé sentiu a porta do carro abrir-se de novo e levantou a cabeça, surpreendido por ver que Sara regressara.

— O que é que aconteceu naquela noite, com a tua amiguinha? — perguntou Sara à queima-roupa, inclinada para dentro do carro.

— Não aconteceu nada — respondeu Zé, com um sorriso desconcertado.

— Ela largou-me na cama, tirou-me os sapatos e foi-se embora.

— Prometes que não voltas a desiludir-me?

— Prometo.

— E queres viver comigo?

— Isso aí — disse Zé, comprometido — é uma coisa que temos de conversar muito bem.

Sara revirou os olhos, exasperada.

— Eu logo vi — disse. Fechou a porta novamente e voltou para casa. Mas desta vez Zé saiu do carro e foi atrás dela.

O sol de Julho costuma apanhar a Ericeira cheia de turistas. Na parte antiga da vila, uma muralha imponente ergue-se cerca de trinta metros acima do nível do mar. Do outro lado da estrada que segue ao longo da muralha há uma pequena loja de artesanato que vende garrafas de areia colorida e pranchas de *surf* em segunda mão.

São oito e quinze da tarde e o sol é uma bola perfeita, alaranjada, prestes a afundar-se no mar, na linha do horizonte. Zé e Miguelinho estão sentados na rua, frente à loja, nas suas cadeiras de realizador de cinema com os respectivos nomes inscritos nas costas de lona. Usam óculos escuros, boné encarnado com pala, camisolas de manga curta com o logótipo da loja estampado no peito e calções. Zé está calçado com uns sapatos de ténis velhos e Miguelinho prefere as suas sandálias de gosto duvidoso.

Um rapazinho na casa dos quinze aproxima-se deles, de mão dada com a namorada, e interpela-os.

— Boa tarde, a loja já está fechada?

— Está e não está — diz Miguelinho que, tal como Zé, continua a olhar em frente, por detrás dos óculos escuros, para não perder nem um raio dos últimos resquícios de sol.

O rapaz esboça um sorriso embaraçado e olha para a namorada, que fica na mesma.

— É que — diz o jovem — eu queria ver uma prancha.

— E eu — acrescenta a namorada — gostava de comprar uma garrafa de areia colorida.

— Entrem — diz Miguelinho — e escolham o que quiserem.

O rapaz volta a olhar para a namorada, desconcertado, e depois encolhe os ombros e diz:

— Está bem.

Os jovens entram na loja e Zé começa a rir-se, divertido com a cena.

— O que foi? — pergunta Miguelinho, sem tirar os olhos do sol.

— Nada, nada — responde Zé, sem parar de se rir.

— Não te preocupes — diz Miguelinho, a sorrir — que as garrafas de areia colorida vendem-se sozinhas.

— Estou a ver que sim.

— Queres apostar?

— Não.

Dali a pouco os jovens saem da loja com quatro garrafas. O rapaz faz algumas perguntas sobre as características de uma prancha de *surf* e promete voltar no dia seguinte para a comprar. Entretanto, a rapariga passa a Zé duas notas para pagar as garrafas de areia colorida.

— Eu não te disse? — diz Miguelinho, depois de eles se irem embora.

— Estou impressionado — rende-se Zé. — As garrafas de areia colorida vendem-se sozinhas.

— Além de serem a grande moda deste Verão, as nossas garrafinhas são

um rigoroso exclusivo. Não há volta a dar a esta cena.

— É um negócio fixe — diz Zé.

— É bacano, não é?

— Altamente.

— Um gajo fica aqui a ver o pôr do Sol e as garrafitas vão saindo nas mãos de meninas apaixonadas. É só recolher o chilim.

— Recolher o quê?

— O mónei, o euro, a massa.

— Ah, sim. Ainda não percebi para que é que servem aquelas garrafas.

— Não servem para nada, acho eu.

— Para decoração? — sugere Zé.

— Hum, aquela merda?

— Aposto que as deixam cá todas no fim do Verão.

Zé e Miguelinho inclinam-se para trás, encostando as cadeiras à parede, e acendem um cigarro. Parecem dois gémeos sincronizados.

— A Sara sempre vem? — pergunta Miguelinho, distraído a soprar círculos de fumo que se desfazem no ar.

— Vem daqui a pouco.

— E dorme cá?

— Nããã. Estás a ver a Sara a dormir no nosso apartamento?

— O que é que tem?

— É uma pocilga.

— Ah... achas?

— Acho. E ela também acha.

— Estás apanhadinho.

— Pois estou — confessa Zé.

— E no Inverno, ela vai viver contigo?

— No Inverno, vai.

— E a Graça?

— A Graça — encolhe os ombros — está com o Tó.

— Pois é... — diz Miguelinho, pensativo. — Que cena marada.

— Podes crer.

— Já estás na maior com ela?

— Digamos que já estive pior. Conversei com ela, disse-lhe que ia desistir do processo em tribunal, aumentei-lhe a pensão. Acho que, com o tempo, vamos ficar bem.

— E com o Tó, também estás na boa?

— Eh, também não exageres. Eu quero ser um gajo porreiro, mas não sou nenhum santo.

Remetem-se os dois ao silêncio. Agora o Sol já desapareceu atrás do parapeito da muralha, do outro lado da rua. Depois Miguelinho lembra-se de uma coisa.

— Zé?

— Hum...

— Estive a pensar numa cena do caralho para o Inverno. É um ganda negócio.

— Vende-se sozinho?

— Podes crer.

— Então, conta lá.

PRÓLOGO

Deram um com o outro, por acaso, à saída da estação do Metro do Rossio. Ele a sair, ela a entrar. E esse encontro improvável mexeu de novo com os sentimentos que o tempo havia aplacado.

— Mariana?

— Zé Pedro?

Ele fez que sim com a cabeça e ela correspondeu-lhe com um sorriso tímido.

— Há tanto tempo que eu não te via... — comentou Zé Pedro, abismado com a surpresa, como se fosse um sonho temperado pela nostalgia de uma recordação marcante.

— É verdade — confirmou ela, algo atrapalhada com os três sacos de compras que lhe ocupavam as mãos.

Eram dez e meia da manhã. Uma onda compacta de gente apressada que subia as escadas quase os arrastou pelos degraus acima. Encostaram-se à parede para não serem levados pela multidão.

— Aí há uns quinze, dezasseis anos? — indagou Zé Pedro.

— Pelo menos.

Ele abanou a cabeça. *Não estava nada à espera.* Depois inclinou-se para a beijar no rosto.

— E o que é que andas a fazer? Conta-me tudo — disparou, já refeito da surpresa. — Estás com pressa ou tens tempo para tomarmos um café?

— Estou com um bocadinho de pressa — desculpou-se Mariana. Fez menção de consultar o relógio, mas viu-se impedida pelos sacos e pela manga comprida do sobretudo de caxemira branco.

— Oh, que pena. Mas, olha, gostava de te ver, um dia destes. — Zé Pedro levou a mão ao bolso interior do casaco. — Toma o meu cartão. Telefona-me quando quiseres para tomarmos um café ou almoçarmos.

Enfiou-lhe o cartão no bolso do sobretudo.

— Combinado — assentiu Mariana. — Eu ligo-te.

Despediram-se. Zé Pedro subiu o resto das escadas, parou no topo e voltou-se. Mariana desceu e fez o mesmo. Ele acenou-lhe e ela retribuiu-lhe o gesto com um sorriso envergonhado. Depois desapareceu no interior do corredor do Metro.

Empurrou a porta da livraria às onze em ponto. A loja ficava na Rua Augusta. Não era muito grande nem tinha muitos clientes, mas era sua e Zé Pedro sentia uma certa paz de espírito pelo facto de não depender de ninguém para se sustentar. Estava com quarenta anos e achava que já tivera a sua quota-parte de empregos por conta de outrem.

— Bom dia, Rosa.

— Bom dia, Zé Pedro.

Rosa trabalhava para Zé Pedro desde o primeiro dia. Contratara-a por anúncio. Nunca mais o deixara, e ainda bem, porque, hoje em dia, não saberia o que fazer sem ela. Rosa era uma solteirona desempoeirada, de idade

indefinida. Zé Pedro calculava que ela andaria pelos cinquenta e cinco, mas era apenas uma suspeita. Apesar de se conhecerem há dez anos, nunca estivera em casa dela e, tirando um ou outro almoço ou a troca de presentes simbólicos no Natal, não conviviam socialmente. Mas Rosa fazia-lhe companhia na livraria e Zé Pedro gostava dela como de uma verdadeira amiga. Talvez por ser mais velha e por nunca ter casado nem ter tido filhos, havia em Rosa uma certa condescendência maternal para com ele, que de todo o incomodava.

Atravessou a livraria, passando por entre as duas bancadas centrais e o balcão, e abriu a porta de vidro opaco do gabinete. Era um cubículo com uma secretária cheia de papéis, um computador, um candeeiro metalizado e um armário com as prateleiras atulhadas de dossiês antigos, empoeirados e inúteis.

Quando Zé Pedro se recostava na sua velha cadeira giratória de madeira e esticava os braços para trás para se espreguiçar na intimidade, tocava com as mãos nas prateleiras. O gabinete era tão pequeno que ele só o utilizava para escrever ao computador.

Atirou o casaco para cima de um caixote de livros que esperava destino, deixou-se cair na cadeira e acendeu um cigarro a pensar em Mariana. *Há quanto tempo é que eu não a via?*, fez contas à vida. Estava-se a chegar ao Verão de 2001... Desde Março de 1986, claro.

O café ficava na esquina da Vijzel Straat com a Herengracht. Era um daqueles estabelecimentos típicos de Amesterdão, com o balcão comprido, as mesas e as cadeiras em madeira robusta, as paredes com os tijolos à vista e grandes janelas panorâmicas. Chamavam-lhes *bruine café's* por causa dos seus interiores orgulhosamente obscurecidos ao longo dos anos pelo fumo dos muitos cigarros que iam enegrecendo as paredes e o tecto.

A mulher, jovem, entrou com pressa de se refugiar do frio, a soprar as mãos juntas em forma de concha. Pelo modo como o frio a atormentava via-se logo que não era holandesa, mas isso não tinha nada de invulgar em Amesterdão, uma cidade encantadora, com milhares de turistas a deambular pelas ruas, dedicando-se a explorar todos os recantos.

O empregado viu-a atravessar a sala em direcção a uma mesa junto à janela. Colocou duas pequenas canecas de vidro, transparentes, cheias de água acabada de ferver, e o cesto dos saquinhos de chá diante do casal que estava a servir enquanto a espreitava pelo canto do olho. Ela tirou o casaco, colocou-o em cima de uma cadeira e sentou-se na outra. Deitou um olhar de relance para a sala e depois deixou-se ficar, sonhadora, a contemplar o movimento na rua.

— *Good morning.*

Ela voltou a cabeça ao ouvir a voz cantada que a cumprimentava e deu com o sorriso do empregado. Ele ofereceu-lhe um cartão plastificado.

Sorriu-lhe também e levantou a mão para rejeitar a ementa. — *Just a tea, please* — disse.

Dali a pouco o empregado estava de volta com a caneca de água fervida e o cesto dos saquinhos de chá numa bandeja.

— Onde é que você é? — perguntou-lhe em inglês, num tom casual.

— De Portugal.

— Ah, bom. Então podemos falar em português.

O rosto dela iluminou-se com um sorriso encantado ao ouvi-lo. — Também é português — disse. Não foi uma pergunta mas uma constatação admirada. — Que engraçado.

— Também — confirmou ele, fazendo uma expressão de cumplicidade, como se estivesse a confessar um segredo.

— Vive cá ou é trabalho de férias?

— Um bocadinho das duas coisas. Vim passar uma temporada e, como gostei, tenho ficado por cá. E você?

— Eu estou só de visita.

— Sozinha?

— Hum-hum — assentiu com a cabeça. — Estamos em 1986, uma rapariga pode viajar sozinha.

— Claro — concedeu —, estava só curioso. É a primeira vez?

— Que viajo sozinha?

Ele riu-se, *tem graça, a miúda.*

— Em Amesterdão.

— É — respondeu ela.

Um cliente fez sinal de longe.

— Eu volto já — disse, e foi atender o cliente.

Os olhos dela seguiram-no curiosos. Ele pressentiu-os e voltou-se, sorridente. Ela baixou a cabeça, um pouco embaraçada. Deitou um saquinho de chá na caneca e ficou a ver o lento processo do chá a misturar-se com a água e a tingi-la de castanho. Deitou o açúcar, mexeu a bebida com uma colher, ergueu a caneca e deixou-a esquecida na mão, concentrada no movimento da rua. Observou uma mulher que passava numa bicicleta com o filho, muito pequeno, encaixado entre a mãe e o guiador. Acompanhou-os enquanto atravessavam uma ponte por cima do canal, até desaparecerem na outra margem. Estava só há algumas horas em Amesterdão mas já percebera que a bicicleta era o meio de transporte favorito na cidade. Por vezes uma pessoa deparava com parques de estacionamento de bicicletas de dimensões inadmissíveis, e perguntava-se como seria possível alguém encontrar a sua bicicleta entre milhares.

Viera de comboio desde o aeroporto de Schiphol até à Estação Central, um edifício monumental acabado de construir em finais do século XIX e que desembocava na cidade. Esta abria-se aos visitantes a partir dali, formando um leque de canais fluviais circulares, ao longo dos quais se erguiam prédios datados do século XVII em diante. Os edifícios eram exemplares de uma arquitectura única e de uma conservação escrupulosa.

O empregado voltou à mesa dela.

— Eu saio às cinco — disse. — Se você quiser, apareça por essa hora que eu levo-a a conhecer a cidade.

— Ah, não sei — brincou ela. — Tenho de ver a minha agenda para hoje.

— Muitas reuniões?

— Pois é... — Levantou-se e vestiu o casaco. — Quanto é o chá?

— Não é nada.

— Não é nada?

— É oferta da casa. O patrão não está, sou eu que decido — declarou ele a rir-se.

Acompanhou-a até à saída e abriu-lhe a porta.

— Então, até às cinco?

Ela voltou-se, encarando-o, hesitante, mas depois o seu rosto abriu-se num sorriso despreocupado.

— Até às cinco.

Amesterdão era a cidade dos canais, das bicicletas e dos edifícios centenários, um modelo de tolerância e uma verdadeira festa para os apreciadores de pintura. Os quadros de Van Gogh, Rembrandt, Vermeer, entre muitos outros, enchiam as paredes de alguns dos melhores museus do mundo. De modo que não faltariam ao empregado do velho *bruine café* motivos de interesse para cativar a portuguesa de belos cabelos castanhos e olhos escuros e tímidos que lhe entrara, de surpresa, pela porta do café, ao final da manhã.

Ela regressou às cinco em ponto. Assim que a viu, livrou-se do avental preto com o logotipo do café, vestiu um casaco e convidou-a a sair.

— Vamos?

— Vamos.

Segurou a porta para a deixar passar e seguiu-a.

— Não tem frio? — admirou-se ela, abafada num casaco bem grosso por cima de uma camisola de lã com gola alta. Ele trazia apenas uma camisa de flanela aos quadrados em tons de castanho e calças de ganga pretas, além do casaco de camurça.

— Tenho — confessou —, mas já estou a habituar-me.

— Eu não — suspirou ela.

Ficaram ali parados no passeio em silêncio, a olhar um para o outro, num impasse momentâneo, até que ele quebrou o silêncio. — Então, como é que você se chama?

Ela sorriu-lhe, embaraçada, sentindo-se uma rapariguinha desajeitada.

— Mariana Torres — respondeu. — E você?

— Zé Pedro Vieira.

— Zé Pedro Vieira?, o José Pedro Vieira?!

— O próprio — confirmou, espantado por ela o reconhecer. — Conhece-me?

— Claro, é escritor, não é?

Ele torceu o nariz.

— Eu não sou escritor. — Fez um gesto com a mão, como se quisesse varrer essa ideia da cabeça dela. — Eu só escrevi um livro.

Mas Mariana levou a mão à boca e ele achou divertido aquele seu gesto quase adolescente.

— Zé Pedro — disse, enquanto soltava as alças da pequena mochila de couro que trazia às costas e a abria —, você não vai acreditar, mas eu tenho aqui o seu livro.

Ficou estarrecido. Era verdade, ela tinha um exemplar do livro que ele escrevera.

Era uma história de amor, passada em Amesterdão, uma edição de autor onde Zé Pedro investira todas as suas poupanças, animado por uma confiança desmedida, mas que não se vendera lá muito bem. Uma desilusão.

— Então foi você que o comprou — sorriu, a tentar fazer graça com o assunto.

— Como, fui eu? — protestou Mariana, indignada. — Eu *adorei* este livro. É uma história lindíssima.

— Achou, sinceramente?

Mariana fez que sim com a cabeça, peremptória.

— Obrigado — agradeceu então Zé Pedro, rendido ao entusiasmo dela.

— De nada.

Foi um momento estranho. Zé Pedro estava longe de imaginar que alguém pudesse aparecer-lhe à frente com um exemplar do seu livro e lhe dissesse que adorara lê-lo, muito menos ali em Amesterdão, longe de casa, do seu círculo de amigos e da família. Para Zé Pedro, tratava-se de um projecto falhado, um livro ignorado e a ganhar pó nas prateleiras mais recônditas das livrarias. Era, enfim, algo que preferia esquecer. Ficou comovido.

— Nem imagina como foi bom ouvir esse elogio.

Passearam ao acaso pelas ruazinhas estreitas da parte antiga da cidade. Mariana gostou de ver as montras das lojas de roupa, com os seus manequins de plástico vestidos com o último grito da moda. Entraram numa loja de *souvenirs* e percorreram as prateleiras recheadas de socas holandesas, túlipas de madeira, prediozinhos de loiça, bandeirinhas e mapas. Pararam diante da montra de um cabeleireiro que mais parecia um antiquário. Lá dentro *o artista* penteava as clientes entre dois goles de champanhe, num ambiente acolhedor e surpreendente. Mais à frente, entraram numa galeria de arte. Ficaram algum tempo a admirar os óleos, quase vivos, de um desconhecido russo. Os quadros, inspirados em propaganda panfletária, transmitiam a nostalgia revolucionária da União Soviética leninista. Zé Pedro sentiu-se atingido em cheio por memórias não muito distantes, mas não comentou o assunto, por achar desapropriado começar a desenterrar fantasmas íntimos.

Voltaram a sair para o frio e foram dar à praça Rembrandt. Zé Pedro sugeriu que entrassem no Grand Café l'Opera, velho poiso dos artistas de outras épocas, considerado um monumento da *Art Déco*. Sentaram-se a uma mesa, em confortáveis cadeiras de vime, e mandaram vir bebidas.

— Uma *Palm* — pediu Zé Pedro. — Quer experimentar a cerveja local?

— Prefiro um chá — disse Mariana.

— Uma adepta do chá.

— Não, é que não posso beber álcool.

— Não?

— Não.

— Porquê?

Mariana encolheu os ombros.

— Nada de especial — disse, e desviou a conversa para outro assunto.

Não foi difícil conversarem. Zé Pedro não falava português há muito tempo e aproveitou para desempoeirar a língua.

— Aquele café onde nos conhecemos?

— Sim...

— Fui para lá trabalhar quando cheguei a Amesterdão. Andava por aí com

uma mochila às costas e o dinheiro estava a acabar-se. Ia a passar lá à porta, vi o anúncio e perguntei o que é que dizia, porque estava em holandês, e, como era uma oferta de emprego, candidatei-me.

— E o patrão não se importou por você não falar holandês? — Nem por isso. Aqui toda a gente fala inglês.

— Mas por que é que decidiu vir para a Holanda?

— Foi mais ao menos ao acaso. Eu queria conhecer a Europa e queria escrever um livro. Tinha um emprego estúpido num banco, despedi-me e meti-me num avião. Arranjei este emprego, aluguei um apartamento, e trabalhava de dia e escrevia de noite. Estive neste regime durante um Inverno. Depois, quando acabei o livro, voltei a Portugal e tentei editá-lo. Como não arranjei nenhuma editora que o quisesse, fiz uma edição de autor.

— E depois voltou para cá.

— Não foi logo, ainda fiquei por lá uns seis meses. Eu queria ser escritor, mas a venda do livro correu tão mal que fiquei desmoralizado. De modo que voltei.

— E recuperou o seu emprego.

— Exacto.

Mariana olhou para Zé Pedro, pensativa.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela hesitou um instante, mas depois chegou-se à frente na cadeira e apoiou os cotovelos na mesa, como se tomasse balanço para dizer algo importante.

— Zé Pedro — os seus olhos escuros e grandes brilharam com intensidade —, tenho um segredo para lhe contar.